

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

DOLORES FERREIRA DE MELO LOPES

MULHERES DOCENTES DE ENFERMAGEM
DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA:
A PERCEPÇÃO A RESPEITO DA CORPOREIDADE
EM SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1 Introdução

DOLORES FERREIRA DE MELO LOPES

**MULHERES DOCENTES DE ENFERMAGEM
DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA:
A PERCEPÇÃO A RESPEITO DA CORPOREIDADE
EM SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL**

Tese apresentada à Escola de
Enfermagem da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Doutor
em Enfermagem.

ORIENTADOR:
Prof^a Dr^a. Miriam Aparecida Barbosa
Merighi

1 Introdução

AUTORIZO A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTA OBRA, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____ Data: ____/____/____

Dolores Ferreira de Melo Lopes

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Lopes, Dolores Ferreira de Melo.

Mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública: a percepção a respeito da corporeidade em sua atuação profissional / Dolores Ferreira de Melo Lopes. – São Paulo, 2009.

161p.

Tese (Doutorado) - Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr^a Miriam Aparecida Barbosa Merighi.

1. Enfermagem (educação) 2. Professores (enfermagem)
3. Pesquisa qualitativa 4. Fenomenologia. I. Título.

1 Introdução

FOLHA DE APROVAÇÃO

NOME: DOLORES FERREIRA DE MELO LOPES

TÍTULO: Mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública: a percepção a respeito da corporeidade em sua atuação profissional

Tese apresentada à Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

APROVADO EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF(a). DR(a).: _____

INSTITUIÇÃO: _____

JULGAMENTO: _____ ASSINATURA: _____

PROF(a). DR(a).: _____

INSTITUIÇÃO: _____

JULGAMENTO: _____ ASSINATURA: _____

PROF(a). DR(a).: _____

INSTITUIÇÃO: _____

JULGAMENTO: _____ ASSINATURA: _____

PROF(a). DR(a).: _____

INSTITUIÇÃO: _____

JULGAMENTO: _____ ASSINATURA: _____

PROF(a). DR(a).: _____

INSTITUIÇÃO: _____

JULGAMENTO: _____ ASSINATURA: _____

A Deus

**Força superior do universo, que me conduziu
por caminhos não esperados, lado a lado dando-me
sabedoria e discernimento para a conclusão
deste estudo. Por estar presente em
minhas reflexões e em minha vida.**

Dedico este trabalho

A meu pai Francisco,
exemplo de ser humano que com sua
presença ajudou na construção daquilo que sou.

A minha mãe Davina,
que com seu amor ensinou-me e contribuiu
para meu crescimento como mãe e mulher .

A Vanessa,
filha maravilhosa, companheira insubstituível
e muito amada que dá brilho a minha vida.

Ao Billy,
meu genro querido, sempre disponível para
me ajudar em todas as minhas necessidades.

A meu esposo Renê
que, com amor, compreensão e carinho,
me deu apoio ao longo da elaboração desta pesquisa.

A meus irmãos, Diva, Dorothi, Débora, Ferdinando e Flávio
por fazerem parte da minha existência.

A Camila e Daniela,
filhas do coração pelo carinho e incentivo.

1 Introdução

Agradecimentos especiais

À professora Dr^a Miriam Aparecida Barbosa Merighi
pelos ensinamentos preciosos que nortearam
o desenvolvimento desta pesquisa.

A Mara Lúcia Garanhani
pela sensibilidade e tempo tão precioso que dispôs para
me ouvir trazendo sempre sugestões tão sensatas ao estudo.

A Maria Elisa
amiga e companheira pela alegria contagiante
que me motivou nos momentos difíceis.

Ao Grupo de pesquisa em Enfermagem e a Subjetividade da mulher
que vivencia o processo saúde-doença, pelas sugestões e apoio.

A Maria Emília, Renato e Júlia
anjos da guarda que me acolheram em São Paulo,
pessoas maravilhosas que eu amo.

A Ivone Borelli
pela revisão do texto em língua portuguesa.

Ao Quintino e Márcia
pela revisão e correções das referências bibliográficas.

Aos amigos Oswaldo Yokota, Cibele, Edite, Ligia e Renata
pelo incentivo, pelos sorrisos e bom humor nas horas difíceis.

Às mulheres docentes de enfermagem do Departamento
de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina,
pela disposição em participar deste estudo.

1 Introdução

Lopes DFM. Mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública: a percepção a respeito da corporeidade em sua atuação profissional [Tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2009.

RESUMO

Por meio do corpo e da corporeidade, podem ser feitas escolhas e interagir com os outros, de maneira verdadeira e autêntica, além de intervir nos fatos relacionados à natureza e aos fenômenos humanos, mudar, criar, compartilhar, ensinar, transformar e ser transformado. Este estudo buscou compreender como a mulher docente de enfermagem percebe seu corpo em sua atuação docente. A pesquisa qualitativa foi usada com a abordagem fenomenológica. Participaram da investigação dez mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública. Seus depoimentos foram coletados por meio de entrevistas com as seguintes questões norteadoras: Como você se vê como mulher e docente de enfermagem? Que significados você atribui ao seu corpo, sendo mulher e docente de enfermagem? Como você utiliza o seu corpo no ensino da enfermagem? Como você percebe a postura corporal dos alunos de enfermagem? O que você observa neles que considera serem respostas às suas posturas corporais? Os discursos foram analisados e interpretados à luz do referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty, originando-se três temas: **Corporeidade: expressão da vivência, Corporeidade o ser mulher, Corporeidade e a docência de enfermagem.** Os resultados do estudo permitiram compreender que a mulher, docente de enfermagem, utiliza-se de seu corpo e corporeidade em sua prática pedagógica, tendo intencionalidades e ações que demonstram a consciência do corpo, além dos aspectos meramente biológicos. Atribuem ao corpo-corporeidade significados importantes que podem contribuir na existência do ser mulher docente de enfermagem e, certamente, repercutir na prática e no conhecimento em enfermagem.

UNITERMOS: Ensino. Enfermagem. Pesquisa qualitativa. Fenomenologia.

1 Introdução

Lopes DFM. Women nursing professors of a public university: perception with respect to corporality in their professional practice [thesis]. São Paulo (SP): USP School of Nursing; 2009.

ABSTRACT

By means of the body and corporality, choices can be made that affect interaction with others in a real and authentic manner, as well as intervene in aspects related to the nature of human phenomena: change, creation, sharing, teaching, transformation and being transformed. This study sought to comprehend how a woman professor of nursing perceives her body in her professional practice. Qualitative research was used with a phenomenological approach. Ten women participated in the investigation, all professors of nursing at a public university. Their statements were collected by means of interviews with the following questions: How do you see yourself as a woman and professor of nursing? What meanings have you attributed to your body as a woman and a professor of nursing? How do you utilize your body in the teaching of nursing? How do you perceive the corporal posture of your nursing students? What do you observe in them that you consider responses to your corporal postures? The statements were analyzed and interpreted in light of the theoretical-philosophical reference of Maurice Merleau-Ponty, giving rise to three themes: **Corporality: expression of existence, Corporality of the woman being, Corporality and the teaching of nursing**. The results of the study showed that the woman professor of nursing utilizes her body and corporality in her professorial practice, having intentionalities and actions that demonstrate an awareness of the body beyond mere biological aspects. They attribute to body-corporality important meanings that can contribute to the existence of the woman professor of nursing and, certainly, have repercussions on the practice and understanding of nursing.

KEY WORDS: **Teaching. Nursing. Qualitative research. Phenomenology.**

1 Introdução

LOPES DFM. Mujeres docentes de enfermería de una universidad pública: la percepción respecto a la corporeidad en su actuación profesional [tesis]. São Paulo (SP): Escola de Enfermagem de USP; 2009.

RESUMEN

Por medio del cuerpo y de la corporeidad, pueden hacerse elecciones e interactuar con los demás, de manera verdadera y auténtica, además de intervenir en los hechos relacionados a la naturaleza y a los fenómenos humanos, cambiar, crear, compartir, enseñar, transformar y ser transformado. Este estudio buscó comprender como la mujer docente de enfermería percibe su cuerpo en su actuación docente. La investigación cualitativa fue usada con el abordaje fenomenológico. Participaron de la investigación diez mujeres docentes de enfermería de una universidad pública. Sus testimonios fueron recolectados por medio de entrevistas con las siguientes cuestiones: Como se ve usted como mujer y docente de enfermería? Qué significados usted atribuye a su cuerpo siendo mujer y docente de enfermería? Como utiliza usted su cuerpo en la enseñanza de enfermería? Como usted percibe la postura corporal de los alumnos de enfermería? Qué observa usted en ellos que considera sean respuestas a las sus posturas corporales? Los discursos fueron analizados e interpretados a la luz del referencial teórico-filosófico de Maurice Merleau-Ponty dando origen a tres temas: **Corporeidad: expresión de la vivencia, Corporeidad el ser mujer, Corporeidad y la docencia de enfermería.** Los resultados del estudio permitieron comprender que la mujer, docente de enfermería, se utiliza de su cuerpo y corporeidad en su práctica pedagógica, teniendo intencionalidades y acciones que demuestran la consciencia del cuerpo, además de los aspectos meramente biológicos. Atribuyen al cuerpo-corporeidad significados importantes que pueden contribuir en la existencia del ser mujer docente de enfermería y, seguramente, repercutir en la práctica y en el conocimiento de enfermería.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza. Enfermería. Investigación cualitativa, fenomenología.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 O DESPERTAR PARA A TEMÁTICA	12
1.2 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA DO ESTUDO	16
1.2.1 CONCEITUANDO CORPO E CORPOREIDADE	16
1.2.2 REFLETINDO SOBRE A MULHER, A ENFERMEIRA, A DOCENTE E SUA CORPOREIDADE	25
2 O ENCAMINHAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO	35
2.1 O CORPO COMPREENDIDO SOB À LUZ DO REFERENCIAL FILOSÓFICO DE MERLEAU-PONTY	38
3 PERCORRENDO A TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	47
3.1 SUJEITOS DA PESQUISA E REGIÃO DE INQUÉRITO	48
3.2 A COLETA DOS DISCURSOS	48
3.3 CONSTRUINDO OS RESULTADOS	50
4 APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS	51
4.1 CORPOREIDADE: EXPRESSÃO DA VIVÊNCIA	52
4.2 CORPOREIDADE: O SER MULHER	63
4.3 CORPOREIDADE E A DOCÊNCIA DE ENFERMAGEM	67
5 COMPREENDENDO A CORPOREIDADE DA MULHER DOCENTE DE ENFERMAGEM NA SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL	103
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	115

1 Introdução

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 124

ANEXOS

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO 126

ANEXO B – ENTREVISTAS 127

1 Introdução

1 Introdução

1.1 O DESPERTAR PARA A TEMÁTICA

Minha aproximação com a docência fez-se presente desde a infância. Meus pais eram professores e foram meus primeiros mestres, alfabetizaram-me e com eles convivi não só no contexto familiar, mas também no aprendizado. Desde então, tenho empatia pela profissão e muitos fatos ainda permanecem em minha lembrança.

Assim, a forma como procuravam me ensinar, o modo como se comportavam e agiam, a expressão de suas faces, a linguagem, o tom de voz e os valores que possuíam frente as diversas situações existenciais, tornaram-se exemplos que ainda utilizo em meu cotidiano profissional.

Em razão desse vínculo familiar observava, como se transformavam quando davam aulas e exerciam suas atividades de ensino. Ao se colocarem na condição de professores, reagiam às situações de modo distinto daquele que acontecia no âmbito familiar. A forma como se comunicavam e ensinavam, a paciência, a tolerância, o toque físico na vitória pelas primeiras letras, o afago, o olhar de aprovação e os limites que impunham pareciam diferentes.

Percebia a dedicação relacionada à profissão, o trabalho que não se concluiu com o período de aula: cadernos para corrigir, o planejamento da aula do dia seguinte, o adormecer tarde em função das atividades de ensino, o cansaço físico, o estresse pela sobrecarga de responsabilidade com as crianças e as atividades domésticas e familiares assumidas, sobretudo, por minha mãe.

Tal realidade possibilitou-me notar o desgaste que, em muitos momentos, demonstravam. No dia seguinte, iniciavam a mesma tarefa árdua, mas também prazerosa pela afinidade com a profissão. O cansaço físico, os problemas pessoais e financeiros e os de saúde, muitas vezes, presentes eram esquecidos e, ao adentrarem à sala de aula, revestiam-se de outra imagem. Imagem esta que transmitia saber, segurança, simpatia, amor à profissão,

1 Introdução

dedicação e esforço para ensinar, como se nada mais existisse, além do desejo de fazer com que seus alunos aprendessem.

Desde essa época, chamava minha atenção a atitude corporal de um professor em sala de aula. Anos mais tarde, ao cursar o ensino fundamental e médio, continuei observando a forma de agir dos professores com os quais convivi.

Tive professores com as mais diversas características: rígidos, que não esboçavam nem um leve sorriso que pareciam chegar para aula cansados e a contragosto, que não olhavam para os alunos, não ouviam, ou, quando ouviam, sempre demonstravam certa desvalorização. Era como se não percebessem minhas necessidades enquanto aluna.

Alguns, por meio dos gestos e do tom de voz, mostravam-se estimulantes, empáticos e abertos aos inter-relacionamentos, outros ministravam aulas o tempo todo sentados atrás de uma mesa, como se dividissem e demarcassem o espaço ocupado por eles, professores e, por nós, alunos.

Utilizavam seu corpo das mais variadas formas, buscando estratégias para chamar a atenção e estimular a curiosidade dos alunos em relação às disciplinas a serem apreendidas.

Nas minhas atividades acadêmicas, durante o Curso de Graduação em Enfermagem, a realidade vivenciada não foi diferente. Muitos professores chamavam a atenção para os cuidados que deveríamos ter com nosso corpo no tocante à apresentação pessoal : unhas curtas, pouca maquiagem, cabelos presos.

Aconselhavam também, o desenvolvimento de atitudes de empatia, como o saber ouvir e se comunicar de forma positiva nas relações com o paciente e equipe de saúde. O domínio próprio e o equilíbrio emocional diante de situações difíceis, não deixando transparecer sentimentos de medo, temor ou insegurança durante a realização dos procedimentos, também eram recomendações freqüentes. Era o corpo, novamente, fazendo parte de minha

1 Introdução

existência, fazendo parte do meu mundo-vida, juntamente com um ser-corpo doente.

Anos mais tarde, ao terminar o curso de graduação em enfermagem, revivi e experienciei algumas percepções frente ao significado de meu corpo na vida profissional, como enfermeira assistencial. A liderança na equipe de trabalho, as inter-relações com a equipe de saúde e com o paciente, também, eram influenciadas pelo meu corpo.

Assim a firmeza nas decisões, o tom de voz, a comunicação verbal e a não verbal, a postura ético-profissional e o desgaste físico fizeram-se presentes em minha existência no âmbito profissional. Percebi, também, o quanto a conquista de respeito junto à equipe de trabalho dependia de minhas atitudes e reações enquanto corpo e ser no mundo.

Hoje, continuo percebendo a influência do corpo no ensino e no cuidado de enfermagem. Percebo que a profissão exige dos nossos corpos muito mais do que imaginamos. Constantemente, deparamo-nos em nosso dia a dia com a alegria, o sofrimento, o nascimento, a morte, a dor, a cura, exigindo muito do equilíbrio emocional.

Como enfermeira, docente do Departamento de Enfermagem de uma Universidade Pública, observo que, por vezes, as outras professoras confidenciam e demonstram os mesmos sentimentos e atitudes que presenciei desde minha infância em relação ao processo educativo e à corporeidade. Percebo grande preocupação com a aparência pessoal, sobretudo nos dias em que ministram aulas ou atuam em campo de estágio. Noto a maneira como se vestem, os gestos e as atitudes que se fazem presentes de maneira diferenciada, muitas vezes, ocultando uma série de problemas vivenciados em seu cotidiano.

Consideram a profissão estressante em virtude da responsabilidade de assistir, ensinar e pesquisar. Somam-se, ainda, por ser a maioria mulheres, as atividades de mãe, esposa e cuidadora da família.

1 Introdução

Percebo nas docentes com as quais convivo a mesma postura que identificava em meus pais, o desejo e o compromisso de ensinar, em detrimento do que o corpo pede, sente e exige.

.A questão da ascensão da carreira, o cumprimento da carga horária da grade curricular, as atividades administrativas inerentes à docência fazem-se presentes no cotidiano da mulher docente de enfermagem.

Considerando que a docência de enfermagem é exercida majoritariamente por profissionais do sexo feminino, escolhi como sujeitos deste estudo mulheres que desenvolvem esta prática. Mulheres que fazem parte de meu mundo- vida e vivenciam sua corporeidade no dia a dia do mundo do ensino, da prática e da pesquisa em enfermagem.

Frente às considerações apresentadas acima surgiram várias inquietações: A mulher educadora de enfermagem percebe seu corpo no desenvolvimento de suas atividades profissionais? Atribui significado a seu corpo no desempenho de seu trabalho? Como percebe seu corpo no ensino da enfermagem?

Estas inquietações impulsionaram-me a desenvolver este estudo com o objetivo de: *Compreender como a mulher docente de enfermagem percebe seu corpo na sua atuação profissional.*

Acredito que o desvelar do fenômeno corpo-corporeidade da mulher docente de enfermagem em sua atuação profissional poderá trazer subsídios para melhor compreensão do ser mulher docente de enfermagem contribuindo no incremento do ensino, do cuidado e da produção de conhecimento em enfermagem.

Reconhecer-se como corporeidade e compreender a sua relação no ambiente da profissão, provavelmente possibilitará à docente um fazer pedagógico que propiciará melhor interação docente-aluno, docente-equipe de saúde e docente-docente, o que poderá facilitar o conhecimento de si e de suas relações nas atividades profissionais.

1 Introdução

Este estudo, também, poderá subsidiar discussões a respeito da corporeidade na prática pedagógica e na educação dos profissionais de enfermagem, bem como, maior conscientização desta temática no contexto da profissão.

Justifica-se, ainda, a realização deste estudo pela carência de publicações relacionadas à esta temática.

Scorsolini-Comin e Amorim (2008) corroboram com esta afirmação. Após busca bibliográfica nas bases de dados PsycInfo, Medline, Scielo e Lilacs, no período de 1970 a 2005, os autores identificaram só 11 artigos indexados e estes não definiam com clareza o conceito de corporeidade, concluindo que o tema merece maior exploração. Segundo os autores, entre estes estudos, apenas um deles (Polak, 1997) explicita claramente a noção de corporeidade com conceitos trazidos da fenomenologia Merleau-Pontyniana.

Finalizo esta apresentação relacionada ao encontro do pesquisador com o objeto de pesquisa e na sequência, a fim de melhor contextualizar o leitor sobre a temática do estudo, julguei pertinente discorrer sobre os principais conceitos de corpo e corporeidade.

1.2 CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA DO ESTUDO

1.2.1 CONCEITUANDO CORPO E CORPOREIDADE

Corpo e corporeidade são conceitos que se entrelaçam, pois são interdependentes na experiência existencial do ser humano. Não existe corpo sem corporeidade e, da mesma forma, a corporeidade necessita do corpo, para se concretizar como fenômeno humano.

Embora a corporeidade sempre tenha existido, desde a origem do ser humano, o conceito só se expandiu à medida que as pessoas foram

1 Introdução

buscando novas concepções que as levassem a compreender o ser humano e seu corpo em toda a sua dimensão existencial.

Se resgatarmos um pouco da história da humanidade, perceberemos que, desde seu aparecimento o homem em seu espaço existencial, utiliza sua corporeidade para evoluir, criar e aprender dentro do contexto em que vive.

A preocupação em compreender e conceituar o ser humano como corpo, vem desde a antiguidade e, nas diversas culturas e períodos históricos, percebeu-se sua influência na interação com o mundo e com tudo que dele fazia parte, bem como na forma como pensavam e estabeleciam seus valores, suas crenças e modos de se relacionar com as outras pessoas.

Na era primitiva, o Homo Sapiens já utilizava seu corpo e sua corporeidade, usufruindo de sua linguagem e da elaboração de técnicas aprimoradas de sobrevivência, bem como de certo dom artístico e do controle de seu território por meio de seus órgãos de sentidos. Ele passou a utilizar da racionalidade, de seus sentidos e de seu corpo, assim como de seus atributos, para se relacionar melhor com o espaço onde vivia e do qual tirava proveito (Fiorentim, 2006).

A história mostra-nos que a civilização ocidental, especificamente a da antiga Grécia e a romana apresentavam a visão dualista homem, corpo e alma, considerando o corpo como um veículo e, ao mesmo tempo, como a prisão da alma.

Na Grécia antiga o corpo era visto como um objeto de exaltação e de interesse do Estado que atribuía valor ao seu desempenho físico, à sua saúde e à fertilidade. Em Esparta, as atividades corporais recebiam um lugar de relevo na educação de jovens, pois o objetivo era moldar corpos saudáveis e férteis. Já em Atenas, na educação corporal, imperava o ideal de ser humano bonito e bondoso. Nas demais cidades gregas, a atividade corporal era desenvolvida com vistas no desempenho nos Jogos Olímpicos. Mas, as

1 Introdução

atividades corporais das classes sociais mais pobres tinham, como objetivo, a preparação para a guerra (Siebert, 1995).

Na Idade Média, período que se iniciou no século IV e durou até o final do século XV, o corpo do homem era o responsável pelos pecados e a igreja impunha diversos tipos de punição corporal, pois acreditava que, com isto, a alma poderia ganhar o céu.

Segundo Rosário (2004), o bem da alma estava acima dos desejos e prazeres da carne e, portanto, acima dos aspectos materiais. O corpo tornou-se culpado, perverso e necessitado de purificação por isto, havia incentivo ao autoflagelo, a enforcamentos e a apedrejamentos, com execuções em praça pública.

A partir do Renascimento e do Humanismo, períodos que compreendem os séculos XV e XVI, o homem começa a ser moldado para suprir a demanda do mercado de trabalho, ou seja, para atender às necessidades emanadas do sistema sóciopolítico-econômico-cultural então vigente (Polak, 1996).

Oposto ao conceito medieval, inteiramente submetido à Igreja e ao Sacro Império Romano-Germânico, o Humanismo idealiza um homem livre em relação à natureza e à sociedade, e esta liberdade dá-lhe capacidade de influenciar e intervir no mundo do qual faz parte.

O pensamento cartesiano e a abordagem biomédica conceituaram o corpo como um sistema composto de partes, isoladamente vistas, compreendidas e tratadas, por meio de especialidades instituídas na área da saúde (Marzano-Parisoli, 2004). A medicina ocidental utilizou este modelo de corpo-máquina como referência para o tratamento de disfunções e patologias, prática frequente ainda nos tempos atuais.

No século XIX, a revolução industrial trouxe à tona um corpo do qual se exigia força física, disciplina, vigor e produtividade que pudesse cumprir, de forma mecânica e automatizada, longas jornadas de trabalho, em atendimento à expansão do capitalismo.

1 Introdução

Todas as condições que cercam o trabalho, sobretudo o trabalho operário, na sociedade industrial, trazem consequências à integralidade física e psíquica do homem. Problemas físicos, tais como atrofias e defeitos posturais e musculares, surgem como consequência da realização de movimentos repetitivos que comprometem a saúde do trabalhador (Gonçalves, 2002).

A visão mecanicista e fragmentada do corpo, valorizada principalmente no início da era industrial, e as diversas formas de ver a natureza, o mundo e o ser humano foram se modificando através dos tempos, com os avanços da ciência e da filosofia.

Herold Júnior (2009) ao discorrer sobre corpo, inteligência e transformações no mundo do trabalho destaca que é necessário romper com as dicotomias tradicionais cartesianas e que o trabalhador no processo produtivo utiliza-se da sua corporeidade e da sua cognição na execução do seu trabalho.

Assim, o corpo começa a ser considerado mais do que um simples instrumento da razão ou da vontade dos homens e, como resultado dos avanços paradigmáticos da filosofia e da ciência, passa a ser visto como expressão da construção histórica das relações sociais entre homens e natureza, na constituição de seus modos de vida (Melo, 2004).

Neste contexto o conceito de corpo passa a ser descrito por vários autores e visto em uma dimensão mais holística e integralizada, ou seja, não apenas em seu aspecto biológico, mas a partir da consideração de que o indivíduo, com toda a sua subjetividade, faz parte de um mundo sobre o qual tem influência e é por ele influenciado, existindo em toda a sua plenitude.

O corpo é tempo e espaço, é sensibilidade, é expressão, fala, linguagem, isto é, espaço expressivo, conjunto de significações que, ao serem vividas durante nossa deambulação existencial, passam a fazer parte do nosso ser, da nossa bagagem cultural e histórica que fazem do corpo “memória”, memória que guarda, retrata, conta e faz histórias, porque vivencia e experiencia o ser e o estar no mundo, o ser-ao-mundo em um processo de coexistência (Labronici, 1998, p. 34).

1 Introdução

Atrelados a esta concepção, os conceitos de corpo e corporeidade destacam-se e entrelaçam-se como únicos e inseparáveis, na perspectiva de que o ser humano como um corpo presente no mundo existencial é, também, sentimento, percepção e linguagem, pois se comunica com os outros e busca, por meio de sua vivência, melhores perspectivas de vida.

A corporeidade é o corpo envolvido no mundo, relacionando-se com os seres e as coisas. É um processo vivo, não confinado a seus limites físicos, mas, aberto para o mundo. É formado de um homem exterior e interior e que ambos fazem parte do mundo e da existência (Araiza, Gisbert, 2007; Montenegro Medina, Ornstein Letelier, Tapia Ilabaca, 2006; Muramatsu, 2001; Ortega, 2007).

No mundo, o corpo concretiza-se em sua totalidade, como um ser vivo e participante, formado não apenas de sua objetividade, mas, de subjetividade que compõem seu ser no espaço temporal em que vive.

O conceito de corporeidade amplia o de corpo, ao incluir a mediação espaço temporal imbricada com sua constituição e expressão como subjetividade. De acordo com essa perspectiva, a corporeidade deve ser entendida como a forma de mediação entre dois mundos: subjetivo objetivo, eu outro e indivíduo e sociedade (Tavares, Albertini, 2005).

Araújo (2004, p. 4) revela que:

O homem está presente no mundo pelo seu corpo, não enquanto entidade físico-biológica, mas um corpo enquanto dimensão constitutiva e expressiva do ser humano. O ser humano, por meio de seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores normas e costumes sociais, num processo de incorporação.

Assim, a corporeidade constitui-se de quatro dimensões, a primeira dimensão denominada física, aborda a estrutura orgânica, biofísica e motora, estrutura esta que organiza todas as dimensões humanas. A segunda, trata dos instintos afetivos, pulsos, reação, afetos, e é chamada emocional. A terceira, diz respeito aos aspectos mentais e espirituais, abrangendo a cognição, a razão, o pensamento, as idéias, ou seja, a consciência. Todas estas

1 Introdução

dimensões estão indissociadas da totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade (João, Brito, 2004).

A dimensão humana extrapola os aspectos biológicos e objetivos, possui afetividade, cognição, razão, consciência e espiritualidade. Estes elementos são fundamentais na sua vivência como corporeidade, pois é no mundo que as pessoas se aperfeiçoam como seres existenciais.

Corporeidade é corpo, mente, espírito, emoções, movimento, relações com nosso próprio 'eu', com as outras pessoas e com o mundo a nossa volta. Envolve a idéia de que nosso corpo é constituído não só pelo que nos é próprio (nossos genes, células, órgãos vitais etc.), mas, também, pelos contextos social, econômico, cultural e natural nos quais vivemos, ou seja, ressalta que o corpo é, também, fruto do meio. É mais do que a materialidade do corpo e do somatório de suas partes; não é algo objetivo, pronto e acabado, mas um processo contínuo de redefinições. É o resgate do corpo, é o deixar fluir, falar, viver, escutar, permitir ao corpo ser o ator principal, é vê-lo em sua dimensão realmente, humana. Por meio da corporeidade construímos nossa existência e nossa história. A corporeidade pode ser definida como a maneira pela qual o cérebro reconhece e utiliza o corpo como instrumento relacional com o mundo (Araújo, 2004; Assmann, 1995; Polak, 1997).

Corporeidade não se trata de uma teoria ou um grupo de teorias, mas um modo diferente de pensar sobre e conhecer os seres humanos. Pode ser vista como um caminho para conhecer o mundo através de nossos corpos, corpo este considerado como integral para o ser humano sem nenhuma parte separada ou vista como objeto (Wilde, 1999).

O ser humano é movimento e busca superar as adversidades existenciais, transcendendo para novos caminhos no mundo cultural em que vive constituindo, assim a sua história.

Para Moreira (2003) corporeidade é entender o ser humano, como um corpo existencial que vive sempre no sentido de sua autossuperação, um ser indivisível, que se movimenta para garantir a vida, por isso, é

1 Introdução

transcendente. O corpo sujeito é ator e autor de sua história e cultura e tem consciência de si, dos outros e do mundo.

O corpo fornece alicerce à própria existência. É um instrumento de realização e criação, base da organização perceptiva e cognitiva; emancipa-se, como ponto de referência espacial e existencial e transforma-se em um substrato da personalidade (Bretas, 2003).

A corporeidade possibilita vivermos, experienciarmos e compreendermos o mundo, utilizando nossos corpos, especialmente por intermédio da percepção, emoção, linguagem, movimento no espaço, tempo, e sexualidade. A corporeidade, também significa estar situado no mundo, e ser afetado por forças sociais, culturais, políticas e históricas (Wilde, 2003).

Por meio do corpo experimentando o mundo e utilizando-se de sua corporeidade, o homem concretiza-se, demonstra seus valores, ideais e faz-se conhecer como personalidade humana.

O termo corporeidade significa qualidade corpórea, designa o conjunto complexo, porém, unitário das maneiras de ter e ser um corpo que nem sempre é aquele percebido pelo outro (Bretas e Santos, 2001).

No movimento do corpo direcionado ao mundo e as pessoas o ser humano desvela-se, fazendo-se conhecer em seu cotidiano

O fenômeno da corporeidade refere-se à manifestação corpórea da essência do Ser, de sua subjetividade, abrangendo toda a expressividade humana que se consolida pela via corporal. O corpo é a legitimação espaço temporal do Ser no mundo. A corporeidade traduz a dinâmica entre o manifesto e o não manifesto da subjetividade humana, refere-se ao campo existencial das vivências, historicamente vividas pelo ser corporalizado (Cavalcanti, 2007).

Desta forma na experiência existencial o ser humano sendo composto não só de um corpo físico, interage no mundo como um corpo ativo e participante nas diversas condições que lhe são apresentadas no mundo-vida.

1 Introdução

O corpo não representa uma instância individualizante, já que ele não existe primeiro e depois interage com o mundo externo. Ele está conectado ao mundo em um processo relacional, interligando-se ao outro e constituindo-se como subjetividade (Overton, 1997; Sinha, Lopez, 2001).

Ortega (2005) revela que diferentemente da concepção cartesiana temos um corpo físico unificado, e como corpo no mundo temos liberdade e podemos nos expressar utilizando o conjunto de sentido que possuímos como corpo objetivo. Diz ainda, que o corpo é capaz de mover-se experimentando a totalidade do campo da existência, encontrando o mundo e a si mesmo.

Montenegro Medina, Ornstein Letelier, Tapia Ilabaca (2006) afirmam que o corpo define-se como uma realidade objetiva, com uma forma definida, mas também pertence ao mundo e às coisas, e pertence a si mesmo, possuindo intencionalidades e historicidade.

A corporeidade é compreendida como a unidade mente e corpo como a totalidade da experiência do corpo (Alvim, 2007). A autora afirma que a corporeidade do ser humano em uma atitude intencional dirige-se e compromete-se com as situações presentes do cotidiano.

Apesar destas novas concepções de corpo, atualmente ainda prioriza-se a aparência externa, a beleza, a perfeição e o vigor físico, de forma similar à que ocorria em tempos passados, ficando oculta a parte subjetiva do ser humano e a visão de corpo em toda a sua integralidade.

Hoje, a valorização da imagem do corpo formatada por padrões de beleza que idealizam estereótipos excessivamente magros ou musculosos, aumenta a incidência de distúrbios relacionados à autoimagem e ao número de cirurgias plásticas, bem como os casos de anorexia e bulimia (Pelegriani, 2008).

Detrez (2002), ao discorrer sobre a construção social do corpo, evidencia que a indústria cultural atribuiu-lhe uma grande importância e cria modelos com a exposição de exemplos de corpos magros e malhados, idealizando estereótipos que passam a ser desejados por muitas pessoas.

1 Introdução

Assim, o corpo na sociedade contemporânea pode sofrer influências dos meios social, político e cultural, e o ser humano fazendo parte da sociedade expressa-se e comunica-se na expectativa de fazer-se compreender em sua integralidade.

Azevedo e Gonçalves (2007) referem que, no mundo contemporâneo, o homem tem seu corpo transformado em um objeto a ser adaptado e modificado em razão das exigências dos diversos setores da vida (escola, trabalho, esportes). Esta insuficiência em relação ao corpo tem levado o ser humano a buscar estratégias para modificá-lo constantemente.

Ferreira (2007), ao discorrer sobre a tatuagem e o body piercing como expressão corporal revela que é na superfície da pele que alguns jovens encontram um espaço disponível à projeção, à celebração e à luta pela construção e conhecimento de uma identidade singular (“ser diferente”), autêntica (“ser eu próprio”) e emancipada (“ser livre”), adotando um estilo de vida contrário às fórmulas sociais normatizadas.

Vale ressaltar ainda que, atualmente, a sociedade capitalista apresenta exigências relacionadas ao corpo e à corporeidade do trabalhador, seja ele do sexo masculino ou feminino. Além da produtividade, exige-se criatividade, inteligência, bom relacionamento interpessoal e boa comunicação, entre outras características, mas a subjetividade e as necessidades das pessoas ainda se encontram pouco valorizadas.

Não podemos deixar de lembrar que, na sociedade contemporânea, o corpo está em evidência, por se tratar de algo importantíssimo para o consumo, ou seja, a corporeidade não deixa de ser aspecto fundamental porém sofre transformações, adquirindo diferentes valores (Miranda, Rodrigues, Stauvax, 2009).

Após as reflexões sobre as diversas visões de corpo através dos tempos, assim como as várias concepções trazidas por alguns autores, utilizarei no presente estudo o conceito de corpo e corporeidade como um corpo que interage com o mundo que tem controle sobre si mesmo, que é utilizado e

1 Introdução

transformado nas diversas situações coexistenciais relacionadas ao mundo e às pessoas com as quais convive.

Por meio do corpo e da corporeidade, podemos fazer escolhas, interagir com os outros de maneira verdadeira e autêntica, intervir nos fatos relacionados à natureza e aos fenômenos humanos, mudar, criar, compartilhar, ensinar, transformar e ser transformado.

Corpo e corporeidade são conceitos e fenômenos justapostos, passíveis de serem re-educados, treinados, percebidos e re-significados ao longo da existência humana. Tudo o que somos e almejamos, o que construímos, os nossos valores ético-profissionais e humanísticos, a nossa consciência, as nossas atitudes, enfim, a nossa vida, provêm de nossa corporeidade.

Assim sendo, atualmente, constitui-se um desafio, para o ser humano, construir a consciência de sua corporeidade e utilizar a mesma em sua vivência, visto que as exigências paradoxais existentes no mundo cotidiano contrariam, muitas vezes, o que o corpo significa, exige e pensa.

Em todas as situações existenciais, a corporeidade faz-se presente e, mesmo diante das diferentes concepções e formas de ver o corpo, oriundas de diversas culturas e segmentos sociais, o ser humano continua utilizando-a para coexistir consigo mesmo, com o mundo e com as outras pessoas.

1.2.2 REFLETINDO SOBRE A MULHER, A ENFERMEIRA, A DOCENTE E SUA CORPOREIDADE

Desde a sua formação a mulher possui diferenças genéticas e existenciais que perduram a vida toda. O primeiro contato com esta realidade se faz presente, desde sua concepção e, muitas vezes, em algumas culturas, o fato de um ser humano pertencer ao sexo feminino já produz efeitos diferenciados, desde seu nascimento, submetendo-a a valores que regem tal sociedade.

1 Introdução

O processo de diferenciação de papéis inicia-se com o nascimento, mediante as diferentes maneiras de socialização e condicionamento. Assim, as mulheres são condicionadas desde a infância para o desempenho de funções e aspirações diferentes daquelas relacionadas ao sexo oposto (Ferreira, 2007).

Neste sentido, Mori e Coelho (2004) destacam que o preconceito contra a mulher manifesta-se de modos diversos: acesso desigual à educação, ao mercado de trabalho e à participação na vida pública. Em muitas culturas, pratica-se o infanticídio de meninas e são cometidas violências específicas contra as mesmas, como a excisão da genitália, praticada em alguns países, e o estupro.

Embora existam estes preconceitos, após a revolução industrial, a mulher afastou-se do espaço doméstico, relacionado aos cuidados da família e passou a ocupar um espaço público, assumindo uma profissão (Spindola, 2000).

A inserção da mulher no mercado de trabalho propiciou um aumento de responsabilidades e funções, pois a responsabilidade com os afazeres domésticos continuaram sendo inerentes ao seu papel de mulher.

Muramatsu (2001) afirma que a mulher para poder vivenciar sua plenitude profissional, necessita vencer, tanto os obstáculos inerentes ao mercado de trabalho como aqueles que dizem respeito ao ambiente familiar e somam-se dificuldades relacionadas às características biológicas femininas e todas as modificações fisiológicas e emocionais que afetam seu corpo, em sua trajetória de vida, gerando situações de estresse.

Em estudo abordando as mulheres trabalhadoras, Spindola (2000) evidenciou que há dificuldade na conciliação dos papéis assumidos pela mulher que, na esfera privada, é sobrecarregada com seus afazeres e com a rotina doméstica que absorvem seu tempo e atenção, porque tudo que faz parte desta rotina requer sua participação direta e o seu envolvimento.

1 Introdução

Em seu contexto doméstico ou familiar, a mulher pode ser considerada um sustentáculo para toda a família. Na maioria das vezes dela dependem a união e a estabilidade familiar, a educação dos filhos e os cuidados específicos dos demais familiares. Seus valores, crenças, hábitos, linguagem, caráter e sua capacidade de perceber o outro e a si mesma e os fenômenos à sua volta influenciam a construção da família.

Além disso, Mori e Coelho (2004) revelam que papéis sociais restritos aos homens, como por exemplo, o de provedor financeiro da vida familiar, já vêm sendo exercido pelas mulheres, em muitas culturas.

Deste modo, a mulher tem buscado crescer como ser humano nas diversas esferas, vislumbrando novos horizontes, aprimorando seus conhecimentos, demonstrando sua capacidade intelectual e fazendo-se presente na sociedade.

Mas no contexto existencial doméstico e profissional, a diversidade de circunstâncias exige da corporeidade da mulher atitudes e comportamentos diferenciados. Papéis distintos, agregados a uma única pessoa, demonstram a importância da mulher e de sua corporeidade para com os outros, para consigo mesma e para com a sociedade.

No que diz respeito à corporeidade e à profissão de enfermagem percebe-se que a corporeidade e o agir da enfermeira sempre fizeram parte da evolução da enfermagem.

A história mostra que Florence Nightingale, em suas atitudes ao prestar cuidado aos enfermos provenientes da guerra, já se preocupava e demonstrava afetividade para com o ser humano, com suas dores, ferimentos e com seu bem estar, como um corpo que interage com as pessoas e com o ambiente onde vive.

Na época embora já se sobressaísse como uma profissão que busca sua cientificidade e com um papel mais ativo de forma a modificar, transformar e interagir com o meio ambiente, ainda predominava, uma

1 Introdução

enfermagem à sombra da medicina, com perfis antecipadamente determinados que levavam o profissional a servir e obedecer às ordens médicas (Andrade, 2007) .

Comparando a existência do profissional enfermeiro desde os primórdios com os dias atuais, percebe-se que muitos aspectos relacionados ao seu papel como ser existencial e, conseqüentemente, com a forma como vem utilizando sua corporeidade dentro da sociedade, apresentou uma evolução, mas ainda guarda vestígios oriundos da própria historicidade e das transformações pelas quais passou a sociedade, como um todo. Neste contexto, a corporeidade do profissional enfermeiro é fundamental para busca de novos espaços e conquistas inerentes à profissão.

Como um corpo que interage com o mundo, com intencionalidades e objetividade frente ao mundo e à profissão e que se relaciona com as pessoas com as quais convive, conduzo minhas reflexões para a enfermagem atual e percorro os diversos lugares e espaços onde a profissão tem sido experienciada, seja na área assistencial, gerencial, de pesquisa ou no âmbito educativo.

O corpo da profissional de enfermagem destaca-se na assistência ao cliente e em seu papel como cuidador.

Por meio do corpo, podemos perceber o paciente em toda a sua dimensão, de modo a atender às suas necessidades, compreendendo-o, envolvendo-se e interagindo com ele.

Ao utilizar-se de sua corporeidade, o enfermeiro, no ato de cuidar, por meio de sua forma de agir, de suas atitudes e postura, presta um cuidado mais ético e humanístico e, conseqüentemente, uma assistência mais qualificada.

Cuidado diz respeito a uma atitude, a um modo prático de ser-no-mundo adotado pelo ser humano em relação à sua ação e ao fenômeno da vida em sua totalidade. Por isso, não comporta uma atitude parcial, fragmentada

1 Introdução

ou recortada da ação humana mas sim um modo de existir que exige do ser humano uma autocompreensão de sua ação, como um acontecimento que abrange a vida humana em sua totalidade. Cuidado exige a ocupação da vida humana consigo mesma e com os outros, cuja própria ocupação deve ter em mente uma perspectiva de integralidade e existencialidade (Dalbosco, 2006).

Por meio de seu corpo, na sua existencialidade o profissional de enfermagem percebe e é percebido, cresce profissionalmente, ocupa novos espaços, presta cuidados de enfermagem, ouve, sente cheiros, tem reações emocionais e físicas, adoece, escreve, faz leituras, afaga, toca, sofre, sensibiliza-se. Presencia, também, o nascimento, a cura, o sofrimento e a morte de outros corpos.

Pupulim (2003), ao discorrer sobre o cuidado do paciente na unidade de terapia intensiva, revela que o enfermeiro é, entre os participantes da equipe de saúde, o que mais manipula o corpo do cliente. Justifica esta afirmativa, enumerando os diversos procedimentos realizados na assistência ao paciente, alertando que o enfermeiro precisa conhecer o próprio corpo, e o que ele significa, tomando consciência dele porque, na interação enfermagem-paciente, isto favorece a compreensão a respeito do corpo do outro.

Polak (1996) defende uma nova percepção da enfermagem e do cuidar, na qual a corporeidade seja vista como o modo de ser das pessoas, a essência expressa pelo corpo que vê e é visto, que sente e é sentido e que toca e é tocado, no processo de coexistência humana, constituindo-se, como cenário que compreende as várias possibilidades de vivenciar o corpo.

Ao contrário, quando não percebemos a influência da própria corporeidade e a do outro no ato de cuidar podemos adotar uma postura robotizada, que leva a não enxergar o outro, sem a criação de vínculos, o que dificulta o conhecimento e o suprimento das reais necessidades que o outro aponta.

No ato de cuidar, a corporeidade se faz presente, como um corpo veículo de relações com o mundo e com as pessoas que o cercam. Por

1 Introdução

meio do corpo e da corporeidade podemos vivenciar a oportunidade que nos é dada como ser humano lançado ao mundo.

Por meio de seu comportamento e atitudes, o profissional de enfermagem ao prestar o cuidado produz uma relação construtiva, criando um vínculo de afetividade no qual a corporeidade é o componente principal desse inter-relacionamento humano.

O cuidar envolve ações, comportamentos e atitudes. Pessoas que adotam tais comportamentos e atitudes são as que podemos denominar de seres de cuidar. Dentre estes comportamentos e atitudes, destacam-se respeito, consideração, solidariedade, compaixão, saber ouvir, mostrar interesse genuíno, atenção e AJUDA (Waldow, 2009).

No contexto gerencial, a corporeidade também ocupa um lugar de destaque, e é imprescindível na atuação profissional do enfermeiro.

Aspectos relacionados à tomada de decisão, à gerência de recursos humanos, ao gerenciamento de conflitos, ao planejamento e à organização do processo de trabalho, à comunicação e à liderança dependem da corporeidade e do modo como o enfermeiro age e comporta-se diante das diversas situações.

No que diz respeito à pesquisa, a corporeidade também se faz presente, pois, ao desenvolver este papel, o enfermeiro, em sua experiência existencial, busca respostas para problemas vivenciados em seu mundo-vida. Busca entendimento para aquilo que vivencia como corpo, em um determinado espaço onde surgem suas interrogações. Os profissionais de enfermagem percebem, também, os fenômenos e as pessoas, refletem sobre fatos observados e têm intencionalidade sobre aquilo que presenciam, buscando compreender para melhor intervir em sua realidade cotidiana.

Na área de ensino percebo também o quanto os temas corpo e corporeidade tornam-se grandiosos em uma profissão que, entre muitas, exerce um papel de destaque, pois cuida do ser humano e ensina o cuidado a outros corpos.

1 Introdução

Desta forma, discorro a seguir sobre a temática corpo e corporeidade na educação, utilizando alguns conceitos aplicados por outras áreas de conhecimento, mas, que poderão ser utilizados na reflexão da corporeidade no ensino da enfermagem.

No ensino da enfermagem a mulher docente de enfermagem vivencia contextos diversos relacionados ao mundo da saúde e ao ensino da enfermagem, utilizando-se de toda sua dimensão corporal. Comunica-se por meio de seu corpo expressando seus conhecimentos relacionados à enfermagem, mas comunica-se também por meio de sua subjetividade.

A comunicação verbal e não verbal são recursos utilizados pelo professor no seu dia a dia, influenciando as suas relações com os alunos e, conseqüentemente, o processo de ensino, pois em muitas situações, ele verbaliza e age conforme o que acredita e idealiza, expondo, por meio de sua corporeidade, sua visão de mundo.

Ao discorrer sobre a experiência que teve com sua professora de inglês, na época do colegial, Fontana (2001) ressalta que o que mais o impressionou, além da postura impecável e de suas atitudes corporais, foi o fato de que a mesma lia para os alunos, utilizando, de forma marcante, sua corporeidade:

[...] essa mulher lia para nós. Lia, declamava e, enquanto o fazia, seus olhos e sua voz transmutavam-se. A professora transformava-se em intérprete. O texto transformava-se em acontecimento [...]. Lendo de viva voz, a professora instaurava na sala de aula uma relação sensível com o texto, mediada por sua paixão pela palavra e pela cálida corporeidade de sua voz, provocando nossa atenção de alunos e de leitores para a dimensão sensorial que a palavra oral guarda e cujas influências foram reconhecidas por todos os que desde a Antiguidade se preocuparam com a eficácia da palavra [...]. Era a lógica mesma da fala professoral que aquela mulher implodia, deixando que a literatura prevalecesse sobre a pedagogização, que a paixão pela palavra prevalecesse sobre a homogeneização dos sentidos, a emoção da experiência sobre o saber que vale por si mesmo, a corporeidade pulsante do corpo. Tanto assim que dela e com ela aprendi algo que é um princípio educativo de extrema corporeidade – a paixão de ensinar (Fontana, 2001, p. 48-50).

1 Introdução

A corporeidade docente envolve atitudes e sentimentos. O corpo fala pela postura, pelos olhos, pelo tom de voz e sorriso, ou seja, utiliza-se de todas as dimensões sensoriais nas relações com o ao educando.

Os resultados de um estudo sobre a representação da afetividade nas ações educativas, apontam diversas características que demonstram a importância desta no processo de ensino. Características pessoais do professor como um ser humano, próximo, seguro, paciente, pacífico, maternal, compreensivo, humilde, empático, estudioso, respeitoso, confiante, aberto às críticas e ao diálogo, perceptivo frente às necessidades dos alunos e disponível para ajudá-los, são exemplos citados pelos entrevistados (Ribeiro, Jutras, Louis, 2005).

Gonçalves (2002) refere que o corpo de cada indivíduo de um grupo cultural revela não só a sua singularidade pessoal, mas também aquilo que caracteriza o grupo como profissão. Assim, o que vivenciamos hoje como corpo e corporeidade em nossa cultura, vai se perpetuar no contexto da enfermagem como grupo social nas sociedades subseqüentes.

O lugar do corpo na educação e no currículo deverá, necessariamente, alterar espaços e temporalidades, considerando o ato educativo um acontecimento que se processa nos corpos existencializados, atravessados por desejos e necessidades que, seguramente, não são propriedades de nenhuma disciplina curricular, mas, que podem oferecer-se, como projeto de inusitadas colaborações (Nóbrega, 2005).

Alves (2002, p.119) refere que:

[...] nossos corpos vão acumulando tantos conhecimentos de todo o tipo e entre eles valores, conhecimentos de tipo especial que nos levam a ações, tecidos cotidianamente, como vamos adquirindo novas posturas corporais que tem a ver com o aprender a ser professor.

A enfermagem, portanto, pode transformar o modo de ser, de forma recíproca, de professor e aluno, em um processo de descobrimento e transformação de si mesmos.

1 Introdução

Trindade (2002, p. 85), expressa em seu estudo que focaliza o corpo e os desafios da docência, que:

[...] os corpos fazem o cotidiano das escolas, corpos humanos paradoxais, contraditórios, humanos, demasiadamente humanos, sensíveis, descontrolados, omissos, repetitivos, preconceituosos, vibrantes, solitários, perversos, racistas, felizes, guerreiros, amorosos.

Araújo (2004) pondera que as questões do corpo são, geralmente ignoradas ou desconsideradas pelos docentes, pelas escolas e pelos formuladores das políticas educacionais, entre elas, a da formação de professores. Ressalta, ainda, que, no exercício do magistério, os/as docentes, por suas condições de trabalho e formação, entre outras razões, costumam eliminar seus corpos de suas preocupações, desconsiderando-os no processo educativo pedagógico.

Gonçalves (2005) afirma que, no dia a dia das experiências vividas e na realização de suas atividades, o corpo age em um movimento rotineiro do agir e do fazer. Acrescenta que, provavelmente, o indivíduo não consiga racionalizar seus movimentos, respondendo de maneira automática aos estímulos cotidianos, sem perceber o significado de seus movimentos.

Para Louro (2000) existem poucos estudos que consideram o corpo e suas dimensões na formação do professor este aspecto parece ter ficado fora da escola. Complementa que a maioria das teorias educacionais e os cursos de preparação docente excluem a corporeidade, pois apegam-se ao contexto filosófico do dualismo ocidental separando corpo e mente, por isso, professores e professoras quando adentram em uma sala de aula comportam-se como se apenas a mente estivesse presente.

Ao discorrer sobre a corporeidade no ensino, Surdi (2001) revela que o estar no mundo possibilita o estabelecimento de relações e de um processo sócio-histórico que auxilia na construção do sujeito.

1 Introdução

Nos resultados de sua pesquisa Amorim (2004), revela que a corporeidade é a dimensão facilitadora de uma aprendizagem para e pela inteireza do ser humano.

Montagnoli (2001) cita que a corporeidade, na formação do professor e do indivíduo, pode funcionar como uma espiral, à medida em que o docente se conscientiza de seu corpo e reflita sobre o seu potencial pedagógico, passa a construir e produzir cultura ressignificando a própria vida.

Como mulher, enfermeira e educadora de uma instituição de ensino e por acreditar que a corporeidade é uma temática relevante, motivei-me a desenvolver este estudo, trazendo à tona este assunto no âmbito de ensino da enfermagem, atividade que tem como foco o cuidado e o ensino a outros corpos e que, conseqüentemente, almeja uma educação mais humanizada e de qualidade, no contexto das instituições de ensino e do mundo da saúde.

2 O Encaminhamento Teórico-Methodológico

1 Introdução

Para o desenvolvimento deste estudo, escolhi a pesquisa qualitativa, pois esta permite a compreensão daquilo que se quer estudar como fenômeno humano, vivenciado pelo sujeito que, ao ser interrogado, mostra-se em toda a sua dimensão subjetiva, desvelando, assim, significados frente à sua experiência de vida.

Da mesma forma, a opção pela fenomenologia justifica-se por que esta vem ao encontro dos propósitos deste estudo, possibilitando a compreensão das pessoas nas diversas situações existenciais de seus cotidianos, como elas se relacionam com o mundo, quais valores possuem, quais os seus sentimentos e o que permeia os seus pensamentos, comportamentos e atitudes.

A investigação fenomenológica em seus pressupostos teórico-filosóficos possibilita a análise e compreensão de estudos da enfermagem ao buscar compreender o homem em suas múltiplas facetas, em suas vivências e relações com o mundo cotidiano, ao desvelar o fenômeno vivido em sua essência (Almeida et al., 2009).

Além disso, esta modalidade de pesquisa permite utilizar um referencial filosófico que traz significados e que estão em consonância com minha forma de existir e ver o mundo.

A fenomenologia passa a ser amplamente conhecida a partir da corrente filosófica fundada por Edmund Husserl, no alvorecer do século XX. A fenomenologia é definida como uma "volta às coisas mesmas", ou seja, um retorno aos fenômenos, sendo estes definidos como aquilo que aparece à consciência humana, como objeto intencional (Husserl, 1994).

A abordagem fenomenológica focaliza-se na essência do fenômeno, "sendo que o fenômeno é tudo que se mostra, se manifesta, surge para uma consciência que o interroga" (Merighi, 2003, p. 31).

A fenomenologia busca, então, percursos que levarão o mais próximo possível do sentir e do pensar de quem vivencia uma determinada

1 Introdução

situação, demonstrando, assim, a condição ontológica que está existindo em uma experiência mundana, atribuindo-lhe significados (Graças, 2000).

Josgrilberg (2000) refere que esta busca de significados acontece, inicialmente por meio da percepção e que, em contato com o mundo, reconhecemos que as coisas são determinadas, externamente, por outras coisas, pelas pessoas, ou seja, possuem influências relacionadas ao solo vivido.

O autor evidencia que, ao dirigirmos o nosso olhar ao mundo, nossa consciência atribui significados aos fatos e às coisas, passando pelas fases de pré-reflexivo e, posteriormente, de reflexivo dando origem, assim, aos significados.

Consciência e objeto não são entidades separadas, mas definem-se a partir dessa correlação entre o interior que se volta, e o objeto para o qual ele se volta. Sujeito e objeto estão intimamente ligados. Dessa forma, a fenomenologia não vê o homem separado do mundo, mas busca focalizar a forma pela qual o mundo se apresenta ao homem (Carvalho, Valle, 2002).

Neste sentido, em seu cotidiano, sujeito e mundo inter-relacionam-se, e o pesquisador, inserido na realidade onde os fatos ocorrem, percebe o mundo vivido, instiga-se e questiona-se frente aquilo que o incomoda.

Com o intuito de responder às suas indagações, o pesquisador, embora, fazendo parte do mesmo mundo-vida do sujeito, não conhece o significado que este atribui aos fenômenos e, em um movimento intencional, interroga-o, indo à coisa mesma, na busca de elucidar aquilo que, até então, se apresentava de forma obscura.

Nesse contexto, um conceito importante da fenomenologia é o da intencionalidade da consciência, ou seja, a sua direção.

Bicudo (2000, p. 72) define intencionalidade da consciência como:

1 Introdução

A pedra angular da Fenomenologia é a intencionalidade; e a atitude dela decorrente não é mais a natural, porém a fenomenológica [...] porque é movimento de estender-se, de abarcar o que está na circunvisão. É o ato de estar atento ao percebido.

Nessa visão inicial, aparecem para a consciência múltiplos significados e, nesta perspectiva, os preconceitos na pesquisa fenomenológica devem ser abandonados. A redução fenomenológica, ou simplesmente *époche*, consiste em deixar de lado todos os novos preconceitos, em uma espécie de suspensão provisória de nossos julgamentos. Quando isto ocorre, suspendemos nossos valores e evitamos ideias pré-formadas que influenciem o entendimento do fenômeno (Bueno, 2003).

Neste estudo, pretendo, portanto, ir às coisas mesmas, ou seja, adentrar pelo mundo-vida das mulheres docentes de enfermagem com as quais trabalho, cenário de minhas interrogações. Em um ato intencional, tornar, o que me ainda é pré-reflexivo, em algo verdadeiro, proveniente da consciência e da vivência das mulheres docentes de enfermagem.

Como fio condutor para a análise dos discursos deste estudo, escolhi a fenomenologia existencial de Maurice Merleau-Ponty, porque o fenômeno a ser investigado é uma situação existencial concreta, vivida pela mulher docente de enfermagem em seu cotidiano profissional, e pelo fato, deste filósofo desenvolver conceitos como corpo, corporeidade, linguagem, espaço, motricidade, entre outros que fazem parte da vivência da mulher docente de enfermagem.

2.1 O CORPO COMPREENDIDO SOB À LUZ DO REFERENCIAL FILOSÓFICO DE MERLEAU-PONTY

A fenomenologia, à luz do pensamento de Merleau-Ponty, traz o homem como parte de um mundo-vida, no qual se engaja e existe, fazendo das coisas mesmas o berço de todos os sentidos. Para este filósofo, a fenomenologia:

1 Introdução

[...] é o estudo das essências [...] é uma filosofia que substitui as essências na existência [...] é o ensaio de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração com sua gênese psicológica e com as explicações causais (Merleau-Ponty, 2006, p.1).

Merleau-Ponty (1971), refere que a essência é a estrutura compreensível do fenômeno percebido, aquilo que lhe dá razão, que faz sentido e que é concebido como sua verdade.

Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em idéia, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização (Merleau-Ponty, 2006).

Assim, como Husserl (1994), propõe o retorno às coisas mesmas, porém, tais coisas são, agora, vistas como parte de um mundo vivido, experienciado pelo ser humano. Neste sentido Merleau-Ponty revela:

[...] eu não posso pensar-me como uma parte do mundo, como simples objeto da biologia [...] tudo que sei do mundo, o sei a partir da minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam [...] retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo antes do conhecimento, cujo conhecimento fala sempre [...] (Merleau-Ponty, 2006, p. 3).

Refere, também, que se trata de reconhecer a própria consciência como projeto do mundo, destinada a um mundo que ela não envolve nem possui, mas para o qual ela não deixa de se dirigir (Merleau-Ponty, 2006).

“Considero meu corpo, como o ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos deste mundo” (Merleau-Ponty, 2006, p. 108).

Na concepção do autor o corpo é “o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é para um ser vivo aderir-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. Acrescenta que “o corpo é nosso ancoradouro no mundo” ou o “nosso meio geral de ter o mundo (Merleau-Ponty, 2006, p. 122).

1 Introdução

Em suas considerações sobre o significado corporal, descreve um corpo objetivo ou fisiológico e um corpo vivido. Embora faça esta diferenciação, enfatiza que isto não deve ser entendido, como uma divisão corporal, mas sim como um único corpo. O corpo fisiológico e objetivo é o que pode ser dividido em várias partes: tecidos e órgãos com funções específicas, objeto da ciência, e o corpo vivido é o veículo de ser e estar no mundo (Merleau-Ponty, 2006).

O corpo vivido, lançado ao mundo “não é uma permanência no mundo, mas uma permanência ao meu lado. Dizer que ele está sempre perto de mim, é dizer que ele nunca está verdadeiramente diante de mim, que não posso desdobrá-lo sob meu olhar, que ele permanece à margem de todas as minhas percepções, que existe comigo (Merleau-Ponty, 2006, p. 134).

O autor percebe o ser humano como um corpo que estabelece uma relação com o mundo, com a natureza e com as outras pessoas:

O homem como sujeito encarnado é campo de presença, presença si à, presença ao outrem e ao mundo, Esta presença o lança no mundo á partir do qual ele se compreende. Não devemos representá-lo como contato absoluto consigo mesmo, com um contato absoluto sem nenhuma fenda interna, mas ao contrário como um ser que se prossegue no seu exterior (Merleau-Ponty, 2006, p. 605).

Revela este corpo como um corpo que, simultaneamente, percebe e é percebido e que, mediante esta percepção, volta-se ao mundo e o conhece, convivendo e relacionando-se com outros corpos, atribuindo significados aos fenômenos vivenciados, tendo uma percepção recíproca do outrem e vice-versa em um movimento ambíguo, em constante comunicação.

Enquanto percebo, e mesmo sem nenhum conhecimento das condições orgânicas de minha percepção, tenho consciência de integrar consciências sonhadoras e dispersas [...] a visão, a audição, o tato, com seus campos que são anteriores, permanecem estranhos à minha vida pessoal. O objeto natural é o traço dessa existência generalizada. E todo objeto será, primeiramente, de alguma forma, um objeto natural, será feito de cores, odores, sabores, de qualidades táteis e sonoras, para que ele possa entrar em minha vida (Merleau-Ponty, 2006, p. 465).

1 Introdução

Nesta interação com o mundo o corpo interage com o outro por meio de seus gestos e atitudes e, em um movimento dialético e intersubjetivo, ambos se compreendem mutuamente.

Por meio deste inter-relacionamento do ser, corpo vivido e mundo, os fatos e acontecimentos que fazem parte deste mundo-vida são experienciados e percebidos pela consciência perceptiva, fazendo com que o ser humano tenha suas concepções, e sua verdade sobre os fenômenos vivenciados.

No que concerne à consciência, temos que concebê-la não mais como uma consciência constituinte e como um puro ser-para-si, mas como uma consciência perceptiva, como sujeito de um comportamento, como ser-no-mundo ou existência (Merleau-Ponty, 2006, p. 470).

Ao fazer parte e habitar este mundo, o ser humano, com seu esquema corporal, ocupa um espaço em seu meio social, seja no trabalho, na família e na escola, ou em outros lugares, movimentando-se em seu espaço existencial, em busca de um sentido para sua vida.

Esquema corporal é conceituado como a forma com que o corpo se manifesta, utilizando-se de seus membros e de suas partes como corpo físico e vivido no espaço existencial do qual faz parte (Merleau-Ponty, 2006).

A manifestação corporal ocorre porque suas partes relacionam-se umas com as outras de modo original, não estão desdobradas umas ao lado das outras, mas envolvidas umas nas outras (Merleau-Ponty, 2006).

Merleau-Ponty refere que o ser humano por meio de seu esquema corporal e de seu corpo em toda a sua plenitude é um ser de expressividade e comunicação.

Mas nosso corpo não é apenas um espaço expressivo entre todos os outros.[...] Ele é a origem do próprio movimento de expressão, aquilo que projeta as significações no exterior dando-lhes um lugar, aquilo que faz com que eles comecem a existir como coisas, sob as nossas mãos, sob os nossos olhos (Merleau-Ponty, 2006, p. 202).

1 Introdução

Expressa-se por meio de seus gestos e de sua fala desvelando-se como ser humano:

Nossa visão sobre o homem continuará a ser superficial enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial enquanto não descrevermos o gesto que rompe o silêncio. A fala é um gesto, e sua significação um mundo (Merleau-Ponty, 2006, p. 250).

Da mesma forma, afirma que o comportamento do ser humano tem significados e que por meio dele, transmitimos ensinamentos, fazemo-nos conhecer e compreendemos uns aos outros:

Os comportamentos criam significações que são transcendentem em relação ao dispositivo anatômico, e todavia imanentes ao comportamento enquanto tal, já que este se ensina e se compreende. Não se pode fazer economia desta potência que cria significações e que as comunica (Merleau-Ponty, 2006, p. 257)

Neste sentido, o filósofo discorre sobre a corporeidade e traz, também, o conceito de motricidade que evidencia os movimentos de nosso corpo em relação ao mundo e às outras pessoas. Neste sentido, esclarece que nossos movimentos sempre vêm acompanhados de algum significado:

O movimento não é o pensamento de um movimento, e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado. (...) a motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele (Merleau-Ponty, 2006 p.192/193).

O filósofo ressalta que o ser humano faz parte de um espaço, que não deve ser entendido como ambiente físico, exterior, onde as coisas e os objetos alinham-se, e sim como um espaço existencial que reflete como o homem vive a sua existência e como constrói essa relação, direcionando suas ações e sendo tomado, constantemente, por um vir-a-ser de possibilidades (Merleau-Ponty, 2006).

1 Introdução

Afirma que somos nós, como corpo, que damos sentido e um futuro à nossa vida e que nossa vivência pauta-se naquilo que construímos durante nosso presente e no passado e, em particular, em nosso modo de coexistência (Merleau-Ponty, 1971).

O tempo e a liberdade que temos como seres humanos, também, são conceitos abordados por Merleau-Ponty ao enfatizar que, na coexistência da corporeidade, a pessoa destaca-se como um ser livre para perceber e intervir, tanto no mundo-vida do qual faz parte, quanto em sua própria existência.

Para mim, é um destino ser livre, não poder reduzir-me a nada daquilo que vivo, conservar uma faculdade de recuo em relação a toda situação de fato, e este destino foi selado no instante em que meu campo transcendental foi aberto, em que nasci como visão e saber, em que fui lançado no mundo (Merleau-Ponty, 2006, p. 483).

Nesta perspectiva, o filósofo complementa que a temporalidade faz do ser humano um indivíduo sócio-histórico. Para ele, presente, passado e futuro estão interligados em nossa história de vida, e cada época auxilia na construção do nosso ser:

A água que vejo passar preparou-se, há alguns dias nas montanhas, quando a geleira derreteu; no presente ela está diante de mim, ela vai em direção ao mar onde se lançará. Se o tempo é semelhante a um rio, ele escoia do passado em direção ao presente e ao futuro. O presente é consequência do passado, e o futuro a consequência do presente (Merleau-Ponty, 2006, p. 550).

O ser humano ao ser livre e construir sua existência nas diversas etapas da vida, poderá encontrar obstáculos, mas por meio de sua liberdade buscará transpor as adversidades do mundo-vida:

Um rochedo intransponível, um rochedo grande ou pequeno, vertical ou oblíquo, isso só tem sentido para alguém que se proponha a transpô-lo, para um sujeito cujos projetos recortem essas determinações de massa uniforme do em si e façam surgir um mundo orientado, um sentido das coisas (Merleau-Ponty, 2006, p. 584).

1 Introdução

Merleau-Ponty (2006) utiliza outro conceito que diz respeito à intencionalidade, que provém de nossa consciência e de nossas reflexões, que, ao dirigir-se ao mundo, auxilia na busca de novas compreensões e perspectivas frente à vida. Acrescenta que a intencionalidade identifica-se com toda atividade do ser humano que deixou de ser propriedade de uma consciência isolada e constituinte, é a própria abertura ao mundo de um sujeito carnal, corporal.

Assim sendo como sujeitos intencionais em um mundo aberto para nossa vivência, temos intencionalidades, fazemos projetos, mudamos de planos, buscamos aquilo que faz sentido para nós, e o que valorizamos como seres humanos:

O movimento do corpo só pode desempenhar um papel na percepção do mundo se ele próprio é uma intencionalidade original, uma maneira de se relacionar com o objeto distinta do conhecimento. É preciso que o mundo esteja, em torno de nós, não como um sistema de objetos dos quais fazemos a síntese, mas como um conjunto aberto de coisas em direção às quais nos projetamos (Merleau-Ponty, 2006, p. 518).

O autor ainda revela que o ser humano está sempre em contato com os fenômenos e propõe que nosso olhar deve ser dirigido para os mesmos, a partir de sua facticidade, de modo que possamos compreender o contexto e toda conjuntura da condição existencial.

Facticidade é definida como aquilo que se é, a condição existencial como se apresenta, é o fato, o fenômeno, é o caráter próprio da condição humana, pelo qual cada ser humano encontra-se comprometido com uma situação não escolhida (Merleau-Ponty, 2006).

Em seus constructos Merleau-Ponty afirma também que como corporeidade o ser humano é também um ser perspectival, e quanto mais se aproxima das situações, objetos e fatos nas várias situações existenciais, mais adquire oportunidades de conhecê-los em todas as suas perspectivas. O filósofo utiliza a descrição de uma casa, elucidando a importância da percepção e da nossa condição humana como seres perspectivais que somos:

1 Introdução

Percebemos uma casa vizinha à medida que passamos por ela. Quando nos aproximamos, vemos primeiramente um lado, depois, à medida que caminhamos, vemos a frente da casa e, a seguir, outro lado. Se contornássemos a casa, veríamos os fundos, e, se pudéssemos entrar, veríamos o interior, de vários ângulos, de acordo com a nossa localização. Como vemos a casa de forma diferente em cada ângulo, sabendo que se trata da mesma casa, concluímos que a casa existe como algo em si, independente de qualquer perspectiva. Por outro lado, a visão desta, de qualquer ponto em que estejamos, nos permite saber que é uma casa. Ver a casa é, portanto, vê-la de algum lugar, em algum momento, ou seja, vê-la de uma forma perspectival, num determinado local, num determinado tempo, referidos como um horizonte. Ver a casa, portanto, implica poder vê-la de várias perspectivas, que são várias possibilidades (Merleau-Ponty, 1945, p.81-83).

Ao conviver com o outro e ao presenciar fenômenos e fatos cotidianos em seu espaço existencial, o ser humano lança seu olhar sobre os mesmos, aproxima-se, reflete e cria em sua consciência significados, modificando-os, aceitando-os ou ainda, adaptando-se á eles em seu mundo-vida:

Refletir é revelar um irrefletido que está à distância, um irrefletido que éramos ingenuamente e que agora não somos mais, sem que possamos duvidar de que a reflexão o atinja, pois é graças a ela que temos noção dele. Não é, portanto, o irrefletido que contesta a reflexão, mas a própria reflexão que se contesta a si mesma porque seu esforço de retomada, posse, interiorização ou imanência só tem sentido frente a um termo já dado, que se abriga em sua transcendência sob o olhar que vai buscá-lo ali (Merleau-Ponty, 1975, p. 433).

Na reflexão direcionada às pessoas, ao mundo e aos fenômenos, o ser humano atribui significados, sofre, tem insatisfações, vivencia situações cotidianas que, muitas vezes tem o desejo de ignorar, sofre sobrecargas emocionais e tem sentimentos de incapacidade diante dos fatos que se apresentam e que fazem vir à tona seu lado subjetivo.

Por outro lado, também, por meio de sua atitude reflexiva reflete sobre si mesmo e transcende situações cotidianas, tomando novos rumos em sua vida:

1 Introdução

A reflexão só é verdadeira reflexão se não se arrebatada para fora de si mesma, se se conhece como reflexão sobre um irrefletido e, por conseguinte, como uma mudança de estrutura da nossa existência (Merleau-Ponty, 2006, p. 97).

Neste cenário, muitas vezes, o ser humano utiliza sua liberdade para adaptar-se às situações, adquirir novas posturas e hábitos, com o objetivo de desenvolver estratégias que o realizem como pessoa:

Habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a um bastão é instalar-se neles, ou inversamente, fazê-los participar da voluminosidade do corpo próprio. O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo, ou de mudar de existência anexando-nos novos instrumentos (Merleau-Ponty, 2006, p.129).

Merleau-Ponty (2006, p. 203) acrescenta que “o corpo compreendeu o hábito quando ele se deixou penetrar por uma significação nova quando assimilou a si um novo núcleo significativo”.

Desta forma, trazendo alguns conceitos do referencial filosófico, anteriormente apresentados, para o objeto do estudo corpo-corporeidade da mulher docente de enfermagem em sua atuação profissional acredito que as concepções filosóficas de Merleau-Ponty servirão como um caminho para melhor compreensão da temática em meu cotidiano profissional, visto que a mulher docente de enfermagem vivencia, em seu espaço existencial sua corporeidade convivendo com outros corpos no meio acadêmico. Assim, percebe e é percebida, tem intencionalidade em suas ações cotidianas e, em um movimento contínuo vivencia seu corpo físico e vivido, nas diversas esferas em que se faz presente como mulher-docente de enfermagem.

***3 Percorrendo a
Trajetória Metodológica***



*1 Introdução***3.1 SUJEITOS DA PESQUISA E REGIÃO DE INQUÉRITO**

A região de inquérito deste estudo constituiu de docentes do sexo feminino, que fazem parte do curso de Enfermagem do Departamento de Enfermagem de uma Universidade Pública e que atuavam na função há, pelo menos 5 anos, período que considere adequado para a vivência da prática docente.

A escolha de uma universidade pública procede do fato da mesma fazer parte de meu mundo-vida, e vice versa, e de ser o lócus de origem de algumas de minhas interrogações. Neste espaço, as mulheres docentes de enfermagem vivenciam sua corporeidade na prática de ensino e, no momento, minha intenção é compreender este universo do qual atualmente faço parte.

As docentes foram definidas em função de sua disponibilidade, e mediante a concordância em participar do estudo.

3.2 A COLETA DOS DISCURSOS

A coleta dos discursos foi realizada nos meses de maio e junho de 2009, utilizando-se a técnica de entrevista aberta, que foi gravada. Algumas entrevistas foram agendadas e realizadas nas residências das docentes de enfermagem e outras no local de trabalho.

Antes de iniciar cada entrevista, foi informado à docente os objetivos do estudo e a necessidade da gravação. Após esclarecimentos e o aceite da entrevistada, solicitei a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de participação da pesquisa (Apêndice A).

Cabe salientar que o projeto foi enviado ao Comitê de Ética da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo que emitiu concordância em relação ao mesmo, obedecendo aos princípios éticos da Resolução 196/96, que regulamenta as diretrizes das pesquisas, envolvendo seres humanos (Anexo A).

1 Introdução

Com a finalidade de verificar a pertinência das questões norteadoras, foi realizado um estudo preliminar com docentes de enfermagem de outra instituição. Constatou-se a dificuldade de compreensão das entrevistadas em relação às questões inicialmente formuladas.

No exame de qualificação, os componentes da banca sugeriram as seguintes questões norteadoras:

- ▶ *Como você se vê como mulher e docente de enfermagem?*
- ▶ *Que significados você atribui ao seu corpo sendo mulher e docente de enfermagem?*
- ▶ *Como você utiliza o seu corpo no ensino da enfermagem?*
- ▶ *Como você percebe a postura corporal dos estudantes de enfermagem?*
- ▶ *O que você observa neles que considera serem respostas às suas posturas corporais?*

As entrevistas realizadas por meio destas questões norteadoras mostraram que minhas inquietações iniciais foram respondidas.

A definição do número de entrevistas ocorreu, a partir do momento em que os discursos tornaram-se repetitivos demonstrando, assim, a elucidação o fenômeno. Dez entrevistas foram realizadas e todas responderam a minhas inquietações, portanto, os dez depoimentos foram considerados neste estudo.

Após a obtenção das falas dos entrevistados realizei sua transcrição na íntegra. As entrevistas foram identificadas com a letra alfabética 'E' e foram numeradas de 1 a 10, e encontram-se na íntegra no Anexo B.

3.3 CONSTRUINDO OS RESULTADOS

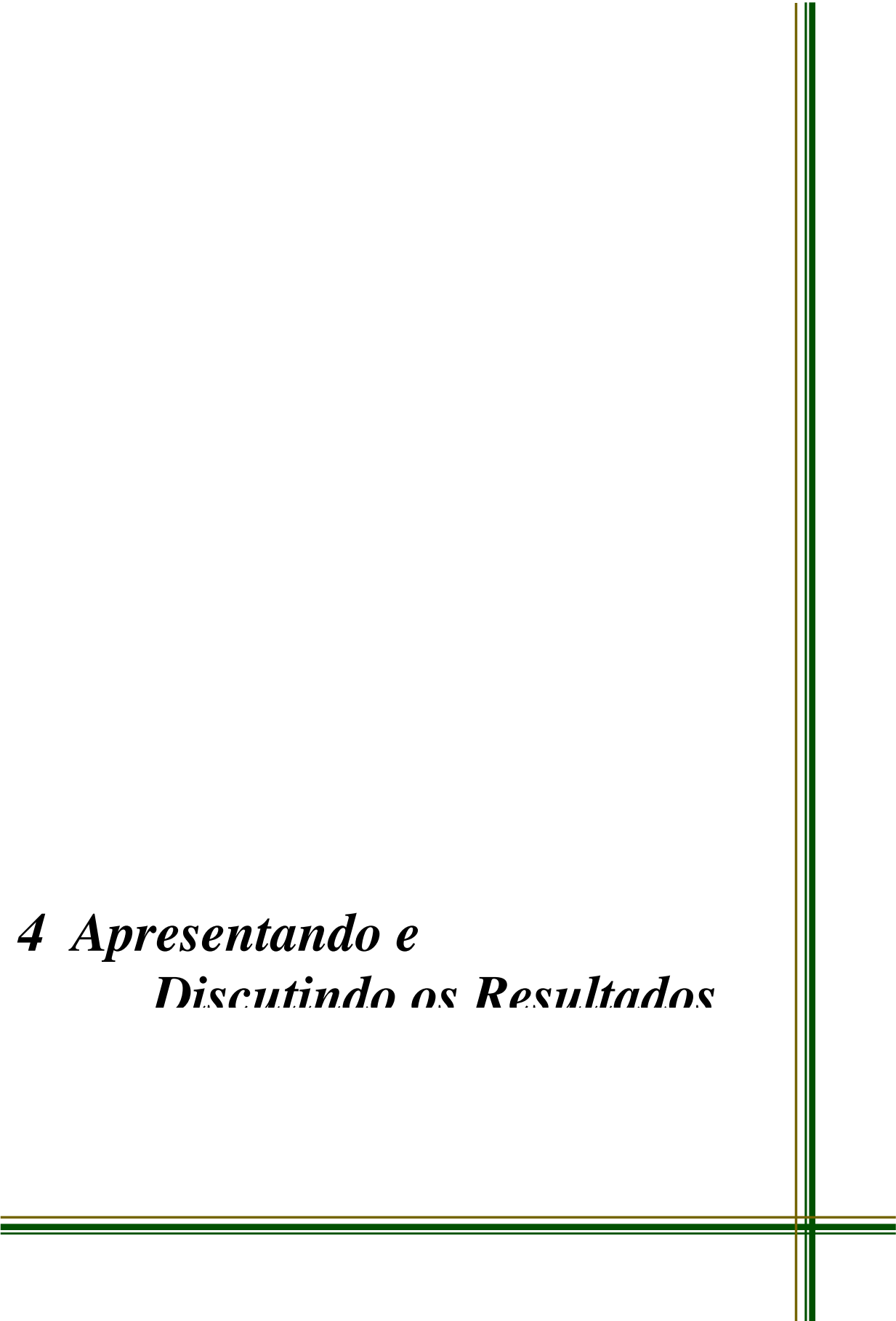
Para a análise dos depoimentos das docentes, utilizei o referencial de Josgrilberg (2000) que nos faz compreender que a adoção de um caminho metodológico permite desvelar ontologicamente o fenômeno investigado. Com finalidade didática, de acordo com minha compreensão e obedecendo às concepções de Josgrilberg (2000) dividi em três etapas o trajeto percorrido para a análise dos discursos:

- ▶ **ETAPA 1:** nesta etapa, fiz várias leituras de cada um dos discursos, sem preocupação, ainda com a interpretação dos mesmos.
- ▶ **ETAPA 2:** neste segundo momento, fiz uma categorização prévia das unidades de sentido (U.S.) mais relevantes contidas nos discursos, orientando-me fenomenologicamente, ou seja, para a escolha destas unidades, utilizei o que Josgrilberg (2000) chama de “analítica intencional”, e busquei um elo entre as concepções do referencial filosófico escolhido para nortear o estudo, o discurso e a vivência dos entrevistados.
- ▶ **ETAPA 3:** nesta última etapa, ainda sob a luz do referencial filosófico de Merleau-Ponty, agrupei as unidades de sentido semelhantes contidas nos discursos surgindo as categorias temáticas.

Após percorrer estas etapas, nomeei os temas que desvelaram o fenômeno corpo-corporeidade da mulher docente de enfermagem na prática de ensino. Assim, as categorias temáticas desveladas pelos depoimentos das docentes foram: *Corporeidade: expressão da vivência, Corporeidade: o ser mulher, Corporeidade e a docência de enfermagem.*

Na seqüência, apresento a descrição e a análise das categorias temáticas que compõem os resultados deste estudo.

***4 Apresentando e
Discutindo os Resultados***



*1 Introdução***4.1 CORPOREIDADE: EXPRESSÃO DA VIVÊNCIA**

Nesta categoria, trago a percepção das entrevistadas sobre sua corporeidade tanto na vida cotidiana como na profissional. Na vida cotidiana externa ao mundo acadêmico, assim como no mundo acadêmico estas expressam a vivência de seu corpo, atribuindo significados ao mesmo. As expressões das vivências mostraram a relação entre os seres entrelaçados em um mundo, que é fonte de todas as experiências existenciais, possibilitando alcançar a compreensão de partes do fenômeno investigado.

Pois se é verdade que tenho consciência do meu corpo através do mundo, que ele é o centro do mundo, o termo não percebido, para qual todos os objetos voltam sua face, é verdade pela mesma razão que meu corpo é pivô do mundo [...] e neste sentido tenho consciência do mundo por meio do meu corpo (Merleau-Ponty, 2006, p. 122).

Desse modo, temos consciência do corpo por meio do mundo e inversamente, também temos consciência do mundo por meio de nosso corpo. Assim, as docentes entrevistadas trouxeram os conceitos de corpo e corporeidade com base das experiências vividas no mundo onde habitam.

Ao expressarem a vivência da corporeidade em seus discursos, trouxeram à tona a enfermagem e a docência. Expressaram que possuem dificuldades para falar sobre seu corpo e corporeidade e que falar e refletir sobre estes conceitos não é uma rotina comum em seu cotidiano como docente:

Eu acho que hoje a questão do corpo, é eu não sei se eu estou entrando nas questões que você gostaria que eu tivesse entrando, porque eu acho que, na verdade, é uma coisa que a gente não para pra refletir muito mesmo, como é que essa questão do meu corpo, enquanto docente. E5

O trabalho docente abrange tantas responsabilidades que, muitas vezes, não se reflete sobre a própria corporeidade e como ela influencia nas relações de ensino. Exige todas as dimensões da corporeidade, e o desconhecimento e a falta de consciência corporal em sua plenitude pode interferir nas relações de ensino, pois o corpo da docente de enfermagem na sua integralidade é o mediador do processo de ensino e das relações com o

1 Introdução

aluno. No ensino da enfermagem percebe-se que na maioria das vezes, a preocupação em estarem aptas para as exigências cognitivas e técnicas sobressai-se a visualização de sua corporeidade e como melhor utilizá-la na sua vivência cotidiana.

Assim as entrevistadas destacaram também que na profissão enfermagem, de forma geral não é comum parar para refletir sobre o corpo:

Talvez, o meu corpo não fica assim evidenciado para mim no dia a dia, eu acho que no momento que é feito a pergunta você para pra refletir.. No dia a dia não tem essa coisa de pensar na importância que tem esse corpo ...Acho que ainda não temos consciência da importância do nosso corpo totalmente na área da enfermagem, acredito que ainda não, posso estar enganada, mas acho que ainda, não tem essa consciência não. E7

A enfermagem é uma profissão que exige muito do corpo físico do trabalhador, sendo talvez esta a razão da evidência do corpo físico em detrimento do corpo vivido em sua integralidade. Além disso, isto ocorre há muitos séculos, pois a própria cultura nos leva a valorizar primeiro o corpo somente como uma estrutura física.

Nas últimas décadas, o corpo tem se tornado uma grande preocupação, e a forma como a corporeidade é tratada varia conforme o contexto histórico, a cultura, entre outros fatores, é uma construção social, oriunda de um processo histórico (Gonçalves, 2002).

Ao visualizarmos o corpo em sua plenitude, e começarmos a discutir a temática corporeidade no contexto de ensino da enfermagem, pode dar novas conotações aos conceitos de corpo, ultrapassando o aspecto meramente físico destacado pelas docentes.

Neste contexto, ao serem indagadas as entrevistadas revelaram que, na enfermagem, o corpo físico é o primeiro a se destacar em suas reflexões:

Quando você fala em corpo parece que a gente só pensa na parte física né? Não sei não É isso que devo pensar? ...Como a gente está inserida na enfermagem a gente só pensa muito na parte física, mas não devo

1 Introdução

pensar assim. O corpo não é só isso...é difícil falar e pensar em corpo. Não sei se é porque na enfermagem a gente valoriza muito a parte técnica, quando se pensa em corpo, vem primeiro na mente a parte física mesmo. E4

Como corpo, falar do corpo físico, é isso? Como corpo? Falar do corpo físico, é isso? Quando você me pergunta você fala do corpo físico? Eu, aqui, mão, braço, perna, é isso? E7

O uso que o homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo como ser simplesmente biológico (Merleau-Ponty, 2006).

Esta afirmativa nos leva a refletir sobre o quanto as docentes de enfermagem estão conseguindo transcender em relação ao seu corpo biológico. Como o corpo físico é o mais requisitado na enfermagem, ele acaba ocupando existencialmente bastante espaço e é necessário refletir e ressignificar este espaço. A docente de enfermagem, ao desempenhar sua função acadêmica, seja em sala de aula, ou ainda, nos campos de estágio utiliza-se não só de seu corpo físico, mas o corpo vivido, também faz parte do cenário da educação, e ambos têm significados e responsabilidades equivalentes.

Em sua vivência diária ela percebe que sua presença em um mundo natural exige da sua corporeidade outras dimensões, que extrapolam o corpo biológico:

Eu acho que este corpo.. é o que eu falei para você... eu não penso em corpo só em corpo em termos de corpo de mulher vejo como um corpo físico mas que é também o é meu arcabouço para sustentar o meu mental físico e espiritual. E1

...corpo é mente, o corpo é alma, o corpo é espírito..é o físico ...é tudo. E4

Embora estas falas possam nos remeter a uma definição que veio de gerações e períodos históricos anteriores, percebe-se que a mulher docente de enfermagem valoriza, também, os aspectos mental e espiritual.

Merleau-Ponty considera o corpo como possuidor de uma consciência mental perceptiva, direcionada a um mundo fonte do conhecimento humano, portanto, para ele somos seres inteligentes com uma cognição não só

1 Introdução

racional, voltada para nós mesmos, mas sempre dirigida ao mundo e às diversas situações de vida e aprendizado.

Em relação ao aspecto mental, o ser humano tem estruturas psíquicas que formam seu ser, e não há um só ato ou intenção psíquica que não esteja atrelado a um corpo vivo com todas as suas disposições fisiológicas (Merleau-Ponty, 2006).

Segundo a concepção do autor, a mente com sua capacidade cognitiva e seus aspectos psíquicos fazem parte do corpo biológico, integrando-se a ele e completando-o como corporeidade.

Em relação à alma/espírito o autor não traz discussões mais aprofundadas sobre esta inter-relação, mas as traz, como fazendo parte da existência do ser humano. Afirma que a união entre alma e corpo realiza-se a cada instante no movimento da existência.

Assim, a mulher docente de enfermagem ao refletir sobre corpo e corporeidade evidencia dimensões de um corpo físico, mental e espiritual que, na sua concepção formam o seu ser, ou seja, sua corporeidade.

O corpo foi evidenciado como possuidor de significados e que expressa sentimentos, ideais, valores e crenças:

..O corpo tem o próprio significado de quem você é..o corpo é o teu próprio significado, às vezes, você expressa o que você sente, o que você acredita. Então o corpo é expressão do que você é, da sua crença, dos seus valores. E8

O corpo vivido revela-se, na vivência das entrevistadas e nas relações com as outras pessoas, como um carreador do que somos como seres humanos. No desenvolvimento de seu trabalho a docente de enfermagem demonstra seus sentimentos, valores e crenças, ou seja, sua consciência frente ao mundo. Diante da profissão e do estudante de enfermagem, isto se torna uma característica importante, pois, por meio disso, ela expressa os significados que atribui aos fatos relacionados à profissão contribuindo, assim, para a formação dos estudantes.

1 Introdução

O corpo também foi trazido como um facilitador para a comunicação, pois demonstra o que realmente somos, e nos comunicamos por meio dele:

A comunicação a questão da comunicação do corpo..O corpo mostra para o outro aquilo que você é [...] [...] ..a todo momento estamos em exposição e o outro está vendo em nós aquilo que realmente a gente é, não aquilo que a gente fala que é. E3

Nesta fala a entrevistada expressa um significado a linguagem não verbal do corpo físico que, na sua opinião extrapola a linguagem verbal. Refere que a comunicação não verbal do corpo físico, muitas vezes é mais sincera do que as próprias palavras.

A linguagem não verbal do corpo também foi lembrada por uma outra entrevistada, corroborando com a reflexão anterior :

..eu sou do tipo da pessoa “ o corpo fala” tudo em mim fala se eu estou brava, se fico chateada, tudo em mim..tudo.. fala. O meu corpo fala. E2

Assim, o corpo com estas características de comunicação verbal e não verbal foi citado pelas entrevistadas, qualificando-o como fundamental na existência humana e nas relações com os outros seres de seu convívio no meio acadêmico:

.... o meu corpo é a minha comunicação com os outros, com o doente e com o meu aluno.Então eu vejo assim como ele é fundamental. E7

Em relação à comunicação do corpo Merleau-Ponty (2006) em suas concepções destaca que nos comunicamos por intermédio dos movimentos corporais, da fala, e dos gestos emitindo significados ao mundo existencial permitindo que os corpos interajam e conheçam-se.Portanto, no caminhar no espaço e no tempo da educação, a mulher educadora de enfermagem movimenta-se por meio de sua corporeidade, e utiliza seu esquema corporal. Esquema corporal é conceituado, como a forma com que o corpo se manifesta utilizando-se de seus membros e de suas partes como corpo físico e vivido no espaço existencial do qual faz parte (Merleau-Ponty, 2006).

1 Introdução

Na concepção do filósofo todas as nossas estruturas físicas comunicam-se e interagem nas diversas experiências existenciais. No mundo o esquema corporal existe de fato, diferente do raciocínio objetivo, no qual o corpo é somente um grupo de órgãos justapostos.

Em sua vivencia, a mulher docente de enfermagem relata que se utiliza no seu cotidiano de vários recursos do seu esquema corporal , sendo que a voz é apontada como um destes recursos:

.. eu uso gestos, um tom de voz mais alto ou mais baixo para suscitar alguma coisa. E5

No tom voz...[...] percebe como sua voz é instrumento?Se você quer defender uma posição você fala em um tom mais grave, um pouco mais alto todo mundo fica assim oh.. porque a voz tem autoridade, você modula a voz.Daí você fala “ ah isso é manipulação”. Não, não é, é instrumento... E eu nunca li isso em nenhum livro, mas você começa a perceber e aprender. Assim na aula eu percebo o corpo inteiro... E10

Como demonstra uma das falas acima, a gestualidade do corpo, também, foi trazida como um recurso de comunicação utilizado no ensino da enfermagem:

Se lido com um desconhecido que ainda não disse uma só palavra, posso acreditar que ele vive em um outro mundo, no qual minhas ações e meus pensamentos não são dignos de figurar. Mas que ele diga uma palavra ou apenas faça um gesto de impaciência, ele já se revela: então é esta a sua voz, são estes os seus pensamentos, eis portanto o domínio que eu acreditava inacessível (Merleau-Ponty, 2006, p. 484)

O corpo da mulher educadora de enfermagem é expressividade e movimento contínuo em relação ao mundo, e ela utiliza-se do seu esquema corporal em diversas situações existenciais. Assim ao movimentar-se adota comportamentos, atitudes, gestos e palavras que trazem significados e intencionalidades. Da mesma forma traz o olhar como um recurso que utiliza nas relações com o aluno na tentativa de se fazer compreender e compreender o aluno:

1 Introdução

Quando você levanta e fala num tom incisivo, olhando nos olhos deles, quando você faz perguntas diretas, quando você anda de uma forma segura você percebe a reação deles. E5

eu acho que outro ponto importante sobre meu corpo é o olhar olho no olho [...] quando eu converso com aluno, principalmente quando eu trabalho com questões mais delicadas além de eu estar me colocando inteiramente a disposição, trabalhando aquele aspecto mas, eu acho que o olho no olho é fundamental. E isso é uma coisa que sempre chamo a atenção. E3

Desse modo vale ressaltar que, ao utilizar seu esquema corporal, a docente de enfermagem, também usa de sua motricidade, que é o movimento do corpo em relação ao mundo, aos objetos, ou ainda em direção às pessoas. Sempre todos os nossos movimentos no mundo vem acompanhados de algum tipo de significado.

...a consciência projeta-se em um mundo físico e tem um corpo, assim como ela se projeta em um mundo cultural e tem hábitos: porque ela só pode ser consciência jogando com significações dadas no passado absoluto da natureza ou em seu passado pessoal (...). Enfim, esses esclarecimentos nos permitem compreender sem equívoco a motricidade enquanto intencionalidade original. (...) O movimento não é o pensamento de um movimento, e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado. (...) a motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele (Merleau-Ponty, 2006, p.192-193).

A dimensão técnica que envolve a profissão enfermagem, foi destacada como uma função do corpo:

...o corpo é fundamental para qualquer [...] para qualquer tipo de manejo de técnica ou não, ele é estritamente necessário se eu não utilizar da minha presença, da minha disponibilidade, você não consegue caminhar para nenhuma assistência maior. E8

Nas primeiras décadas do século XX foram organizadas e sistematizadas as técnicas de enfermagem como estruturas do saber, que foram denominadas, como a descrição minuciosa da execução de procedimentos de enfermagem e dos materiais necessários para tal, passando a ser parte da área de conhecimento inerente à enfermagem (Dal Pai, Schrank, Pedro, 2006).

1 Introdução

Assim, o aprendizado das técnicas de enfermagem, um dos objetivos da docência no ensino da enfermagem, embora seja um procedimento manualmente técnico, utiliza-se do corpo físico do enfermeiro, mas permite também o emprego de todas as outras dimensões da corporeidade, pois cria no ato de cuidar um momento existencial entre os seres humanos. Reconhecer as outras dimensões da corporeidade na execução do cuidado é um desafio, pois ao se prestar cuidado, o corpo físico não é o centro da existencialidade, existe um corpo que coexiste em uma amplitude muito maior e que torna o cuidado além dos seus aspectos técnicos. Além disso, a execução das técnicas de enfermagem é um procedimento que possui intencionalidades e na realização destas, a motricidade e a articulação do esquema corporal fazem-se presentes.

Portanto, as entrevistadas trouxeram várias características e funções do corpo. Um corpo que se comunica e se expressa em seu caminhar na sua trajetória de vida e, por meio dele, faz tudo o que lhe compete fazer como ser humano:

...eu sou um ser que usa o corpo como expressão eu não consigo me identificar, assim eu sou este corpo eu sou muito mais.... se eu pudesse inventar uma frase...assim eu ocupo este corpo para fazer o que eu tenho que fazer. E10

Então, percebe-se que, ao expressar sua vivência em relação a sua corporeidade, as entrevistadas trouxeram o corpo como o principal componente para realizar suas atividades no espaço acadêmico, bem como se utiliza dele para se expressar em seu cotidiano.

A proxêmica, também, foi destacada como uma forma de comunicação utilizada nas relações com os alunos, proporcionando uma interação mais efetiva no ato de ensinar:

..se é uma aula mais expositiva eu fico em pé, caminhando e falando..[...] então os alunos adotam uma postura de recebedores. Depois eu puxo a cadeira para frente e eu ...quero saber da vivência dela e se eu perguntar da vivência em pé..elas não falam., eu sento elas falam. Assim de certa forma eu acho assim que eu uso o corpo como instrumento de comunicação pensadamente. E10

1 Introdução

A proximidade do aluno, é uma maneira de fortalecer as relações inter-pessoais, oportunizando, para que docente e aluno se conheçam melhor e possam interagir melhor nas diversas situações de aprendizado. Os movimentos de proximidade são realizados pelo corpo. Sendo assim, as entrevistadas trouxeram também o corpo como um veículo que as conduz em sua existência em todas as esferas onde perpassam no seu dia a dia:

Bom corpo para mim é um veículo, porque assim eu sou um ser e este ser usa um veículo...então, assim, eu não sou o corpo, o corpo é o veículo. [...]..porque este corpo é o veículo que eu tenho para me expressar no mundo...Não só para o trabalho, porque quando eu falo que o meu corpo é o instrumento é meu instrumento de trabalhar, é o meu instrumento de viajar de passear, de lazer, é o meu instrumento sexual, é meu instrumento para tudo. E10

Assim o corpo na concepção das entrevistadas é um veículo que possui movimento e as conduz em sua trajetória de vida em todos espaços existenciais ajudando-as em seus projetos de vida e em suas intencionalidades:

O corpo é o veículo de ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles (Merleau-Ponty, 2006, p.122).

Uma das entrevistadas verbalizou, em consonância, com outras que também trouxeram o corpo, como instrumento em outras esferas existenciais que o corpo também é um instrumento de ensino, pois o aluno observa seu comportamento nas atividades de ensino:

O meu corpo é um instrumento na minha profissão, no ensino, como eu me dirijo para o doente, para uma pessoa que eu estou atendendo, a forma como eu me dirijo, o toque que eu faço, o cuidado que eu realizo, eu acho que isso é um ensino para o meu aluno, a partir do momento que eu estou junto. E7

O termo instrumento nos leva á refletir que, no ensino da enfermagem, a corporeidade é utilizada com a finalidade de alcançar objetivos e que nosso corpo é um meio de alcançá-los, sendo, portanto um instrumento. Neste contexto, na prática docente a reflexão sobre como utilizar a corporeidade

1 Introdução

como instrumento para o ensino, permite o entendimento que o corpo é visto e percebido nos seus comportamentos, atitudes, e forma de agir no cotidiano profissional.

Keleman (2001) refere que o professor torna-se modelo para o aluno, e é necessário que o docente experimente um prazer intelectual e corporal para que o aluno possa se conectar também com seu prazer e desejo de aprender. Neste sentido, a corporeidade do professor é observada constantemente pelo aluno e este apreende comportamentos, atitudes e valores que o ajudam em sua constituição profissional, extrapolando a formação puramente intelectual.

Um corpo responsável por todos os papéis que ocupa na sociedade, que se cansa, que adocece, que possui sentimentos e reações, foi trazido também pelas entrevistadas, destacando assim, que o corpo biológico e o corpo vivido atrelam-se na trajetória de vida destas mulheres:

..Eu poderia dizer que o meu corpo é o instrumento que eu utilizo para esses papéis todos; mas ele é mais do que isso. Ele é um... meu corpo é o que carrega tudo isso que eu sou assim, mas carrega sem ser uma coisa com pouco significado, é uma coisa com muito significado para mim, então ele é o que carrega. Então, ele carrega o quê? Ele é o que tem que dar conta de tudo que eu sou, porque é ele que me traz, é ele que leva a todos os lugares,... Ele que sente todas as reações que eu tenho, ele que manifesta o cansaço que todos esses papéis me trazem. Ele que adocece quando eu não coloco os meus limites, ou quando eu não consigo ter os limites que eu preciso, é ele que engorda quando eu não tomo os cuidados com o exercício físico e com a alimentação, então para mim ele é o que responde a todo esse estilo de vida que eu estou tendo... E9

Da mesma forma, as entrevistadas afirmam que o corpo está presente em todos os acontecimentos que permeiam sua existência:

...foi ele que me fez conquistar um marido bacana, foi ele que me possibilitou gerar meus filhos, foi ele que esteve fazendo enfermagem comigo, me possibilitou essa vitória na vida, está comigo no doutorado... E9

E é também responsável pelas escolhas que fazem no decorrer de suas vidas:

1 Introdução

Então se eu escolhi ser tudo isso de uma vez, é o meu corpo que responde tudo isso, ou responde executando as coisas que têm que ser feitas, pensando, raciocinado, ele é o que responde agindo. Então, é ele o meu corpo na verdade que paga o preço das minhas escolhas, eu acho. Paga o preço das coisas boas, assim, mas ele também paga o preço das escolhas ruins, então, ele responde pelo estilo de vida e pelas escolhas que eu fiz pra esse momento da minha vida. E9

Em nossa experiência existencial temos a oportunidade de escolhas, atreladas à liberdade de selecionar o que queremos para nossa trajetória de vida. Somos seres livres em relação ao mundo, livres para fazer escolhas, prosseguir outros caminhos, transformando-os, buscando novas formas de adaptação e vencendo obstáculos que possam surgir:

No mundo-vida temos um conjunto de coisas que emergem propondo-se ao nosso corpo transpô-las e isto nos permite ajustarmos-nos as coisas, e também ao mundo que nos dá condições de alcançá-las pois fazemos parte e nos misturamos á ele (Merleau-Ponty, 2006).

Escolhas e liberdade relacionadas tanto à vida profissional como pessoal da mulher docente de enfermagem, são fatos comuns em seu cotidiano. Quando as adotam, estão exercitando sua corporeidade, como um ser ativo no contexto existencial.

Neste sentido, relacionam sua corporeidade com sua postura frente aos outros e ao mundo, e preocupam-se com suas atitudes, e na forma como estão sendo percebidas em seu contexto existencial:

...corporeidade é como minha postura interfere na aceitação do que eu estou falando, do impacto que eu causo para as pessoas, para os alunos, é... a postura que eu tenho na minha área de trabalho...Eu acho que como docente, talvez pra mim a questão de corpo venha, passe por uma questão assim de postura, de como eu me coloco diante das pessoas, diante dos alunos. E5

A postura, as atitudes, os comportamentos são movimentos do corpo e constituem o que somos como corporeidade.

O pássaro que atravessa meu jardim, por exemplo, no momento mesmo do movimento é apenas uma potencia acinzentada de voar e, de uma maneira geral, veremos que as coisas se definem

1 Introdução

primeiramente pelo seu comportamento e não por suas propriedades estáticas (Merleau-Ponty, 2006, p. 370).

Nesta afirmativa o autor faz com que compreendamos que a docente de enfermagem quando caminha, ou mesmo quando adota uma postura estática em seu espaço existencial, é um ser invisível na sua forma de ser, mas, quando adota comportamentos, atitudes e a gestualidade deixa se desvelar ao outro, trazendo à tona a sua representatividade enquanto ser humano.

O autor complementa que o corpo por ele mesmo é apenas uma massa obscura, mas nós o percebemos como um ser preciso e identificável quando ele se move em direção a alguma coisa, enquanto se projeta intencionalmente para o exterior do mundo-vida (Merleau-Ponty, 2006).

As docentes de enfermagem ao refletirem sobre seu corpo e sua corporeidade trazem concepções que estão ligadas à sua vivência tanto no contexto de vida pessoal como no âmbito da docência. São seres com corpos únicos que atribuem sentidos à sua corporeidade a partir de sua vivência no mundo-vida da qual fazem parte. Ao expressarem a vivência de seu corpo, antecedendo sua condição docente, trazem a tona também o ser mulher, pois o ser mulher faz parte de sua existência e constitui-se como ser humano e corporeidade. Este é o assunto a ser tratado na próxima categoria.

4.2 CORPOREIDADE: O SER MULHER

A mulher docente de enfermagem percebe-se em um contexto existencial que extrapola o meio acadêmico, como um ser aberto a um mundo natural com vivências e experiências que auxiliam na construção de sua vida como ser humano. O mundo natural é o horizonte de todos os horizontes [...] o estilo de todos os estilos que para alguém de todas as rupturas de minha vida pessoal e histórica, garante às minhas experiências uma unidade dada e não desejada, mas que propicia em mim a existência e vivência do corpo (Merleau-Ponty, 2006).

1 Introdução

Desse modo, sentem-se possuidoras de uma historicidade considerando acontecimentos da trajetória de vida como algo significativo no seu crescimento enquanto mulher:

...as lutas, as decepções, as brigas, o me conhecer um pouco mais ... o ter que lutar sozinha, o ter que batalhar sozinha, o ter que sustentar os meus filhos sozinha, o ter que lutar em várias frentes ao mesmo tempo, o .desenvolvimento profissional, trabalhar pra sustentar a casa, cuidar do aspecto emocional dos filhos, então acho que essas coisas todas fizeram parte do meu crescimento enquanto mulher e pessoa. E5

Assim, traz a vivência de situações relacionadas a seu papel como mulher na sociedade, buscando seu espaço profissional mas não deixando de atrelar a isso seu papel de mãe e esposa. Ao verbalizarem esta percepção, compreendem que sua vida em um espaço externo ao meio acadêmico, assim como sua história de vida são significativos, pois estes fenômenos fazem parte de sua corporeidade ou seja do seu ser.

Desse modo, delimitamos fases ou etapas de nossa vida, por exemplo, consideramos como fazendo parte de nosso presente tudo que tem uma relação de sentido com nossas ocupações no momento; portanto, reconhecemos implicitamente que tempo e sentido são um e o mesmo (Merleau-Ponty, 2006)

O ser humano como sujeito existencial, é um campo de presença, presença a si, presença ao outrem e ao mundo e, por meio desta presença lança-se no mundo natural a partir do qual se compreende (Merleau-Ponty, 2006).

Por fazerem parte de um mundo natural, as entrevistadas trouxeram também algumas percepções referente a sua condição feminina, destacando as questões relacionadas ao gênero, desde a escolha da profissão:

A gente vem de um modelo de sociedade de décadas atrás em que a mulher era mais submissa [...]. Mas a escolha da enfermagem foi porque ainda traz uma característica de profissão feminina. E3

1 Introdução

As entrevistadas trazem ainda algumas características do gênero que, segundo elas, influenciam de forma positiva na compreensão do educando:

E sendo mulher a questão da sensibilidade a questão..de ..atenção com o outro de estar mais disponível para ao outro e este lado mulher este lado feminino este lado mais sensível me facilita muito entender e atender as necessidades dos meus alunos essas pessoas que estão em formação ainda. E1

A mulher educadora de enfermagem traz arraigada em sua historicidade questões de gênero que fazem parte da história da mulher na sociedade, da história da enfermagem, e em alguns momentos, na forma como utilizam a sua corporeidade nas relações de ensino:

... eu tenho sentido é acho que é próprio da nossa área meio como mãe...[...] então a gente acaba fazendo muito o papel de mãe e como enfermeira a gente ensina por ser próprio da disciplina a gente tem que ser muito paciente, muito calma, pegar na mãozinha..tem alunos que emocionalmente vem muito...não sabe se quer bem o curso está fora de casa..chora e eu e me sinto muito mais como mãe , uma mãe que ensina enfermagem. E4

A prevalência do gênero feminino na constituição do professorado é bem conhecida dentro das instituições escolares, quase numa espécie de naturalização da vocação feminina para o cuidado, à semelhança do que acontece na representação social construída a respeito das profissões ligadas ao chamado *cuidado*, como é o caso da enfermagem (Freitas, 2003).

Nesta perspectiva, fazem parte também de uma sociedade onde a dupla jornada é um fato comum, sobrecarregando-a em sua condição existencial. O cuidado com a família, o ser mãe, esposa, a responsabilidade com as atividades domésticas fazem parte de seu cotidiano:

...você chega em casa acabada, sem energia nenhuma, mas como qualquer mulher, infelizmente você tem que tirar energia porque você tem outra jornada, que no meu caso eu tenho filho pequeno, tenho que dar conta dos problemas deles, assim e tentar desligar desse momento duro do processo de trabalho. E6

1 Introdução

Ao discorrer sobre o processo saúde doença das mulheres Fonseca (2007) enfatiza que, atualmente o peso das diversas jornadas de trabalho afeta a saúde da mulher.

As mulheres docentes de enfermagem como seres biopsicossócio-culturais vivenciam vários papéis e levam consigo todas as dimensões destes papéis ao meio acadêmico, é um único corpo que vivencia a corporeidade tanto no âmbito educacional como na vida cotidiana. Papéis que, em alguns momentos, se entrelaçam e em outros definem-se, mas que não deixam de compor o ser mulher educadora de enfermagem.

A percepção de um corpo lançado em um mundo e que vivencia diversas fases evolutivas, também, é destacado pelas entrevistadas, trazendo à tona desde aspectos relacionados à sua pré-adolescência até a idade adulta:

..sou de uma geração que festejava a primeira menstruação, ou pelo menos eu festejei, não sei se eu era diferente mas eu me lembro que quando fiquei menstruada teve um sentido de rito de passagem eu não gostava de ser criança eu queria ser mulher, eu queria ser adulta, eu queria ser grande já então a primeira menstruação para mim foi o ótimo...tipo assim ahhaan Agora já sou mulher!! E10

Nesse caminho eu descobri a sexualidade, que veio muito tarde pra mim, eu já tinha três filhos...E5

E para maternidade inclusive, pois eu já fui mãe, pois este corpo já me permitiu muita coisa legal que eu quis fazer na minha vida, eu gosto muito dele. E10

Ao se recordarem das diversas fases evolutivas, as mulheres educadoras trazem aquilo que lhes é significativo como mulher, ou seja aspectos fisiológicos que compõem o seu corpo físico e que, assim como o corpo vivido, tem sua importância em sua condição humana.

Para Merleau-Ponty (2006) ao recordarmos da nossa vivência trazemos à consciência um quadro do passado, enveredamos no horizonte do passado e pouco a pouco desenvolvemos perspectivas encaixadas, até que as experiências sejam vividas novamente em seu lugar temporal.

1 Introdução

Assim, a lembrança desses aspectos é significativo para estas mulheres, pois quando apontam os acontecimentos sinalizam que esses fatos marcaram sua existência, deixando, assim, recordações que constituem a sua vida como mulher.

As modificações do corpo físico adquiridas ao longo dos tempos também foram destacadas pelas entrevistadas :

e quando você fala em corpo naquele começo de vida profissional o corpo também é outro , o corpo é um corpo mais jovem, um corpo que por mais mesmo que a exigência do intelecto do mental seja grande o corpo está no seu auge dá assim..tudo que você pede dele. E1

Porém é um corpo, se for pensar fisicamente, um corpo já envelhecendo, que não tem mais aquela flexibilidade que tinha até então [...] ..pelo fato de estar num departamento de três andares hoje vejo que isso é um peso, se você considerar tantas escadas que você tem que subir, quantos degraus que você tem que subir, a distância, tudo isso acho que pesa.. E7

No decorrer do tempo as modificações físicas na prática docente são apontadas pela mulher docente, e estas percebem que à medida que o tempo passa, o envelhecimento cronológico afeta sua vida cotidiana.

Assim, embora os efeitos cronológicos do tempo afetem o corpo físico da mulher docente de enfermagem, aspecto natural da vivencia humana, continua interagindo constantemente com o mundo e com as pessoas como corpo físico e corpo vivido.

Desta forma, a mulher docente que adentra no meio acadêmico traz consigo toda uma historicidade de vida, fatos e vivências que a constituem integralmente, como um ser que existe além dos muros da universidade.

4.3 CORPOREIDADE E A DOCÊNCIA DE ENFERMAGEM

Nesta categoria, apresento o caminhar da docente de enfermagem no espaço acadêmico. Este espaço não é o ambiente real ou lógico em que as coisas e fenômenos se dispõem, mas sim um espaço existencial onde se tem a possibilidade de percepção e reflexão que

1 Introdução

proporcionam uma capacidade única e indivisível de traçar o espaço, deixando assim de viver em um espaço espacializado para experienciar um espaço espacializante (Merleau- Ponty, 2006).

Espaço espacializado é definido como o local onde estão dispostos os objetos, os fenômenos, os fatos e a natureza; e o espaço espacializante é o local onde o ser humano, inserido neste ambiente existencial, percebe, reflete, dá significados, tem consciência dos objetos e das coisas que o circundam, interferindo e possuindo um movimento existencial frente ao mundo (Merleau- Ponty, 2006).

Desta forma, ao adentrar no espaço existencial do ensino da enfermagem, a docente de enfermagem, como um ser perceptivo observa aspectos relacionados a seu processo de trabalho, ao ambiente acadêmico, a si mesma e ao aluno.

A percepção não é uma ciência do mundo, não é mesmo nem um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei da constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas (Merleau-Ponty, 2006, p. 6).

Por meio da sua consciência perceptiva as entrevistadas direcionam-se para o mundo da enfermagem, refletem sobre sua corporeidade como educadoras e atribuem significados à sua experiência.

Como um ser no mundo, as entrevistadas trouxeram aquilo que lhe é significativo, aquilo que atribui ideologias, aquilo que faz parte de seu ser e da sua vida. Assim, percebem e reportam-se à história da enfermagem e ao cuidado, como algo significativo e entrelaçado em sua vivência enquanto docente e mulher:

Eu acho que eu atribuo um significado extremamente interessante, porque eu acho que o meu corpo é um corpo de mulher. Eu acho que minha área de docência é a enfermagem, e não tem como você dissociar a imagem da mulher, da docente e da história do cuidado e da enfermagem. E5

1 Introdução

Portanto, ser mulher, ser docente de enfermagem e ensinar o cuidado de enfermagem são fatos que fazem parte da vivência da mulher docente de enfermagem, de sua história de vida e de sua corporeidade.

A valorização destes aspectos assume um papel valioso, pois sempre pessoas necessitarão do cuidado humano, e o ensino deste torna-a responsável pela profissão e na formação de profissionais comprometidos com a enfermagem em sua totalidade.

As entrevistadas verbalizaram, também, que a vivência da docência oportuniza a visualização da evolução da enfermagem e da mulher enfermeira:

...quanto ao lado profissional eu vejo que sou uma pessoa que tem uma trajetória de quase 40 anos dentro da enfermagem e que já viu uma transformação nas práticas da enfermagem desde que a gente começou o curso de enfermagem até os dias atuais, como, [...] também da mulher enquanto profissional de enfermagem. E3

O início da atuação profissional, como docentes foi destacada como um momento de descobertas, medos, inseguranças e dificuldades:

..eu vejo que no início era uma descoberta da profissão... E7

..mas dar aula no ensino superior gerou muita insegurança, muito medo, ansiedade. E4

Estes sentimentos emergiam pela falta de experiência no ensino e o despreparo para a função:

Bom, primeiro, que eu não tive nenhuma capacitação para ser docente. E6

...o que mudou do início para agora eu acho que assim, a própria falta de experiência na época, de cuidar, porque na verdade meu objeto de cuidado agora se eu for pensar assim, principalmente é principalmente o aluno. E9

Para o enfermeiro assumir o papel de professor, ele precisa possuir conhecimento na área específica, bem como, do processo educativo. A formação pedagógica é essencial no planejar, organizar, e implementar o processo ensino-aprendizagem (Rodrigues, Mendes Sobrinho, 2007).

1 Introdução

Desta forma, a capacitação e aproximação do enfermeiro desde, o curso de graduação para a função docente é importante, visto que o ensino é uma das áreas de atuação do profissional enfermeiro e isso poderia minimizar as dificuldades iniciais do docente na carreira acadêmica.

A proximidade do aluno, a responsabilidade pelo seu aprendizado e o não saber lidar com sua corporeidade também foram motivos geradores de tensão emocional para às entrevistadas :

Depois que eu entrei em sala de aula parece que eu fiquei mais tensa, porque assim, medo de falar alguma coisa errada. Eu tentava sempre me preparar bem...quando eu comecei era uma sala de 60 alunos, então assim, lidar com 60 alunos numa sala de aula, eu me sentia assim muito tensa, porque era muita conversa, ou mesmo, parece que eu não atingia os objetivos, que eu não ia conseguir, que era muita gente para você poder se expressar e falar. Eu tentava puxar mais para o contexto do conteúdo que eu dava. Eu achava que assim, tinha que todo mundo ficar quieto, me ouvindo entender e pronto, acabou. E6

No início quando comecei a dar aula o corpo físico era aquilo, não sabia onde colocava a mão...O meu corpo demonstrava basicamente a insegurança, ..perguntava para mim mesma, como eu vou ser acolhida, As dúvidas que eu tinha no início, será que vou dar conta da competência do conhecimento científico? Então, eu vou dizer que no começo eu me via assim, nossa! Onde eu coloco a mão, o que será que eu falo? E no próprio relacionamento com os alunos no início o corpo demonstrava assim sempre você querer ficar um pouco mais pra trás, deixa o outro na frente. E8

Ao iniciar a prática pedagógica, inicia-se uma nova experiência existencial para as mulheres docentes de enfermagem e as mesmas demonstravam insegurança em relação ao conhecimento ao ser transmitido nas relações com os alunos, bem como tinham dificuldade de se expressar falar e comportar-se perante os alunos. Percebe-se nas falas anteriores que a docência exige do corpo da docente da enfermagem, além do aspecto físico. O equilíbrio e o aprendizado de como lidar com sua corporeidade no meio de ensino é um construção que ocorre à medida que o tempo passa, apropriando a mesma para o desempenho de seu papel. Este aprendizado é oferecido pela própria experiência existencial, pois é no mundo que crescemos e nos aperfeiçoamos como seres humanos.

1 Introdução

O tempo de atuação profissional é um importante fator na construção e mobilização dos saberes, aliado, também, a uma prática de trabalho coletivo e colaborativo que permeia a instalação de um permanente estado de reflexão sobre e na prática cotidiana (Madeira, Lima, 2007)

As preocupações com a atitude corporal, com o conhecimento científico e a necessidade de uma readequação de sua forma de ser como profissional, são experienciadas pelas entrevistadas sempre na tentativa de acerto e melhoria na realização de sua atividade docente:

Então como que eu me via ? Eu me via um corpo meio perdido, um corpo buscando muito acertar, e tendo varias falhas também. E9

Uma das entrevistadas verbalizou que o professor, também precisa de tempo para apreender a ser docente e que isto gera sofrimento:

Também acho que o aluno tem que esperar um tempão para o professor se formar , porque ele está querendo aprender, mas no começo a gente sofre muito... E8

Ao iniciar a vivencia da docência, situações novas aparecem, novos aprendizados são necessários, gerando sofrimento para a docente. As relações com o aluno e a adaptação a seu papel tornam-se aspectos novos a serem apreendidos em sua condição docente.

Desse modo, a docência é uma profissão que se edifica cotidianamente. Os saberes da formação, do currículo, da disciplina de ensino e da experiência são construídos na ação (Tardif, 2002).

Nas experiências existenciais que ocorrem durante o passado, presente e futuro que o sujeito se compreende e cresce (Merleau-Ponty, 2006).

As mulheres sujeitos deste estudo, revelaram também que o trabalho docente gera ao longo dos anos uma ansiedade constante sobretudo no campo de estágio, e isto foi destacado pelas mesmas:

1 Introdução

...porque a gente cria um pouco de ansiedade, mesmo você tendo 15/20 anos de docência, você começa um estágio em uma nova turma, e no dia a dia você tem um pouco de ansiedade, você não sabe o que vai acontecer lá ..se vai ter alguma intercorrência, algum problema com aluno, alguma coisa que você não vai conseguir resolver. E4

...você entra no campo da prática e nem um dia é igual o outro. A gente não sabe o que vem no dia, cada dia é um dia, cada dez minutos é diferente dos minutos anteriores e eu como professora tenho que saber lidar com as adversidades. E8

As situações cotidianas que permeiam o trabalho de enfermagem, também, afetam às mulheres docentes de enfermagem. A ansiedade e o estresse podem acometê-las, primeiro pelas responsabilidades no ensino sobre o cuidado, assim como pelo envolvimento em todas as nuances que acometem o processo de trabalho em enfermagem.

Os enfermeiros educadores convivem com vários fatores que geram angústia e sofrimento no trabalho, destacando-se: a má remuneração; condições inadequadas de trabalho; conflitos nas relações de trabalho; a inconsistência entre a proposta político-pedagógica das escolas e sua implementação efetiva, gerando desorganização pedagógico-administrativa; déficit na formação didático-pedagógica dos enfermeiros-educadores, desvalorização social do trabalho, entre outros (Vasconcelos, Prado, 2004).

Embora percebam as dificuldades da carreira docente, verbalizam que crescem no exercício da docência e que isto é um processo contínuo:

O aprendizado que eu tive, quando eu comecei aqui parece que eu não sabia nada, mas devagar a gente foi aprendendo mesmo..como se posicionar , como liderar, como. Então foi o aprendizado destes anos que me deixaram mais segura ..é fazendo. E4

..e às vezes me vejo e parece que estou começando hoje, cada momento da vida uma etapa diferente, então é sempre um recomeçar. E7

Uma das entrevistadas verbalizou que a inter-relação com outras pessoas que convivem no espaço acadêmico, ajudaram-na em seu crescimento, enquanto pessoa:

1 Introdução

Eu não digo a docência me modificou , mas as pessoas com as quais eu convivo na docência [...] também me ajudaram a modificar. E2

A vivencia das várias funções no espaço acadêmico fazem parte do trabalho docente e as atividades extrapolam as funções inerentes ao ensino, isso é visto na concepção das educadoras, como algo desgastante. Algumas docentes referiram o envolvimento com a parte administrativa, as reuniões, e o desgaste oriundo da excessiva carga horária cumprida pelo excesso de responsabilidades:

...a gente tem a parte administrativa que sempre está deixando a gente sobrecarregada, é nesse contexto que a gente vive. Porque a gente é submetido a vários desgastes, de carga horária, de responsabilidades. E8

Uma discussão você tem que participar de mais umas três reuniões pra fazer a mesma discussão, então tudo é o dobro, é o triplo... E6

Na docência de enfermagem atualmente, o trabalho extrapola o ensino do aluno. Existe a responsabilidade com outras atividades administrativas, como a participação em comissões e em reuniões, a correção de provas, o preenchimento de pautas, entre outros, sobrecarregando, desta forma a docente de enfermagem.

As atividades da docência não são apenas atividades em sala de aula, a gestão do ensino no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação [...]" ; assim, o trabalho da educadora torna-se intenso, pois, além das funções habituais que lhe são prescritas, outras passaram a ser incorporadas a sua jornada de trabalho (Oliveira, 2003).

A produção intelectual do docente e a exigência quanto a realização de pesquisas, também, são consideradas um aspecto desgastante na percepção das entrevistadas, pois, além das outras funções relacionadas à extensão e ao ensino, a pesquisa é uma exigência da instituição:

Porque ao final, você tem que mostrar pra universidade xis produção, só que pra você alcançar xis produção tem que ter qualidade, e pra ter

1 Introdução

qualidade você tem que começar muito antes, tem que ter tempo e dedicação. E6

Aliado à isto, há também a exigência quanto a capacitação docente:

...O doutorado tem que fazer, dar conta das atividades... Doutorado é obrigado porque a universidade a gente esta aqui, é docente. E6

Um aspecto constantemente observado na vida dos professores universitários é a acumulação do trabalho. As tarefas tendem a ser diversificadas, mas fragmentadas; vê-se, também, o aumento das exigências sobre estes profissionais que sofrem pressões relacionadas à progressão da carreira docente e pela necessidade de capacitação e atualização constante de conteúdos a serem ministrados (Lemos, 2005).

Os aspectos relacionados à inadequação da estrutura física e as dificuldades financeiras foram, também mencionados como fatores motivadores de desgaste na prática docente:

... a gente merecia uma melhor estrutura, um ambiente melhor pra lidar com isso, mas a gente não tem, e eu não acredito que vá conseguir. E tem o outro lado da necessidade financeira pensando na melhoria da condição financeira que é uma das piores dentro de uma universidade. E6

Conforme a percepção de uma das entrevistadas, a mudança curricular também foi um motivo de desgaste em sua prática profissional:

Eu acho que uma coisa que foi muito dolorosa, mas que foi muito positiva pra mim foi a mudança do currículo, que tirou os meus tapetes, que me fez repensar o que era ensinar, o que era aprender, que me devolveu para o banco de sala de aula voltar a estudar coisas que eu não sabia, que me fez sentar numa roda pequena com alunos e que os alunos começavam a questionar e a participar, e eu gostei disso, eu gostei do produto disso, eu achei que o produto foi bom...E5

O processo de educação de adultos pressupõe o uso de metodologias de ensino e aprendizagem que proponha concretamente desafios a serem superados pelos estudantes, que lhes possibilite ocupar o lugar de

1 Introdução

sujeitos na construção dos conhecimentos, participando da análise do próprio processo assistencial em que estão inseridos e que coloquem o professor como facilitador e orientador desse processo (Rodrigues, Caldeira, 2008).

Por outro lado, toda mudança curricular exige também do professor, ocasionando-lhe o desgaste físico e emocional, pois algo novo sempre suscita insegurança, novos conhecimentos e novas formas de ver o processo de ensino e aprendizado.

Desse modo, um estudo que levantou sentimentos de prazer e sofrimento na implantação de um currículo revela que o fato provocou sentimentos diversos no comportamento, nas atitudes e atividades cotidianas dessas professoras. Para muitas, teve significado de um momento de criação, de alegria pelo crescimento pessoal e realização pessoal; para outras gerou, sentimento de sofrimento pela perda do sentido do trabalho, desgaste físico, mental e o não reconhecimento e valorização do esforço que estavam realizando (Martins, Robazzi, 2006).

Assim, as docentes de enfermagem percebem a repercussão do processo de trabalho sobre suas vidas e seus corpos:

...porque se eu somar eu cuido de seis alunos, seis crianças, seis mães e seis funcionários da unidade, além do enfermeiro. Então são cinco vezes seis, são trinta informações, porque além de cada criança, a medicação de cada criança, os cuidados de cada criança, o residente de cada criança, então vai somando..O cansaço físico e mental é muito grande.[...] ..porque nesse ano passado eu descobri que eu tinha triglicérides alto, colesterol alto, e que eu tinha que fazer alguma atividade, que eu já fazia, mas não era suficiente pra dar conta de equilibrar, mas tudo isso eram os fatores estressantes do cotidiano[...] Mas eu penso que se eu tivesse trabalhando fora da docência, talvez eu não poderia estar passando por esse processo , mas eu vejo assim, por esse grande stress, por esse excesso de cobrança. E6

O discurso da entrevistada acima revela que o processo de trabalho no ensino da enfermagem é estressante e pode trazer repercussões à saúde da mulher docente de enfermagem. Uma das entrevistadas verbalizou que, às vezes, o excesso de atividades influencia também nas relações com os alunos:

1 Introdução

Vai depender um pouco da quantidade de pressão que eu estou normalmente, então é aquela situação, as vezes que eu tomei aquela atitude com aquele aluno, não foi exatamente por causa do aluno, é por causa assim eu estou com prazos pra entregar, estou com relatórios pra fazer, estou com projetos para encaminhar, estou com um monte de coisa pra ler, então é que aí eu ainda sinto que foge do meu controle de prevenir. E9

O excesso e a sobrecarga de trabalho existente na docência produzem tensões, que acabam repercutindo nas relações cotidianas do trabalho docente e de seus atores (Freitas, 2003).

Embora vivenciem o desgaste do processo de trabalho, sentem prazer no trabalho, originando-se assim uma situação de ambiguidade:

Eu gosto muito, principalmente ensinar que se faça a assistência correta, uma assistência legal e que vá repercutir no tratamento, vá dar conta do tratamento da criança. Isso com certeza eu sinto prazer em fazer isso. Mas por outro lado eu fico muito esgotada, é um esgotamento físico e mental muito grande.[...] Então eu vejo que o desgaste é grande, mas eu gosto de fazer a assistência, ensinar a assistência. E6

Na citação anterior nota-se que as mulheres docentes de enfermagem referem que, mesmo diante das dificuldades encontradas no mundo acadêmico, sentem prazer e atribuem significados e importância a seu trabalho:

O vivido é vivido por mim, eu não ignoro os sentimentos que recalco e, neste sentido, não existe inconsciente. Mas posso viver mais coisas do que as que me represento, meu ser não se reduz àquilo que, de mim mesmo, expressamente me aparece. O que é apenas vivido é ambivalente: existem em mim sentimentos aos quais não dou seu nome e também felicidades falsas em que não estou por inteiro (Merleau-Ponty, 2006, p. 398).

Neste emaranhado de atividades, responsabilidades e funções a mulher docente de enfermagem tem um encontro com o aluno e neste encontro, nota que é percebida em suas atitudes:

Eles observam muito como eu trato o paciente, a minha postura mesmo, até no tom de voz, no acolhimento que eu faço, como eu cuido,

1 Introdução

o carinho que eu faço numa criança, a conversa que eu tenho, como eu me refiro a mãe. Como eu me cuido... E9

...porque muitas vezes ele não verbaliza, mas você olhando o aluno você sabe a resposta que ele tem para aquela atitude da gente. E3

Preocupam-se com sua postura, com sua aparência pessoal e, também, com suas atitudes no ato de ensinar o cuidado, pois sabem que são percebidas e observadas:

Eu tento passar isso para meus alunos, como assim, se a gente precisa isso na nossa vida, se a gente gosta disso na nossa vida fora daqui, então as pessoas que estão aqui também precisam disso e gostam disso, querem ser respeitadas, querem receber até carinho na forma de cuidar, da forma que a gente aborda, como a gente cuida, as mães se sentem muito bem cuidadas quando a gente cuida dos filhos delas de uma forma mais carinhosa, atenciosa, elas sentem essa diferença, e isso eu tento pôr na minha prática sim, tanto na minha atuação, quanto na atuação dos alunos. E9

.. eles acabam ficando cativados, pela forma que a gente lida com as crianças, como é que cuida, eu acho que é isso...E6

O cuidar envolve ações, comportamentos e atitudes. Pessoas que adotam tais comportamentos e atitudes são o que se pode denominar de seres de cuidar; dentre estes comportamentos e atitudes, destacam-se respeito, consideração, solidariedade, compaixão, saber ouvir, mostrar interesse genuíno, atenção, e ajuda (Waldow, 2009).

Desta forma, da mesma maneira que são observadas, percebem os alunos que estão vivenciando o mundo da enfermagem e preocupam-se com o comportamento e a imagem transmitida pelos mesmos. Assim, corpos se encontram, percebem-se, têm sentimentos e atitudes e, nessa relação intersubjetiva, coexistem no mundo do ensino da enfermagem.

Ali existem dois seres e agora o outro não é mais um simples comportamento em meu campo transcendental, aliás, nem eu no seu, nós somos um para o outro ligados em uma reciprocidade perfeita. Nossas perspectivas deslizam uma na outra, nós coexistimos no mesmo mundo Merleau-Ponty (2006).

1 Introdução

Nesta coexistência com o aluno, percebem os que, ao ingressarem no curso, possuem dúvidas quanto à profissão, e com problemas emocionais por estarem iniciando uma vida mais independente e longe da família:

...os alunos estão chegando de uma forma muito complexa. O que eu quero dizer com complexa assim ..muitos entram no curso sem ter muita clareza até do que eles querem. Assim, eles optaram por um curso mas sem saber o que esperar do curso em termos de vida profissional [...].muitos ficam se questionando..realmente será que é isso que eu quero para minha vida? [...] os alunos que chegam sem saber a direção para dar a própria vida. E1

é um perfil de pessoa que também está numa mudança de vida, ela está entrando numa outra etapa de vida, seja só pelo fato de passar do ensino médio pra faculdade, que eu acho que é um outro capítulo da história das pessoas, seja por ter se mudado de casa, por não morar mais com os pais, de que está afetivamente muito necessitado assim, eu sinto os alunos muito carentes dessa afetividade, e eles buscam muito isso no professor. E9

Na enfermagem, o aluno vive um encontro com a realidade ao entrar em contato com as diversas faces do cuidar durante sua aprendizagem. Nesse encontro o novo insere-se porque transforma essa fase de aquisição de conhecimentos em momentos de apreensão e medo. Tais momentos não estão relacionados diretamente à fuga, mas, ao "novo". Algo "novo" que toma nossa mente e transforma este momento de aprendizagem em algo inevitável e essencial para o futuro profissional enfermeiro que é a experiência (Camacho, Espírito Santo, 2001).

As docentes sentem esta problemática enfrentada pelo aluno no início do curso, relacionada a seu contexto de vida pessoal e em frente à realidade da enfermagem.

Além disso, consideram que os alunos nesta fase da vida estão mais preocupados com a exposição e a estética do corpo:

Dá para perceber assim que estes alunos alguns vamos dizer, um percentual bem importante é assim muita displicência é muita....é um período assim da vida deles que a consciência corporal esta mais

1 Introdução

voltada para estética, de ter um corpo bonito, apresentável [...] é só questão de plasticidade, de se mostrar... E1

Ao ingressar na enfermagem a maioria dos alunos vivencia uma fase da vida cujos aspectos relacionados à adolescência e a fatores culturais próprios da época estão arraigados em seu ser, e o corpo físico, a sensualidade, bem como a exposição do corpo adquirem um valor mais acentuado.

A concepção de novos espaços para discutir-se práticas corporais e concepções de corpo e a procura da emancipação e clarificação da corporeidade em toda a sua dimensão são pontos vitais à mudança efetiva dos atuais paradigmas que norteiam a educação do corpo (Pelegri, 2008).

As entrevistadas notam que o aluno conscientiza-se do corpo físico e que não tem discernimento de sua corporeidade e a influência desta na enfermagem:

Eu vejo que ele tem uma consciência desse físico, do corpo físico mesmo, mas as outras dimensões precisam ser melhor trabalhadas. E7

Elas têm a consciência do corpo, acho que tem sim, mas de uma forma diferente. Acho que [...] elas não vem o corpo como veículo de expressão... E10

Observam que os alunos mostram atitudes e comportamentos diferenciados e não pensam em suas atitudes como corpo nas suas relações como professor:

Se a gente for comparar alunos de muito anos com os de hoje, realmente em termos de atitudes, eles não tem um respeito com o professor antigamente, a postura era bem diferente. Em termos de comportamento, eles não valorizam as regras, as normas ..tem aluno que come dentro da sala, que fica se pintando, que fica no celular.. tem aluno que faz pouco caso de professor em termos, assim, de postura a gente percebe que é uma postura muito ruim..E4

1 Introdução

A falta de cuidado do aluno com o corpo também é notada pelas docentes de enfermagem:

...muito pouca preocupação com a saúde, então assim, é uma judiação que esta geração de enfermeiros... de enfermeiras estão fazendo com seu corpo. Elas comem mal, elas comem miojo, sabe aquela coisa a alimentação delas é abominável. Elas são obstipadas, elas têm dor na coluna porque não tem uma boa postura, andam muito de salto alto. Eu acho, assim o corpo das alunas de enfermagem é o mesmo corpo de uma mulher leiga. E10

..então, eu acho que falta esta consciência de saber cuidar deste corpo desde jovem, porque, assim, o adolescente não tem o hábito de atividade física ..de ter um horário de sono adequado, então, assim é uma falta de consciência do corpo nessa vida que ele está vivendo aqui. E1

Neste sentido, da mesma maneira que relataram em falas anteriores que o processo de trabalho na enfermagem traz repercussões no corpo das docentes e que existe necessidade de se cuidarem, percebem, também, a falta de cuidado do aluno com seu corpo. Desta forma, a consciência do cuidado com o próprio corpo é importante em ambos os lados, docente e aluno, visto que na prática da enfermagem estimulam as pessoas a se cuidarem melhor.

As entrevistadas acrescentaram que perceberam, também, que os alunos demonstram falta de espiritualidade e crença em Deus:

...manifestam uma dúvida muito grande da existência de Deus, então eu vejo assim que a questão espiritual está a desejar, porque cada um segue o seu. Mas eu acho que é uma falha também dos tempos, porque se não tem hoje, é porque os pais não tiveram, não passaram valores e tudo mais. Se for avaliar este aspecto da espiritualidade, a experiência que eu tive com os alunos que foi, assim, senti uma experiência muito negativa da espiritualidade. E9

A religião e a espiritualidade, como requisitos para a prática da enfermagem, permeiam a trajetória da enfermagem ao longo dos anos e está impregnada no pensar, no ser e no fazer da profissão (Gussi, Dityz 2008). Assim, a educadora de enfermagem percebe em na sua prática cotidiana que os alunos, em algumas situações, trazem esta característica da falta de espiritualidade e crença em Deus.

1 Introdução

Algumas vezes, na vivência com o aluno, utilizam os mesmos valores que empregam na educação dos filhos, trazendo a vivência de outros papéis no convívio com o aluno:

...então, eu acho que eu trago muito dos meus outros papéis de mãe, de família, de participar de uma família. Eu trago muito pra minha forma de educar. Então, as coisas que eu acredito, os valores que eu tenho, pra minha família, eu utilizo muito mesmo, intensamente na minha prática educativa.[...] de respeitar a dignidade, a questão mesmo do carinho, do afeto, que eu tenho na minha relação com a minha família, eu trago para o ensino, sim. E9

Sempre acredito que na experiência que tenho com os alunos, o que eu trago na experiência profissional mesmo o que eu vivo na educação dos filhos, aquilo que você acredita que é certo você tem que falar mesmo que você não tenha a receptividade do outro naquele momento. E3

Trazer para a prática pedagógica aspectos relacionados a seu papel de mãe é uma prática que pode ser adotada em função da divisão social do trabalho, existente ao longo da história, que atribui à mulher o papel de conselheira (Ferreira, 2007). Esta prática deve ser adotada com cautela pelas mulheres docentes de enfermagem, pois a relação docente-aluno não é a mesma mãe-filho e muitas vezes, pode ser um motivo de preocupação a mais docente às docentes de enfermagem, pois não existe, como conciliar os problemas pessoais de um número excessivo de alunos.

A afetividade, a atenção, o respeito, as relações de ajuda devem permear as relações docente-aluno, mas é necessário que a mulher docente de enfermagem tenha clareza de seus limites como docente e pessoa humana.

Embora exista todas estas nuances que envolvem as relações docente-aluno, as entrevistadas citaram que, com o passar dos tempos, percebem o crescimento dos alunos em sua trajetória acadêmica:

Eu vejo que ele acaba amadurecendo muito rápido pelas situações que ele vivencia na prática durante os estágios, então para ele acaba sendo um pouco sofrido. ...as vezes o aluno não percebe a importância dessa experiência[...] as vezes ele precisa de um tempo de estar na prática para amadurecer... E7

1 Introdução

Apesar das dificuldades existentes na enfermagem, as experiências que eles tem..eles mudam. E8

Neste sentido, a mulher docente percebe que o aluno cresce no mundo acadêmico, e ela como direcionadora do aluno em sua trajetória acadêmica sente que contribui na sua formação:

...meu corpo tem poder sobre o mundo quando minha percepção me proporciona um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras ou cognitivas,desdobra-do-se recebem do mundo as respostas que esperam (Merleau-Ponty, 2006, p. 337).

É, neste mundo-vida que as mulheres docentes de enfermagem vivenciam sua prática pedagógica. Um mundo onde convivem com várias dificuldades relacionadas ao processo de trabalho e nas relações com o aluno, mas, em um movimento contínuo têm intencionalidades frente à sua vida profissional, reconhecem seu papel procurando desenvolvê-lo o melhor possível. Nesta perspectiva, na maioria das vezes colocam o aluno como o núcleo de sua intencionalidade:

Chega na universidade, e a gente fica cobrando todo o tempo as responsabilidades mínimas que ele tem para ser enfermeiro. E6

Porque ele tem que começar aqui a ser um bom profissional. O ser enfermeiro..[...] você vê que ainda na consciência das pessoas quanto ao enfermeiro não é uma coisa solidificada. Bom, pode ser que eu não mude o mundo, mas eu coopero com o meu grão. E2

...a gente tenta ajudar o aluno o máximo que a gente pode no sentido de encaminhar este aluno á ser um bom profissional [...] fazer ele compreender o papel da enfermagem. E4

A necessidade de apropriação da sua obra de ensinar leva o ser-docente de enfermagem a propagar um sentimento de responsabilidade e de compromisso em estar cumprindo esta obra a que se destina sua existência (Garanhani, 2004).

Nas relações com o aluno a docente de enfermagem compreende que por meio de sua corporeidade se torna uma pessoa importante

1 Introdução

na vida do aluno, e a convivência no mundo acadêmico oportuniza a transformação deste aluno:

... penso sobre qual é minha contribuição na vida dele ..eu acho que, para mim, eu tenho dificuldade de ficar tocando rotina sem ter o estabelecimento de uma relação ..aluno-professor, que eu fico também como uma máquina “faz isso, faz aquilo”” é assim , é assado” eu não dou conta deste tipo de atividade não. E1

Ao perceber o aluno de enfermagem tem intencionalidades e quer estabelecer uma relação efetiva com ele, ajudando-o no seu crescimento por meio de sua corporeidade.

Sinto meu corpo como uma potencia de certas condutas , sou dado a mim mesmo como um certo poder sobre o mundo e de um certo mundo; ora é, justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes do meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu formam um sistema, são um único todo (Merleau-Ponty, 2006, p. 474).

Nesta perspectiva, sendo o ser humano um sujeito intencional, a mulher docente de enfermagem conscientiza-se que, em sua prática pedagógica é necessário implementar ações que contribuam para a formação do aluno de enfermagem. As docentes conscientizam-se que, no seu dia a dia têm um papel relacionado ao cuidado com o aluno, ao cuidado consigo mesma e seu corpo. Neste sentido, seu corpo é o carreador de suas intencionalidades. Percebem e têm consciência das necessidades dos alunos e de suas próprias necessidades e, por meio de sua corporeidade habitam e movimentam-se no mundo da educação .

A intencionalidade operante identifica-se com toda atividade do sujeito que deixou de ser propriedade de uma consciência isolada e constituinte, é a própria abertura ao mundo de um sujeito carnal, corporal. (Merleau-Ponty, 2006).

O movimento do corpo só pode ter um papel na significação do mundo, se ele próprio é uma intencionalidade original [...], e necessário que o

1 Introdução

mundo esteja em torno de nós, não como um sistema de objetos inertes e sem significados, mas, como um conjunto aberto de coisas em direção às quais nos projetamos (Merleau-Ponty, 2006).

A mulher docente de enfermagem conscientiza-se de seu papel no meio acadêmico, reconhece inicialmente que o aluno é um ser sob sua responsabilidade e que necessita de cuidado, e isto é uma função sua como docente de enfermagem:

Então nessa relação de cuidar do aluno com as suas necessidades [...] eu acho que o professor de certa forma cuida do aluno também, é uma relação de cuidado. E9

..eu considero que a intervenção do educador, do professor é muito importante neste momento crítico para ele [...] E1

Na enfermagem o cuidado tem significados que fazem parte da vida de todos os sujeitos envolvidos na profissão, seja o aluno nas relações com o paciente, seja o paciente no cuidado consigo mesmo e com as pessoas que fazem parte de seu meio social. No ensino também não é diferente, o educador de enfermagem cuida dos alunos ajudando-os em sua construção, pois irão propagar os significados e ideais relacionados ao cuidado humano.

O docente de enfermagem mostra cuidado e respeito pela capacidade de desenvolvimento do outro, evidencia o sentido de educar enquanto um projeto para desenvolver diferentes possibilidades que podem se abrir para os alunos, desta forma, faz-se presente e cuida do aluno no mundo da educação (Garanhani, 2004).

Deste modo, os conceitos corpo corporeidade, cuidado e ensino de enfermagem inter-relacionam-se e completam-se no cenário da educação de enfermagem, ou seja é no encontro dos corpos que o cuidado é vivenciado, obtendo, assim os sentidos que o evidenciam na prática da enfermagem.

O ato educativo é um acontecimento que se processa nos corpos existencializados atravessado pelos desejos e pelas necessidades do corpo e que, seguramente, não é propriedade de nenhuma disciplina curricular,

1 Introdução

mas que pode se oferecer como projeto de inusitadas colaborações no espaço da educação (Nóbrega, 2005).

A intencionalidade de cuidar do aluno torna-se uma atitude que ajuda ao aluno preparar-se como cuidador de outros corpos no mundo da saúde. A intencionalidade como consciência ativa faz o indivíduo interagir no mundo, com autonomia de pensamento: é a consciência de um querer intenso, objetivo e seguro. O educador ao incorporar para si a intencionalidade, redobra de sentido o seu fazer e retorna de maneira significativa à intensidade da realização nas ações pedagógicas (Rojas, 2006).

Para efetivar as ações de cuidado em relação ao aluno as docentes destacaram a necessidade de proximidade do aluno, da criação de vínculos e a busca por esta proximidade:

[...] e uma coisa que para mim é muito importante, que eu valorizo é você criar um relacionamento humano o aluno não é um robô que vai depois vem mais três, e você passou na vida dele sem saber quem é este aluno. ...eu tenho dificuldade de ficar tocando rotina sem ter o estabelecimento de uma relação ..aluno-professor, que eu fico também como uma máquina “faz isso, faz aquilo” é assim assado” eu não dou conta deste tipo de atividade não [...] Quando começamos ficar mais com o aluno comecei a estabelecer um relacionamento interpessoal quando você consegue isso com o aluno é diferente o trabalho .O trabalho tem um outro significado para você. E1

Destacam, também que é nas relações inter-pessoais com os alunos que sentem mais prazer no trabalho e, por meio disso conseguem mostrar-se mais como professora e ser humano. Enfatizam que é nas situações em campo de estágio que esta proximidade concretiza-se pelo número menor de alunos sob sua responsabilidade:

Em sala de aula eu não consigo ter muito isso... mas agora na prática acho que eu consigo mostrar mais o que eu sou como professora, pessoa, mulher, acho que isso mostra mais, pela proximidade e o aluno também consigo ver melhor como ele é. Então, eu acho que é assim que eu consigo passar pra eles o que eu sou como educadora. E7

O sentido da existência humana surge a partir das relações do ser humano com o mundo e com os outros (Merleau-Ponty, 2006). Assim, a

1 Introdução

proximidade entre aluno-professor é necessária, para que ambos se conheçam , expressem-se e cresçam. O ensino da enfermagem pode se concretizar nestas relações, tanto no aspecto técnico (saber fazer) como nos aspectos subjetivos (saber ser e saber conviver).

Neste momento de proximidade, a mulher docente de enfermagem começa a perceber as dificuldades dos alunos, e uma delas é a dificuldade na adaptação na enfermagem:

...o aluno tem um impacto muito grande, ele chora no campo de estágio, muitas vezes eu tenho que tirar ele do campo, sentar, conversar, e ver estratégias pra que ele cuide de uma forma com menor sofrimento no outro dia, planejo uma coisa pra que não seja desgastante para ele. E6

Ao sentir as dificuldades iniciais do aluno, a docente necessita compreendê-lo, auxiliá-lo para que se adapte a seu papel como aluno. Desta forma, dá os primeiros passos para a criação deste vínculo, utilizando-se de algumas atitudes como perceber o outro, mostrar-se disponível e ser receptiva com o aluno:

eu não sei se é só enquanto corpo, mas, por exemplo, assim quando eu chego de manhã no estágio, pois normalmente sou eu que chego à frente deles. Então, como eu tenho trabalhado isso para ver se isto tem uma influência positiva para eles, por exemplo se eu chego e me mostro disponível, cumprimento pois tem muito aluno que chega meio se arrastando , cansado, com má vontade como se dissessem assim: aguentar de novo aqui nesta unidade...que chatice e tenho que chegar na unidade 7 horas ,e para os alunos isto é difícil pois eles não estão acostumados a acordarem cedo estar dispostos logo de manhã. Então, eu acho que minha atitude corporal é fazer com que eles percebam que eu estou prestando atenção neles, assim que de acordo com a disposição deles alio isto a minha receptividade e meu relacionamento com ele, eu consigo fazer com que ele apesar de ter que vir cedo, consigam ter uma manhã bem produtiva. E1

Acham importante, também, adotar uma relação de empatia com o aluno no intuito de aproximação do aluno:

...sempre procuro tratar bem, não fazer diferença, estabelecer empatia, acho que isto é muito importante. E4

1 Introdução

Além disso, no ambiente de ensino, o educador de enfermagem ao transmitir afetividade ao aluno forma vínculos, coloca-se no lugar do outro e ajuda-o neste momento de adaptação:

... sempre fui muito acolhedora, tentando me colocar no lugar, tentando entender o que a outra pessoa estava precisando ou sentindo.
E9

Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo (Merleau-Ponty, 2006, p. 269).

Quando percebem alterações de comportamento em função da dificuldade de adaptação na enfermagem ou em relação a outros motivos pessoais, tentam ajudar o aluno sentando, conversando sobre o problema apresentado, tentando ajudá-los, mas, para isso enfatizam que é necessário estar muito alerta à necessidade dos alunos e com uma sensibilidade muito aguçada:

Mas se eu vejo alguma alteração de comportamento, de atitude, sempre senta e conversa primeiro [] Agora conseguir olhar isso, a gente tem que estar muito sensibilizado, porque a gente não tem estrutura mental, física, para dar conta de 60 alunos. E6

Em meio a tantos outros acontecimentos e responsabilidade que permeiam o mundo do ensino da enfermagem nem sempre a mulher docente de enfermagem consegue ajudar o aluno em suas dificuldades. Assim, em algumas situações utilizam-se de outros profissionais:

...se ele coloca algum item que de repente eu vejo que pode ser um problema para ele individual, e até para o desempenho dele nas atividades, eu encaminho para ser acompanhado, porque tem psicólogo, tem psiquiatra, serviço social, para que assim, o que a gente pode fazer pra que ele tome o compromisso dele frente ao curso, porque se ele não tiver bem ele não vai dar conta, ou ele vai mostrar pra gente que dá conta, mas no fundo ele não dá conta. E6

A ajuda de outros profissionais é importante, pois a docente de enfermagem embora demonstre esforço e sensibilidade para ajudar o aluno em

1 Introdução

suas necessidades, também tem seus limites e percebe isto, pois tem outras responsabilidades inerentes à profissão e à sua vida pessoal:

...tive experiência ano passado disso, que foram várias alunas com muita carência por diversos motivos, situações familiares, morte na família, mudança de cidade, e eu me senti extremamente sobrecarregada de estar apoiando elas nessas necessidades. E6

Neste contexto ainda, percebem os alunos com carência afetiva, dimensão esta que nem sempre conseguem suprir na sua integralidade:

...vejo que o que está pegando no aluno não é problema ensino e aprendizagem, é problema afetivo, emocional mesmo que está sobrecarregando ele. E9

A afetividade representa uma atitude, quer dizer, uma disposição interna para compreender, respeitar, proteger, tomar cuidado, ajudar, dialogar, escutar, aceitar e desejar a proximidade do outro (Ribeiro, Jutras, Louis, 2005).

A docente de enfermagem sabe que, muitas vezes, o aluno necessita de afeto, tenta ajudá-lo, pois, isso é inerente ao cuidado humano, mas tem consciência que está fora do limite de sua corporeidade suprir esta necessidade de todos os alunos com os quais convive. Juntamente com a parte afetiva, tenta ajudar ao aluno a resgatar aspectos ligados a espiritualidade:

Eu tento como professora, principalmente pela temática que eu abordo, eu abordo morte, abordo sofrimento, eu tento trazê-los da necessidade de uma espiritualidade, eu acho que é daí que eu escutei muito do aluno dessa descrença, do acreditar numa cadeira ou em Deus como sendo a mesma coisa, até isso assim me chocou muito, então eu tento trazer estes valores espirituais, a importância de uma busca de espiritualidade, de uma crença numa religião[...]e colocar a disposição dele quando preciso. E7

...para mim é importante a parte espiritual, eu tenho que ter um tempo pra me reabastecer na questão espiritual, de momentos com Deus, com leitura bíblica, com oração, que são coisas que me fortalecem muito. Me fortalece porque eu compartilho muito nessa parte com eles, então quando eu estou com isso bem, quando eu to me sentindo suprida espiritualmente, eu compartilho muito mais com as alunas, ajudando elas a dividir essa carga e também indo pra esse lado. Claro que eu sinto se o aluno tem essa parte também desenvolvida nele, se ele

1 Introdução

também acredita, então são momentos gostosos, quando eu estou me sentindo suprida espiritualmente o compartilhamento é bem gostoso com o aluno, e tem resposta também , às vezes até o aluno gosta quando a gente fala: olha, estou orando por você hoje, eu chego a usar isso, mas crendo mesmo que eu to fazendo a coisa certa. E9

No homem a espiritualidade envolve o posicionamento e uma reflexão pessoal sobre o próprio significado da vida. É necessária a discussão formal dessa temática no ensino de graduação, pois o objeto de trabalho da enfermagem é o ser humano, e a visão de homem origina-se no paradigma holístico, ou seja, é necessário a compreensão do homem como um ser biopsicossocio-espiritual (Benko, Silva,1996).

Em estudo que aborda a espiritualidade no cuidado de si mesmo, profissionais de enfermagem que atuam na unidade de terapia intensiva expressaram que, em suas práticas diárias, contemplavam a espiritualidade como um hábito para uma vida saudável (Dezorzi; Crosset, 2008). As autoras revelam que, para cuidar do outro, é preciso ter consciência de que é primordial cuidar de si, e o profissional de enfermagem está despertando para tal condição, considerando a espiritualidade em sua prática profissional.

Na formação do aluno as entrevistadas consideram que a espiritualidade é uma estratégia que pode ser utilizada para ajudar aos alunos em suas necessidades, nos confrontos com os serviços de saúde e na prestação do cuidado. Embora, em alguns momentos possam ocorrer choques de valores, a docente de enfermagem precisa também, lidar com seus próprios sentimentos.

As mulheres docentes de enfermagem em seus discursos verbalizaram que cuidam dos alunos buscando desenvolver nos mesmos algumas atitudes que estão relacionadas à vida acadêmica e ao engajamento dos mesmos na profissão.

Um dos aspectos trazidos relaciona-se à postura física e comportamental dos alunos, aspecto que julgam importante para o profissional

1 Introdução

de enfermagem, prestador de cuidado, que utiliza seu corpo como um instrumento de cuidado:

...então eu vejo assim, que esse corpo do aluno também é o instrumento do cuidado, que é ele que vai cuidar, e é importante a forma como ele vai usar esse corpo para o cuidar. E7

As entrevistadas apontam que corrigem a postura dos alunos no aspecto físico e comportamental como, por exemplo, a forma de vestirem-se, as unhas, o jeito de arrumar o cabelo, entre outras:

...às vezes eu falo para as alunas, a unha curta você palpa o corpo dos outros. Você vai palpar um abdome, por exemplo, que você tem fazer uma palpação profunda a unha grande é uma coisa absurda e, as vezes, eu até vejo alunas com a unha longa metendo as garras, ai digo: Escuta, você está enfiando estas garras na barriga do paciente, coitado! Então, assim a unha curta é uma coisa de proteção, de higiene das mãos, por conta da infecção, mas também de você tornar a palpação uma coisa menos traumáticas, então, a mão acaba sendo meu instrumento profissional, então, como instrumento profissional tem que se adequar para esta função, meu corpo é utilitário. E10

...então, quando eu vejo o corpo desse aluno é [...] uma exposição do corpo, uma barriguinha, uma calça baixa, então, não veem a hora de tirar o jaleco para estar mostrando o corpo, às vezes intencional, às vezes não, mas isso já tá incorporado, cresceu assim. Então, eu vejo assim uma exposição, e que acaba em muitos momentos sendo, dependendo de onde ele vai estar com esse aluno, ele pode ser desrespeitoso para esse aluno, para esse paciente que fica acamado muito tempo e, então, eu vejo assim, mas que esse corpo também é o instrumento do cuidado, que é ele que vai cuidar. A forma como ele vai usar esse corpo para o cuidar é importante que eu oriente... E7

As docentes também verbalizaram que cuidam dos alunos em relação às atitudes comportamentais:

A gente infelizmente acaba sendo um pouquinho general.. Acaba chamando atenção procura orientar os alunos em termos de postura corporal, em trabalhar com eles, tentando mudar o comportamento mesmo... a gente procura trabalhar mostrando que, eticamente em termos de postura profissional aquilo não é uma postura adequada. E4

Nestas intervenções com os alunos não usamos este termo corporeidade, só temos o conhecimento deste termo através da literatura. Temos trabalhado mais em termos de aparência pessoal, atitudes pessoais, relacionamento interpessoal, a habilidade de

1 Introdução

comunicação, a comunicação não verbal, tudo isso influenciando o processo de trabalho. E3

Nesta fala a docente considera como corporeidade a aparência pessoal do aluno, suas atitudes, a forma como se relaciona com as pessoas, e sua comunicação, o que não deixa de ser verdadeiro. A entrevistada complementa também que seu contato com esta palavra só ocorreu por meio da literatura, mas define-a corretamente quando traz aspectos ligados a sua vivência, o que vem, de encontro também com a categoria um.

Dando continuidade à discussão dos resultados que envolvem a intencionalidade e o cuidado da docente em relação ao aluno, as entrevistadas verbalizaram que em alguns momentos, fazem reflexões com os alunos para que compreendam a importância da atitude comportamental para a profissão enfermagem:

...eu fiz uma reflexão com elas, sobre o que elas queriam no futuro delas ..[...]Se eles tinham competência porque que não tinham postura?[...] ..Eu tenho insistido muito com eles a questão de você desenvolver a competência e a postura, que uma coisa não vem sem a outra... E5

Desta forma, a mulher educadora de enfermagem utiliza-se de seu comportamento e de valores já apropriados em sua existência, auxiliando ao aluno a refletir sobre sua postura comportamental, discutindo com eles aspectos dos comportamentos, ainda, não percebido pelos mesmos no cotidiano da enfermagem, e que são importantes para o profissional enfermeiro:

Refletir é revelar um irrefletido que está à distância, um irrefletido que éramos ingenuamente e que agora não somos mais, sem que possamos duvidar de que a reflexão o atinja, pois é graças a ela que temos noção dele. Não é, portanto, o irrefletido que contesta a reflexão, mas a própria reflexão que se contesta a si mesma porque seu esforço de retomada, posse, interiorização ou imanência só tem sentido frente a um termo já dado, que se abriga em sua transcendência sob o olhar que vai buscá-lo ali (Merleau-Ponty, 1975, p. 433).

As docentes refletem com o aluno também o seu engajamento no curso fazendo com que reconheçam que também tem um papel à cumprir:

1 Introdução

..então eu assim... se eu sinto essa abertura eu costumo conversar, chamar, cobrar mesmo assim olha, eu sei que você pode dar mais do que isso enquanto aluno...tento assim conversar algumas coisas de esse é o teu momento, é o momento da formação, então vamos ver que energia você esta gastando mais aqui,tento ter umas conversas assim: o que está acontecendo que você está tão desmotivado, pensa bem, vamos priorizar, eu tenho estimulado muito os alunos assim a priorizarem a faculdade. E9

... penso e reflito com ele o que a gente pode fazer para que ele tome o compromisso dele frente ao curso, porque se ele não tiver bem ele não vai dar conta, ou ele vai mostrar para gente que dá conta, mas no fundo ele não dá conta... E6

No estar atento ao aluno o professor tem uma atitude de cuidado. Ouvir o que incomoda o aluno, conhecê-lo, correspondem à solicitude.É no modo de solicitude que o ser-professor proporciona condições necessárias que contribuam com as possibilidades do vir-a-ser do aluno (Kikuchi, 2009).

As entrevistadas verbalizaram, também, que cuidam do aluno fazendo com que pense em seu futuro e que suas atitudes podem repercutir em sua vida profissional:

Então eu, com minha maturidade, com minha experiência com a minha tranquilidade, que eu estou vivendo nesta fase, eu os ajudo na reflexão. Sabe não é ficando impaciente, não é achando que eles estão fazendo corpo mole, mas, assim, ajudando- os a pensar de que forma ele podem repensar o futuro .E eu assim estou numa situação assim de tranquilidade para ajudá-los, neste momento de reflexão. E1

eu... tento mexer com as questões de desejo de vida, de plano de vida, de anseio.Procuro usar o humor muito, bastante em sala de aula, para que eles relaxem um pouco e possam interagir também...[...] ...então, eu cutuco muito o aluno quando eu percebo isso, esse desinteresse, sabe...E5

As docentes relataram que cuidam do aluno fazendo com que o ensino torne-se mais significativo.Em sua concepção compete ao docente, mas é o tempo de vivência na docência e nas inter-relações com os alunos que percebem aquilo que lhe é mais atraente e significativo:

Eu acho que ser educador, você vem com um material técnico [...] a habilidade de como você vai transformar isso para seu aluno

1 Introdução

aprender,, e gostar daquilo que você está ensinando, é o tempo que te dá esta maior segurança de como ensinar melhor.[...]...Você tem que passar todos os conhecimentos das diferentes áreas de uma forma que seja agradável, e que ele perceba significado[...]porque as turmas são diferentes, aí a gente começa a enxergar as necessidades deles, aquilo que realmente cativa mais para prestar atenção.[...] Nem sempre as experiências na enfermagem, serão prazerosas, uma crise de um paciente não é prazerosa, mas o entendimento de como o aluno tem algo a oferecer para aquilo é prazeroso. Se ele percebe o porquê ele cuida, e o que ele tá fazendo com esse cuidado, eles mudam. Agora se ele passa meio batidão, e a gente também não tem um incentivo grande para ele, ele vai passar.[...] se o aluno compreende a necessidade daquela ação que ele tem que fazer, então, isso sai de um jeito muito melhor... E8

As docentes verbalizaram que fazer com que o aluno se responsabilize pelo próprio aprendizado é uma atitude de cuidado do professor. Refletem que desta forma dividem as responsabilidades do aprendizado com os alunos:

...mas fazendo com que ele incorpore a responsabilidade do aprendizado. E lembrar também que numa sala de aula a gente não vai dar conta de nenhum grande aprendizado, porque o aprendizado também depende do aluno. E6

O papel de qualquer instituição de ensino é o de facilitar, orientar, problematizar, questionar, motivar e mediar a aprendizagem, e, pela mediação, conduzir o aluno a perceber os motivos e as finalidades pelos quais é importante aprender determinados conteúdos. Ou melhor, levá-los a compreender onde vão utilizar (na vida, como indivíduos/cidadãos) o que estão aprendendo (Palmeira, Betancourt Rodríguez, 2008).

O professor precisa assumir o papel de mediador do processo ensino e aprendizagem de forma que os alunos ampliem suas possibilidades humanas de conhecer, duvidar e interagir com o mundo através de uma nova maneira de educar (Rodrigues, Mendes Sobrinho, 2007).

Nestas inter-relações com o aluno a mulher docente de enfermagem percebe como a profissão exige de sua corporeidade. Nesses momentos, como qualquer outro ser humano, precisa manter o equilíbrio, pois a gama de responsabilidade é muito grande. Assim, reavalia constantemente suas

1 Introdução

reações e atitudes corporais no ambiente de ensino, sabendo que é necessário estar presente ali com toda a sua corporeidade, mas, que existem aspectos que podem ser melhorados nas relações de cuidado com o aluno e no ensino da enfermagem:

... eu tento perceber antes de fazer, estando sempre atenta, parando um pouco para pensar antes de falar. O que eu já tive problemas e o que eu tive que parar para pensar, são algumas posturas minhas, principalmente não-verbais, quando alguma coisa me desagrada, então posturas minhas assim que eles referem que vêm no meu rosto desaprovação, e algumas vezes, verbais eu me precipito em alguns julgamentos que eu faço, assim algumas coisas que acontecem que eu achei que eles não estavam com a postura adequada[...]as poucas vezes que aconteceu me aborreceram muito de eu ter feito aquilo naquele momento. Então eu me senti muito mal, muito aborrecida comigo mesma, falando: eu não precisava ter feito isso. Então, como me desagrada muito, eu sou geralmente mais... eu vou com bastante cautela.[...] ..e fiz às vezes um julgamento precipitado, que eu mesma pensando depois me arrependi completamente, Totalmente desnecessário ter falado aquilo, naquele momento, ter feito aquele gesto, ou ter levantado daquela forma. E9

A mudança de comportamentos e práticas da docente na educação em enfermagem pode ser uma forma de seu aperfeiçoamento, como ser humano, bem como das ações educacionais nas quais está envolvida.

Entendemos que a educação constitui-se em um suporte para as transformações dos paradigmas sociais e humanos, podendo promover mudanças na forma de sentir, pensar e atuar das pessoas em relação a si mesmas e aos outros (Fernandes, 2004).

Neste sentido, em alguns momentos as docentes tentam abster-se de preocupações que extrapolam o meio acadêmico, dedicando-se integralmente às atividades à serem concretizadas:

...o que eu preciso paro meu corpo pra sentir uma eficácia mais próxima do desejado, toda vez que eu preciso... que eu vou pra qualquer campo de prática, ou que eu vou pra uma aula, ou mesmo quando eu estou com os alunos, eu preciso ter aqueles cinco minutos assim de relaxamento mesmo assim, olha, de me organizar no sentido assim de parar um pouco, porque enquanto mulher e docente, você corre, leva filho na escola, passa na tua casa vê se ta tudo bem, e aí toda vez que eu vou entrar numa sala de aula ou que eu vou pra um campo da prática eu sempre preciso de cinco minutos meus, de

1 Introdução

respirar fundo.orientar o que o meu corpo precisa para que quando eu tiver fazendo aquela atividade tenha a eficácia mais próxima do desejado [...]é como se você fizesse um parâmetro, nossa! eu vou dar o meu dez nesse minuto. Dar o meu dez é não levar todas as outras coisas que eu tenho, levar só a minha disponibilidade para aquele ensino ou naquela assistência. E8

Refletem sobre suas atitudes e como as mesmas influenciam no processo de ensino e nas relações com os alunos:

...o corpo é uma coisa que é tão sua que está incorporado, é inerente a mim, então isso ele passa no momento que eu vejo como eu estou agindo, eu acho que para eu agir de determinada forma eu vejo que eu penso na importância que tem isso para o aluno... E7

A mulher docente também se preocupa com seu corpo, que envolvido no mundo da educação convive com os alunos, tem consciência dos fenômenos que estão em torno dela, tem intencionalidades e adota ações para conviver com os problemas de seu cotidiano. Neste contexto, a mulher educadora também se percebe como um ser que necessita de cuidado com seu corpo:

...tenho, todos os cuidados que você puder imaginar de tentar me manter saudável..Na verdade, eu acho que o cuidado com o corpo é enquanto docente, tem que ser em todos os aspectos, mas enquanto docente, o que eu preciso para o meu corpo ter uma eficácia mais próxima do desejado é toda vez que eu preciso me equilibrar. E8

Me falta muito isso de descansar a cabeça de descansar corpo... aliviar este estresse do dia á dia [...] eu não cuido de mim. E2

Desta forma, trazem novamente à tona algumas concepções sobre o corpo trazendo-o em toda a sua dimensão, acrescentam que todas estas dimensões precisam estar em equilíbrio para o suprimento das exigências oriundas do processo de trabalho e das relações com o aluno:

Eu nunca dissocieí corpo de mente, pois quando você dissocia ..quando você desenvolve só um lado você não fica em equilíbrio, então, para mim é questão de harmonia...eu preciso disso [...] O meu mental e o físico tem que caminhar junto, para mim, tem que estar muito casado o físico o emocional [...] Porque eu acho que se eu não tiver todos estes aspectos em equilíbrio, eu não vou ter a tranqüilidade para trabalhar com o outro.Se eu como educadora não estiver bem centrada, eu não

1 Introdução

tenho condições de dar de mim de fazer com que eles reflitam sobre a própria vida, seu próprio caminho. Eu guardo este princípio que só tenho condições de prestar atenção no outro quando tenho minhas necessidades humanas básicas atendidas. ... então, no momento que eu me vejo com tranqüilidade emocional com o físico bem cuidado eu tendo este equilíbrio eu acho que eu tenho mais condições de prestar atenção no outro que é o aluno... E1

A abordagem da integralidade admite que em qualquer contexto em que o cuidado se processe, o cuidador deve exercitar, sobretudo, antes de prestar o cuidado ao outro, o cuidado de si mesmo, na sua sistemicidade e totalidade, buscando a junção da dimensão física, mental e espiritual para alcançar uma harmonia relativa entre o cuidado de si e o cuidado do outro, cuidando e sentindo-se cuidado por si e pelo outro. (Baggio, Monticelli, Erdmann, 2009).

Na busca de cuidado e equilíbrio com o corpo utilizam-se de várias estratégias. Uma delas é o cuidado com o corpo físico sendo o cuidado com a vestimenta e a higiene, aspectos que na opinião das mesmas servem como um exemplo para o aluno:

O que eu procuro com o meu corpo é me arrumar bem, estar bem apresentável desde uma sala de aula, eu procuro assim estar bem, porque eu estou na frente, ou sentada ao lado, eu acho que eu tenho que transmitir questão de higiene, isso é natural, a higiene, é estar bem apresentada. E7

...a gente é cobrado no sentido da postura, desde o traje que você veste que tem que ser um exemplo para quem está apreendendo com você... E8

Além disso, trazem o exercício físico, como uma forma de cuidado que as tornam mais preparadas para lidar com os problemas do cotidiano acadêmico. Entre os tipos de exercício físico, apontam a academia como algo que faz parte de sua rotina:

... uma coisa que ajuda e me dá energia é praticar esporte. Seis e meia da manhã eu estou na academia todo dia. Faço musculação e, esteira... E6

Outra coisa, então, o exercício físico [...] eu sei que é um tempo bem gasto, que pode ser tirado de outra coisa, porque vai me trazer um

1 Introdução

benefício maior [...] entrei esta semana novamente por mais uma tentativa de voltar pro exercício físico que eu sei que é essencial. Então, até a moça da academia falou assim: Qual o teu objetivo? Achando que eu ia falar que queria perder quinze quilos. Eu falei: o meu objetivo é saúde mental, fazer o exercício físico pra saúde mental, que é o que eu estou precisando agora. Aí ela até olhou assim ué, não é emagrecer, né? Eu falei: se emagrecer vai ser bom também, se esse também for um dos lucros daqui vai ser bom, mas é mais mesmo assim tirar um pouco a cabeça do que tem me sobrecarregado muito... E9

A ioga também foi destacada como uma forma de cuidado pelas entrevistadas:

...faço ioga e vejo que isto é uma coisa que está incorporado em mim eu vejo que é uma atividade que eu não fico só concentrada só meu físico e diferente de uma academia que eu vou lá malhar só para cuidar do meu físico,,na 1 hora e meia que faço de aula de ioga é uma hora assim que eu estou lá para cuidar de mim não só do físico, do mesmo jeito que eu percebo que eu percebo uma flexibilidade muito grande. Eu vejo que a minha energia está muito mais equilibrada, é a hora que eu não deixo meus pensamentos e emoções me dominarem, me concentro no aqui e agora e tomo consciência do meu corpo.. Acho que é um momento assim que cuida de todos os aspectos. E1

Além disso, a espiritualidade foi citada como uma forma de se cuidar, e além de utilizá-la com o aluno, usam-na no cuidado consigo mesma no dia a dia:

...então, você acaba rezando e pedindo para Deus te abençoar, para que nada de ruim aconteça. Isto, então, já faz parte da minha vida. Não sei se é hábito mas eu faço isto.[...] na parte da espiritualidade, com certeza eu me preparo , eu oro rezo e peço para Jesus me iluminar para que eu consiga desenvolver um bom estágio com meus alunos... E4

um aspecto que não havia trabalhado até então que é a parte da espiritualidade, e atualmente, tenho dado um grande enfoque na espiritualidade....E eu vejo assim, se eu tenho o meu físico em boas condições se o meu mental está atendido em um bom nível e o emocional está tranquilo, eu estou me direcionando a este outro lado que eu acho que faz um fecho nestes meus corpos todos. E1

O emprego de recursos terapêuticos como o floral, a consulta médica e a psicoterapia também são apontados pelas entrevistadas, como meios para buscar equilíbrio corporal:

1 Introdução

...teve uma época da minha vida que eu fiz muita terapia, e eu acho que isso ajudou muito, porque quando eu me vejo muito ansiosa, muito estressada, eu começo a pensar no que a psicoterapeuta falou. Além de ter estratégia para aliviar o estresse e o desgaste, eu faço o uso de floral. Quando eu percebo que eu não vou dar conta, só com floral, aí eu volto, faço a consulta médica, ele já sabe que eu estou voltando porque não to aguentando, e a gente revê a estratégia de tratamento.

E6

Em estudo que aborda o auto-cuidado na enfermagem, as autoras enumeram estratégias para o cuidado de si e recomendam algumas, tais como: descansar, comer adequadamente, fazer exercício regularmente, dançar, caminhar, abraçar, beijar, cantar, orar, trabalhar criativamente, ter relacionamentos saudáveis, entre outras. Salientam, por outro lado, que apesar da enfermagem ser uma disciplina na qual se tem formação para o cuidar, os enfermeiros sentem dificuldade em praticar o cuidado de si mesmos (Radünz, 1999).

Os momentos de convívio social, principalmente com a família, e a leitura foi citada, também, como uma forma de cuidado:

Outra coisa, momentos com a minha família, isso é um grande repositório de energia para mim, que isso eu ainda busco priorizar, eu acho que tem momentos que estar com eles me dá prazer, sair com eles, almoçar fora, fazer um programinha .. Isso eu tenho mantido, me ajuda muito... eu tenho que ter tempo pra uma leitura também.

E9

Ao adotarem estas medidas de cuidado consigo mesma as entrevistadas acreditam que estão mais preparadas para o convívio com o aluno e com o trabalho, conseguem perceber melhor as necessidades dos alunos, além de sentirem-se melhor na sua prática profissional:

...à medida que você tem profissionais que lidam melhor com a gente mesmo, com o corpo, com se aceitar, e ser segura dentro da casca que você tem, isso reflete sem sombra de dúvida na sua ação profissional, e reflete na forma como você leciona, como você ensina, e em como você tenta ajudar os alunos.

E5

Você só tem possibilidade de cuidar bem do corpo de outra pessoa se você tiver bem com o seu corpo, então, eu acho assim, que eu ter trabalhado o meu físico também como mulher, como um ser que tem um corpo que as outras estruturas que depende deste físico facilitou

1 Introdução

[...] se eu como educadora não estiver bem centrada eu não tenho condições de dar de fazer com que eles reflitam sobre a própria vida eu seu próprio caminho. E1

..e eu sinto que quando eu estou melhor comigo mesma, eu consigo suprir melhor, também essa necessidade que eu sinto nos alunos. E9

As falas anteriores nos levam a refletir sobre a importância do auto-cuidado na experiência existencial das docentes de enfermagem. Percebe-se que as mesmas consideram importante o cuidar do corpo físico, para que as outras dimensões da corporeidade possam ser utilizadas de maneira efetiva no cuidado com os alunos.

O cuidado de si não é específico do enfermeiro, todo e qualquer profissional da área de saúde tem que se preocupar consigo, para que então tenha condições de cuidar do outro (Silva et al., 2009).

Outra atitude de cuidado consigo mesma, destacada pelas docentes foi o preparo de conhecimento técnico-cognitivo, que segundo elas, resulta em segurança no ato de ensinar:

...eu realmente preciso buscar conhecimento, atualizar conhecimento, e estar realmente mostrando para o aluno que o conhecimento na área da saúde é importante para conseguir uma relação horizontal com os pacientes, com a equipe, então, essa questão da credibilidade, responsabilidade, conhecimento, faz com que eu consiga trabalhar melhor em qualquer local que eu vá exercer a minha profissão. E8

..por exemplo, agora eu já estou me preparando para o semestre que vem para graduação então eu tenho todo um contexto porque eu sou extremamente preocupada..então de estudar conteúdo, ler conteúdo de me aprofundar naquele conteúdo, e eu gosto de preparar aula então eu preciso de muito tempo para preparar o visual na forma de apresentação para quem vai me assistir, na forma de apresentação e para metodologia que eu vou utilizar naquela aula.. Meu corpo vai no rumo.Vai assim no rumo. E2

O professor tem que ter muita clareza do seu papel e demonstrar isso [...] o seu corpo, a sua segurança, a sua habilidade, você não precisa saber tudo, mas você tem que ter a habilidade de nunca deixar de estudar. E8

1 Introdução

Percebe-se que a mulher educadora de enfermagem ao cuidar do aluno aproxima-se dele, tem atitudes de ajuda em relação a ele, comunica-se e conscientiza-se que para exercer seu papel, também, precisa cuidar de si mesma. Sua consciência perceptiva está constantemente direcionada ao mundo da educação e aos educandos. Na sua trajetória é um “ser para si” (Merleau-Ponty, 2006), ou seja, sua consciência está direcionada ao mundo e ao outro.

Assim, as ações docentes em direção ao aluno estão imersas de intencionalidades. Esta intencionalidade sempre vem acompanhada da motricidade, dirigindo-se ao aluno a fim de melhor compreendê-lo e ajudá-lo nos momentos de interação entre professor-aluno. Na percepção das entrevistadas o corpo faz parte de seu ser e atribuem um grande valor a ele no ensino e na profissão de enfermagem:

...a nossa profissão é uma profissão que exige muito do ser humano, e ele requer todas dimensões que formam esse corpo. E7

Nesta vivência como docente de enfermagem habitam o espaço no mundo da educação em enfermagem, no qual têm experiências. Neste espaço, é que se concretizam como seres humanos que educam outros corpos. Desta forma, expressam a influência da corporeidade no ensino da enfermagem destacando que o aluno aprende com sua postura corporal:

...eles têm um aprendizado, aprendendo com minha postura corporal, como ser uma pessoa humano integral. E7

No dia a dia em preocupam-se em transmitir por meio de sua corporeidade exemplos que contribuam com a formação do aluno, pois sabem que são observados e que os alunos aprendem com a forma de ser da mulher docente de enfermagem:

...tem que ser um exemplo para quem está aprendendo com você [...]...então como você usa o seu corpo é que vai ajudá-los como usar o deles. E8

1 Introdução

Algumas se consideram como direcionadoras do aluno em sua vida acadêmica e percebem isto pela avaliação dos alunos no dia a dia em sala de aula ou em campo de estágio:

...às vezes, a resposta de alguns que vêm depois da aula falar: Nossa! Sabe, eu estava precisando ouvir isso, foi bom, isso foi importante...
E5

A contribuição da corporeidade da mulher docente de enfermagem no ensino é percebida, também, pelas mesmas no final dos módulos quando os alunos verbalizam a importância que o papel do professor exerceu nas relações com os alunos. Destacam que a formação de vínculos afetivos foi importante e que a influência da postura do professor frente ao aluno deixa marcas que levam para a vida profissional:

...eu acho que é o negócio é que quando chega no final dos módulos ou nos outros anos que a gente acaba estabelecendo um laço de amizade com o aluno, forma-se um vínculo que você foi um professor, um educador que deixou uma marca. E4

Outras docentes relatam que percebem a influência de sua corporeidade mais tardiamente, e como profissionais os alunos fazem uma avaliação positiva da sua atuação enquanto professor no mundo acadêmico:

Depois de muito tempo, depois de formados, eles falam: ah aquilo que você falava lá atrás a gente não valorizava, mas olha era verdade mesmo... O alunos verbalizam ... na verdade a gente tem retornos alguns.acho que um retorno que você tem de um profissional que você ajudou a formar e ele te dá este retorno acho que você está lançando a semente. E3

Assim as mulheres docentes de enfermagem, ao vivenciarem o espaço existencial do ensino da enfermagem atribuem significados à enfermagem e ao cuidado de enfermagem, que fazem parte da sua existência. Percebem todas as nuances que envolvem seu trabalho, seu corpo com dificuldades no início da profissão, mas, que crescem e adquirem experiência em sua vida profissional. Sentem o corpo sobrecarregado em algumas situações cotidianas e administrativas, mas revelam gostar do trabalho. Preocupam-se

1 Introdução

com sua aparência pessoal, com seus gestos e atitudes, pois sabem que o aluno aprende por intermédio de seu corpo. Observam que os alunos ingressam no curso com dificuldades de adaptação, com carência afetiva, que não se cuidam, com comportamentos e atitudes diferenciadas, mas, que no decorrer do curso, também, crescem profissionalmente e como seres humanos.

Na experiência da docência em enfermagem, cuidam dos alunos de diversas maneiras, mas cuidam também de si mesmas, pois consideram que isto facilita seu desempenho profissional. Nesta categoria denominada Corporeidade e a docência de enfermagem as docentes de enfermagem mesmo não tendo conhecimento da temática corporeidade e dos conceitos que a envolvem, em seu cotidiano, utilizam-se da mesma em sua vivência e percebem que seu ser exerce grande importância na construção e direcionamento na vida dos alunos em formação.

5

*Compreendendo a
Corporeidade da Mulher
Docente de Enfermagem na
sua Atuação Profissional*

1 Introdução

Neste momento, retorno às indagações que permearam este estudo, e no mundo-vida do qual faço parte, reflito a respeito dos resultados encontrados buscando melhor compreensão do fenômeno: corpo-corporeidade da mulher docente de enfermagem em sua atuação profissional.

Assim, voltando ao início do estudo, desde a escolha do tema até este momento, questiono a respeito da minha intencionalidade ao optar pela temática e concluo que minha história de vida tem significados que se entrelaçam com este tema e que ao compreender estas mulheres, estou compreendendo a mim mesma.

Agora posso buscar novos horizontes, alcançar novas perspectivas e afirmar que a corporeidade é inerente a meu mundo-vida como mulher e enquanto docente de enfermagem.

A corporeidade é o que nos impulsiona como ser humano, por meio dela percebemos o mundo do ensino e as pessoas, conscientizamo-nos e refletimos sobre os fenômenos no espaço acadêmico.

Ao atribuir significados a seu corpo, as docentes de enfermagem, inicialmente, abordaram a parte física, mas é no relato de suas vivências no meio acadêmico e fora dele que a corporeidade, ou seja, o significado que atribuem ao seu corpo aflora-se.

Trazem, assim, o corpo como expressão e comunicação, como veículo e instrumento no mundo e como possuidor de escolhas em sua trajetória de vida.

O corpo constitui o que somos, o que pensamos, os valores que atribuímos às coisas, à forma como vemos as outras pessoas, ou seja, por meio de nossa vivência como corpo podemos fazer escolhas frente as várias circunstâncias da vida, do trabalho e da enfermagem.

Assim, compreendo que as mulheres entrevistadas são seres humanos, com uma vida pessoal que extrapola o meio acadêmico e que vivem

1 Introdução

experiências que, de certa forma, constituem a sua corporeidade enquanto pessoa humana.

Trazer à tona parte da sua historicidade revela que foram momentos que as ajudaram na construção da própria vida. Somos seres históricos, formados de experiências passadas pelo presente e pelo futuro, ser mulher e ser docente de enfermagem engloba ter vivido e ser construída por uma história de vida.

Questões de diferenças de gênero que constituem a vida da mulher, também fazem parte da história e da vida destas mulheres e, ao refletirem sobre o que é ser mulher docente de enfermagem e como percebem seu corpo, evidenciam questões de gênero que influenciaram suas vidas. Algumas apontam que a escolha da profissão foi, pelo fato de ser uma profissão considerada feminina e trazem outros aspectos como a submissão, a sensibilidade, entre outros, como características da mesma em relação ao gênero feminino.

Um dos fatores que pode estar relacionado, também, às diferenças de gênero é a duplicidade de funções que as mulheres enfrentam no dia a dia exercendo uma segunda jornada de trabalho levando à sobrecarga física e mental, pois percebem que além de educadoras, possuem outros papéis, como mãe, esposa e dona de casa.

As mulheres docentes de enfermagem estão inseridas em um espaço existencial, convivendo, também com as diversas fases fisiológicas e evolutivas, adaptando-se, também, a estas mudanças do corpo na sua vida cotidiana. Trazem a menarca, a maternidade, a sexualidade como momentos importantes, pois sabem que isso envolve o seu corpo.

Experienciar estas fases implica lidar com a corporeidade em toda a sua plenitude, adaptar-se às modificações do corpo que atrelado ao mundo transpõe o lado meramente biológico, existindo como corpo vivido em toda a sua plenitude.

1 Introdução

Neste sentido, trouxeram também o corpo como constituído de diversas fases cronológicas, e algumas recordam o corpo no início da profissão quando o vigor físico era maior.

Nestas modificações em função da idade, o corpo físico passa por um processo de amadurecimento e também, o corpo vivido torna-se experiente, pois a cada situação vivenciada, apreende e cresce no mundo existencial onde habita.

A mulher educadora de enfermagem habita o mundo do ensino como corporeidade em sua plenitude e, neste ambiente, ao refletir sobre seu papel como educadora trazem à história da enfermagem e o cuidado, como aspectos significativos em sua vivência.

Compreendo que, ao lembrar-se dos aspectos relacionados à história de enfermagem e ao cuidar, as docentes reportaram-se à origem da profissão, suas dificuldades e conscientizam-se de seu papel como educadora na formação de pessoas que continuarão perpetuando a enfermagem e o cuidado.

Acredito que o fato de se reportarem ao cuidado e a história da enfermagem foram formas de sinalizar que estes fatores são importantes ao desenvolvimento da enfermagem e da formação do aluno, assim como para sua própria vida.

As mulheres entrevistadas revelaram que no início da docência tinham dificuldades, pois não tiveram no curso de graduação um preparo para o ensino. Assim, falam do seu corpo, dos sentimentos e das dificuldades iniciais no começo da docência.

Primeiramente verbalizaram que a carreira docente é uma descoberta e que no início sentiam dificuldade para se posicionarem em sala como professor, na liderança frente aos alunos, e que até possuíam conhecimento teórico, mas não sabiam como expressá-lo.

1 Introdução

Sentimentos como insegurança, medo, ansiedade, sensação de impotência frente aos alunos, timidez eram constantes no início da profissão, e percebiam seu corpo como um corpo perdido, um corpo buscando acertar.

Na vivência do ser humano, é natural encontrarmos situações difíceis, que nos parecem difícil transpô-las, mas nossa corporeidade nos estimula a achar soluções para enfrentá-las e superá-las no cotidiano.

Da mesma forma, ocorre com as docentes de enfermagem que com o passar dos tempos adquiriram mais segurança e apreenderam conviver com seus sentimentos e inseguranças tornando-se mais capacitadas para seu papel enquanto educadoras.

Percebem que o trabalho docente é imprevisível que sempre encontrarão situações para serem vencidas, e o aprendizado do professor nas relações de ensino é sempre contínuo.

Além dos aspectos acima mencionados relacionados à sua adaptação nas atividades de ensino, vivenciam no ambiente acadêmico outras funções além do ensino. Atividades estas relacionadas às questões burocráticas e administrativas que envolvem a profissão, como reuniões, comissões, cumprimento de carga horária, preenchimento de pautas, novas metodologias de ensino, entre outras. Percebem que as exigências quanto à produção científica é constante, bem como em relação a capacitação docente.

Apontaram que sentem dificuldade no trabalho em relação à estrutura física do ambiente que nem sempre facilita a execução das atividades. A baixa remuneração financeira também é vista com um dificuldade na vivência da mulher docente de enfermagem. Atrelado a isso, revelaram que existe sobrecarga no trabalho e que buscam equilibrar-se, mantendo-se concentradas na formação do aluno que é seu foco principal de cuidado.

Este equilíbrio é preciso, pois as mulheres docentes de enfermagem têm consciência de que são observadas constantemente em seu cotidiano, tanto em sua aparência física como em suas atitudes em relação ao

1 Introdução

aluno e, na forma, como ensinam o cuidado e cuidam do ser que precisa de cuidado.

Portanto, da mesma forma que é observada pelos alunos, percebe os mesmos e sente que são seres que precisam de cuidado e precisam ser moldados, para que sejam profissionais que tragam em sua corporeidade toda a representatividade da enfermagem. Embora saibamos que todo ser humano tem suas individualidades e subjetividades que precisam ser respeitadas, compreendo que a mulher docente de enfermagem, tem em suas mãos esta responsabilidade de ensinar e cuidar dos indivíduos para que estes se tornem bons profissionais.

Desta forma, entendem que o aluno, ao adentrar no âmbito da educação de enfermagem, ingressa de uma forma e sai de outra; o aluno aprende e é transformado no meio acadêmico, assim, conscientizam-se de seu papel como educadora.

Diante disso, utilizam-se de sua intencionalidade, adotando em seu dia a dia ações que ajudam no direcionamento e no cuidado com o aluno. Uma delas é aproximando-se do aluno, momento que tem a oportunidade de conhecê-lo e saber de suas necessidades.

Assim, demonstram interesse pelo aluno, e ajudam-no na medida do possível no suprimento da parte afetiva, espiritual e acadêmica. Utilizam-se também de outros profissionais no cuidado com o aluno.

Em relação à parte acadêmica, buscam desenvolver no aluno, postura física e comportamental condizente com seu papel como aluno, fazendo com que apreendam ser e conviver com outras pessoas, de acordo com a necessidade do espaço acadêmico. Além disso, refletem com o aluno seu papel fazendo-o vislumbrar perspectivas para o futuro. Do mesmo modo, reflete com o aluno sua responsabilidade como aluno e futuro profissional e estimulam-no criando situações que favoreçam a um aprendizado mais significativo.

1 Introdução

O desenvolvimento no aluno da responsabilidade quanto a seu próprio aprendizado, também, é uma forma de cuidado adotada pelas educadoras entrevistadas.

Neste movimento de ir e vir no cuidado com o aluno, a mulher educadora de enfermagem, também, reavalia suas próprias atitudes e posturas frente ao aluno. Estas atitudes podem ser verbais e não verbais pois sabe que precisa ter equilíbrio nas relações de ensino; ou seja, a docência exige muito de sua corporeidade.

Desta forma revela a necessidade do autocuidado consigo mesma, conscientizando-se de que precisam cuidar do seu corpo. Hábitos como exercício físico, ioga, a utilização de florais, a psicoterapia, o convívio com a família e a espiritualidade são formas de cuidado adotadas pelas mulheres docentes de enfermagem.

O cuidado com a aparência pessoal, com a vestimenta e com a postura, também, são formas de cuidado presentes no cotidiano destas mulheres.

Outra forma de autocuidado que as docentes revelaram é quanto ao conhecimento técnico-científico que traz mais segurança no ato de ensinar. Portanto, as docentes citaram que o cuidado consigo mesmas traz segurança, concentração e aumentando a auto-estima, e sobretudo ajudando nas relações entre professor-aluno.

Em seu cotidiano, a mulher docente de enfermagem utiliza-se, também, de todas as partes do seu esquema corporal e, em um movimento contínuo, apropria-se a cada dia de sua corporeidade nas relações de ensino. Utiliza-se da sua gestualidade, de seu olhar, da proxêmica, de sua voz, enfim, do seu esquema corporal como um todo, tentando estimular o aluno nas situações cotidianas de ensino, tendo como propósito tornar-se uma educadora mais qualificada.

1 Introdução

Ao usar seu esquema corporal, emprega também, sua motricidade pois os movimentos corporais da docente de enfermagem no espaço acadêmico tem intencionalidades e significados. Conscientizam-se da importância da corporeidade no ensino e na construção de outros corpos e percebem isto nas relações com os educandos que, no dia a dia, e durante a prática vida profissional conferem este valor a mulher educadora.

6 Considerações Finais

1 Introdução

Ao término deste estudo, volto-me à minha vivência como mulher e docente de enfermagem e percebo que a compreensão do ser mulher docente de enfermagem proporcionou-me sonhar com novos horizontes e possibilidades. Assim, falar sobre corpo, corporeidade e ensino remete-me ao desejo de novos rumos cuja corporeidade seja um complemento essencial para uma assistência mais ética, humanizada e onde o cuidado seja oferecido em sua plenitude.

Surpreendo-me, pois compreendi que as mulheres docentes de enfermagem utilizam-se e conscientizam-se de sua corporeidade muito além de minha expectativa inicial, percepção esta formada na minha consciência racional. Ao adentrar no mundo destas mulheres, percebo a importância que atribuem a seu papel de ensino, à enfermagem, ao aluno e a seu corpo como veiculador de todas as suas intencionalidades.

Trata-se de seres comuns que fazem parte de um cotidiano que exige sua corporeidade em todas as esferas em que se faz presente. Ao falarem de sua vivência, como corporeidade trouxeram aquilo que representa seus valores como um grupo que tem um papel peculiar na formação de outros corpos.

Percebo que os discursos das entrevistadas contemplaram aquilo que é verdadeiro em sua existência; a essência de seu pensamentos veio à tona e confesso que senti orgulho por fazer parte de um grupo de trabalho, cujas ações voltam-se a aspectos tão simples, mas, ao mesmo tempo tão significativos quando se pensa na formação de seres humanos que prosseguirão e multiplicarão o saber em enfermagem.

Este estudo propiciou destacar a corporeidade, como aspecto essencial para a prática pedagógica e para novas reflexões sobre o papel da corporeidade da docente de enfermagem na formação dos estudantes de enfermagem.

Do mesmo modo, permitiu-me perceber que no dia a dia a mulher docente de enfermagem, envolvida com tantas atividades, necessita

1 Introdução

conscientizar-se a cada dia da sua corporeidade, pois o corpo está presente nas relações de ensino, muito além de seus aspectos biológicos e objetivos, alcançando, assim, grandes significados na constituição da enfermagem como profissão.

Creio que este estudo possibilitará com que outras mulheres docentes de enfermagem no seu cotidiano reflitam sobre o que permeiam as suas consciências, frente ao ensino da enfermagem, quais têm sido suas intencionalidades e como têm utilizado sua corporeidade em seu dia a dia, à bem como a imagem que têm transmitido de si mesma aos alunos e à sociedade.

Observo também que embora a concepção de corporeidade tenha aparecido nos discursos das mulheres quando falam do seu corpo, há a necessidade de discutir-se esta temática com as professoras, para que possam utilizar sua corporeidade com mais objetividade, tendo consciência do que representam para o aluno nas situações de ensino.

Quando aponto que a mulher docente de enfermagem deve perceber mais sua corporeidade e a importância dela em sua existência, penso que podemos exercitá-la, tendo em mente que ela faz parte de nosso ser, que nos revela e nos constrói como seres existenciais que somos.

Diante dos resultados deste estudo vejo que as mulheres docentes de enfermagem mesmo não tendo aprofundamento teórico inerente a temática corpo e corporeidade já abordam aspectos relacionados à corporeidade com os alunos de enfermagem, pois corpo é vivência e existencialidade.

Penso portanto, que a inserção desta temática no início e durante o ensino da graduação, possa contribuir para que ao aluno exercite também a própria corporeidade, formando-se deste modo, um aluno que se preocupe com sua postura profissional e com a imagem que tem retratado de si mesmo, como acadêmico e futuro profissional de enfermagem.

1 Introdução

No discurso da docente de enfermagem vejo um pedido de compreensão, pois, afinal de contas é um ser humano como qualquer outro. Revela que tem cuidado do outro no seu dia a dia, cuidado da profissão enfermagem, mas é ela mesma que cuida de si.

Assim, sonho com novas perspectivas e rumos em que o cuidado com o docente seja aprimorado nas instituições de ensino, vislumbrando melhor qualidade de vida a estas trabalhadoras, visto que a tarefa de educar corpos de seres recém-saídos da adolescência para o cuidado e para o enfrentamento da morte, do sofrimento e todas as condições que envolvem o sistema saúde tem sido um trabalho árduo e constante em suas vidas.

Outro aspecto, que julgo importante na seqüência de minhas intencionalidades é desenvolver outros estudos em que possa desvelar o significado da corporeidade e do corpo para o aluno de enfermagem, bem como ele tem percebido o próprio corpo, a corporeidade do professor de enfermagem e a do cliente que necessita de cuidado.

A percepção do paciente sobre seu próprio corpo na vivência dos diversos aspectos inerentes ao processo saúde doença, também se faz necessário, pois o mesmo faz parte do cenário da assistência à saúde.

Acredito que o desenvolvimento destes estudos complementarará a compreensão da corporeidade na área da enfermagem, buscando-se subsídios para novas ações que possam aproximar cada vez mais os profissionais que atuam na área da saúde com a temática.

Assim, finalizo minhas reflexões, consciente de que há muito o que fazer ainda no desenvolvimento da temática, mas sempre intencionando reiniciar novos caminhos que possam valorizar e fazer-se conhecer o grande papel que a mulher educadora da área de enfermagem, e a corporeidade possuem no âmbito da profissão.

Referências

1 Introdução

Almeida IS, Crivaro ET, Salimena AMO, Souza IEO. O caminhar da enfermagem em fenomenologia: revisitando a produção acadêmica. Rev Eletrônica Enferm [periódico na Internet]. 2009 [citado 2009 Out. 29];11(3):695-9. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/pdf/v11n3a30.pdf>.

Alves N. Como nosso corpo passa a ser de professor? In: Garcia RL, organizador. O corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP&A; 2002. p. 119-131

Alvim MB. Experiência estética e corporeidade: fragmentos de um diálogo entre gestalt-terapia, arte e fenomenologia. Est Pesqui Psicol. 2007;7(1):138-46.

Amorim MLL. Perspectivas e implicações da corporeidade na práxis pedagógica do professor de ensino médio [dissertação]. Brasília: Universidade Católica de Brasília; 2004.192p.

Andrade AC. A enfermagem não é mais uma profissão submissa. Rev Bras Enferm. 2007;60(1):96-8.

Araiza A, Gisbert G. Transformaciones del cuerpo em psicologia social. Psicol Teor Pesqui. 2007;23(1):111-7.

Araújo MDE. Faces do corpo na condição docente: um estudo exploratório [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais; 2004 .225p.

Assman H. Paradigmas educacionais e corporeidade. 3ª ed. Piracicaba: Unimep; 1995.

Azevedo AA, Gonçalves AS. Reflexões acerca do papel da re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. Conexões. 2007;5(1):67-84.

Baggio MA, Monticelli M, Erdmann AL. Cuidando de si, do outro e "do nós" na perspectiva da complexidade. Rev Bras Enferm. 2009;62(4):627-31.

Benko MA, Silva MJP. Pensando a espiritualidade no ensino de graduação. Rev Latinoam Enferm. 1996;4(1):71-85.

Bicudo MAV. Fenomenologia: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez; 2000.

Brêtas JRS, Santos FQ. Oficina de vivência corporal: movimento, reflexão e apropriação de si mesmo. Rev Esc Enferm USP. 2001;35(3):242-8.

1 Introdução

Brêtas JRS. Mudanças: a corporalidade na adolescência [tese]. São Paulo: Departamento de Enfermagem, Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo; 2003. 257p.

Bueno ERA. Fenomenologia: a volta as coisas mesmas. Campinas: Alínea; 2003.

Camacho ACLF, Espirito Santo FH. Refletindo sobre o cuidar e o ensinar na enfermagem. *Rev Latinoam Enferm*. 2001;9(1):13-7.

Carvalho MDB, Valle ERM. A pesquisa fenomenológica e a enfermagem. *Acta Sci*. 2002;24(3):843-47.

Cavalcanti KB. Corporeidade e a ética do sentido da vida na educação: para florescer as sementes da pedagogia vivencial. *Rev Recre@rte* [periódico na Internet]. 2007 [citado 2009 Out. 29];(7). Disponível em: <http://www.iacat.com/Revista/recreate07.htm>.

Dal Pai D, Schrank G, Pedro ENR. O enfermeiro como ser sócio-político: refletindo a visibilidade da profissão do cuidado. *Acta Paul Enferm*. 2006;19(1):82-7.

Dalbosco CA. O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia. *Educ Soc*. 2006;27(97):1113-35.

Dezorzi LW, Crossetti MGO. A espiritualidade no cuidado de si para profissionais de enfermagem em terapia intensiva. *Rev Latinoam Enferm*. 2008;16(2):212-7.

Detrez C. *La construction solicale du corps*. Paris: Éditions du Senil; 2002.

Ferreira SL. Participação das mulheres na vida social. In: Fernandes RAQ, Narchi NZ, organizadoras. *Enfermagem em saúde da mulher*. São Paulo: Manole; 2007. p. 254-66.

Fonseca RMGS. Gênero e saúde-doença: uma releitura do processo saúde doença das mulheres. In: Fernandes RAQ, Narchi NZ, organizadoras. *Enfermagem em saúde da mulher*. São Paulo: Manole; 2007. p. 30-61.

Fernandes CNS. Refletindo sobre o aprendizado do papel de educador no processo de formação do enfermeiro. *Rev Latinoam Enferm*. 2004;12(4):691-3.

Fiorentim S. Corpo e corporeidade nas percepções e nas práticas pedagógicas de professores da educação infantil especial: da visão mecanicista/reducionista à visão sistêmica/holística [dissertação]. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná; 2006.164p

1 Introdução

Fontana RC. O corpo aprendiz. In: Carvalho YM, Rubio K, organizadoras. Educação física e ciências humanas. São Paulo: Hucitec; 2001. p. 41-52.

Freitas MFQ. Docência, vida cotidiana e mundo contemporâneo: que identidades e que estratégias de sobrevivência psicossocial estão sendo construídas? *Educar Rev.* 2003;(n. esp):137-50.

Garanhani ML Habitando o mundo da educação em um currículo integrado de enfermagem: um olhar à luz de Heidegger [tese]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2004.232 p.

Gonçalves MAS. Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação. 6ª ed. São Paulo: Papyrus; 2002.

Gonçalves R. Vivenciando o climatério: o corpo em seu percurso existencial à luz da fenomenologia [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2005. 244p

Graças LM. Pesquisa qualitativa e a perspectiva fenomenológica: fundamentos que norteiam sua trajetória. *REME Rev Min Enferm.* 2000;4(1/2):28-33.

Gussi MA, Dytz JLG. Religião e espiritualidade no ensino da enfermagem. *Rev Bras Enferm.*2008; 61(5):377-84.

Herold Junior C. Corpo, inteligência e as transformações no mundo do trabalho: reflexões a partir da mediação dos saberes tácitos. *Educ Soc [periódico na Internet]*. 2009 [citado 2009 Out. 29];30(107):515-37. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302009000200011&lng=pt&nrm=iso.

Husserl E. Problemas fundamentais da fenomenologia. Edición y traducción: César Moreno e Janer San Martin.Madrid: Aleanza Editorial,1994.

João RB, Brito M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. *Rev Bras Educ Fís Esporte.* 2004;18(3):263-72.

Josgrilberg RS. O método fenomenológico e as ciências humanas. In: Castro DSP, organizador. Fenomenologia e análise do existir. São Paulo: Sobraphe; 2000. p. 75-93.

Keleman S. Mito e Corpo: uma conversa com Joseph Campbell. São Paulo: Summus; 2001.

1 Introdução

Kikuchi EM. Vivenciando o mundo da avaliação em um currículo integrado de enfermagem: uma abordagem à luz de Heidegger [tese]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, 2009.

Labronici LM. A corporeidade propiciando o coexistir da racionalidade e da sensibilidade nas práticas de cuidar [dissertação]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 1998.141p

Lemos JC. Cargas psíquicas no trabalho e processos de saúde em professores universitários [tese]. Florianópolis: Universidade Federal Santa Catarina; 2005.147p

Louro GL. Corpo, escola e identidade. *Educ Real*. 2000;25(2):59-75.

Madeira MZA, Lima MGSB. A prática pedagógica das professoras de enfermagem e os saberes. *Rev Bras Enferm*. 2007;60(4):400-4.

Martins JT, Robazzi MLCC. Sentimentos de prazer e sofrimento de docentes na implementação de um currículo. *Rev Gaúcha Enferm*. 2006;27(2):284-90.

Marzano-Parisoli MM. *Enfermidade e medicina*. Petrópolis: Vozes; 2004. Pensar o corpo; p. 65-108.

Melo SMM. *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras*. Campinas: Mercado de Letras; 2004.

Merighi MAB. Fenomenologia. In: Merighi MAB, Praça NS. *Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003. p. 30-7.

Merleau-Ponty M. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard; 1945.

Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Reginaldo di Piero. São Paulo: Freitas Bastos; 1971.

Merleau-Ponty M. *A estrutura do comportamento*. Trad. de José de Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros; 1975.

Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da percepção*. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes; 2006.

Miranda AS, Rodrigues C, Stevaux RP. Autonomia e corporeidade: reflexões sobre o 'corpo' na contemporaneidade <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - Nº 129 - Febrero de 2009.

1 Introdução

Montagnoli D. Corporeidade: a linguagem que constrói e produz cultura corporal na profissionalização continuada dos docentes da UNERJ [dissertação]. Havana: Universidade de Havana; 2001.122p

Montenegro Medina MA, Ornstein Letelier C, Tapia Ilabaca PA. Cuerpo y corporalidad desde el vivenciar femenino. *Acta Bioeth.* 2006;12(2):165-8.

Moreira WW. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. *Rev Bras Cienc Mov.* 2003;11(3):85-90.

Mori ME, Coelho VLD. Mulheres de corpo e alma: aspectos biopsicossociais da meia-idade feminina. *Psicol Reflex Crít.* 2004;17(2):177-87.

Muramatsu CH. Convivendo com a síndrome da tensão pré-menstrual: um enfoque da fenomenologia existencial [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2001.

Nobrega TP. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. *Educ Soc.* 2005;26(91):599-615.

Oliveira DA. As reformas educacionais e suas repercussões sobre o trabalho docente. In: Oliveira DA, organizadora. *Reformas educacionais na América Latina e os trabalhadores docentes.* Belo Horizonte: Autêntica; 2003. p. 13-38.

Ortega F. Corporeidade e biotecnologia: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina. *Cienc Saúde Coletiva.* 2007;12(2):381-8.

Ortega F. Fenomenologia da visceralidade: notas sobre o impacto das tecnologias de visualização médica na corporeidade. *Cad Saúde Pública.* 2005;21(6):1875-83.

Overton WF. Beyond dichotomy: an embodied active agent for cultural psychology. *Cult Psychol.* 1997;3(3):315-34.

Palmeira IP, Betancourt Rodríguez M. A investigação científica no curso de enfermagem: uma análise crítica. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2008;12(1):68-75.

Pelegriani T. Imagens do corpo: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. *Rev Urutagua [periódico na Internet].* 2008 [citado em 2008 Abr. 7];(8). Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegriani.htm.

Polak YNS. A corporeidade como resgate humano da enfermagem. Pelotas: UFPEL; 1997.

1 Introdução

Polak YNS. A corporeidade como resgate do humano na enfermagem [tese]. Florianópolis: Escola de Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina; 1996.131p

Pupulim SS. Exposição corporal do cliente no atendimento das necessidades básicas em UTI: incidentes críticos relatados por enfermeiras [dissertação]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2003. 151p

Radünz V. Uma filosofia para enfermeiros: o cuidado de si, a convivência com a finitude e a inevitabilidade do burnout [tese]. Florianópolis: Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina; 1999.

Ribeiro ML, Jutras F, Louis SR. Análisis de las representaciones sociales de la afectividad en la relación educativa. *Psicol Educ.* 2005;20(1):31-54.

Rodrigues MTP, Mendes Sobrinho JAC. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. *Rev Bras Enferm.* 2007;60(4):456-9.

Rodrigues RM, Caldeira S. Movimentos na educação superior, no ensino em saúde e na enfermagem: [revisão]. *Rev Bras Enferm.* 2008;61(5):629-36.

Rojas JS. Efeitos de sentido e, fenomenologia nas práticas educativas: linguagem, cognição e cultura. In: *Anais do 3º Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos; 5º Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir*; 2006 São Bernardo do Campo, BR. São Bernardo do Campo: Umesp; 2006. v. 1. p. 1-10.

Rosário NM. Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose [texto na Internet]. 2004 [citado 2007 Abr. 7]. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm>.

Scorsolini-Comin F, Amorim KS. Corporeidade: uma revisão crítica da literatura científica. *Psicol Rev (Belo Horizonte)*. 2008;14(1):189-214.

Siebert RS. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: Romero E, organizador. *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus; 1995. p. 15-42.

Silva IJ, Oliveira MFV, Silva SED, Polaro SHI, Radünz V, Santos EKAS, Santana ME. Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado de enfermagem. *Rev Esc Enferm USP*. 2009;43(3):697-703.

Sinha C, López KJ. Language, culture and the embodiment of spatial cognition. *Cogn Linguist*. 2001;11(1/2):17-41.

1 Introdução

Spíndola T. Mulher, mãe e... trabalhadora de enfermagem. Rev Esc Enferm USP. 2000;34(4):354-61.

Surdi BMM. Corporeidade de aprendizagem: o olhar do professor [dissertação]. Ijuí: Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; 2001.

Tardif M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

Tavares SMG, Albertini P. Moradia e corporeidade em espaços liminares: um estudo sobre formas de subjetividade na favela. Paidéia [Ribeirão Preto] [periódico na internet]. 2005 [citado 2009 out 29];15(31):299-308. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2005000200017&lng=pt&nrm=iso>.

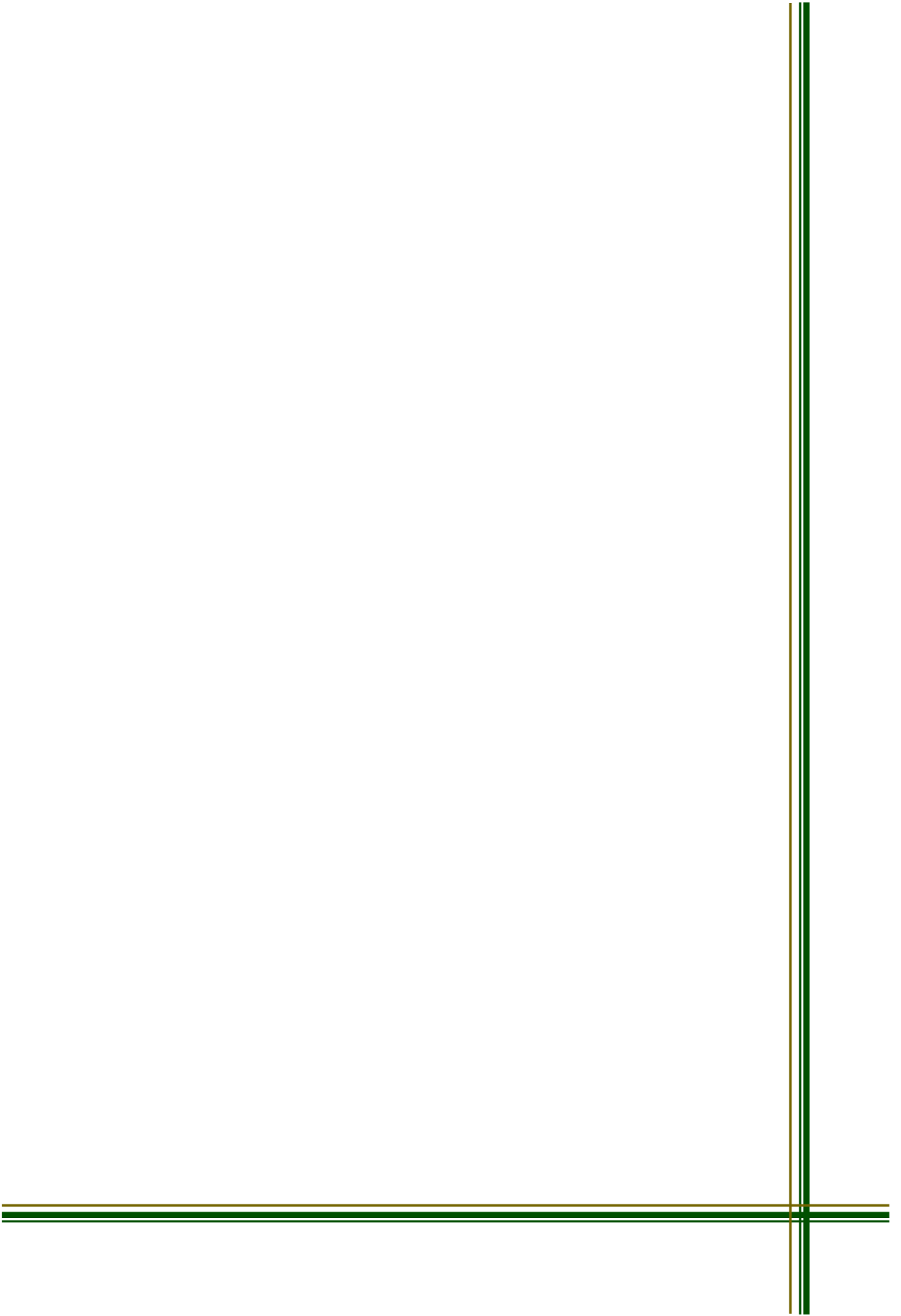
Trindade AL. Do corpo da carência ao corpo da potência: desafios da docência. In: Garcia RL, organizador. O corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP&A; 2002. p.65-88

Vasconcelos CMCB, Prado ML. Vivendo o sofrimento e os desafios no trabalho: expressões autocríticas de um grupo de enfermeiros educadores. Rev Eletrônica Enferm. 2004 [citado 2009 Out. 29];6(1):47-58. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_1/index.html.

Waldow VR. Reflexões sobre educação em enfermagem: ênfase em um ensino centrado no cuidado. Mundo Saúde (1995). 2009;33(2):182-8.

Wilde MH. Embodied knowledge in chronic illness and injury. Nurs Inq. 2003;10(3):170-6.

Wilde MH. Why embodiment now? ANS Adv Nurs Sci. 1999;22(2):25-38.



*1 Introdução***APÊNDICE A****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

PESQUISA: Mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública: a percepção a respeito da corporeidade em sua atuação profissional.

PESQUISADORAS RESPONSÁVEIS:

DOLORES FERREIRA DE MELO LOPES

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade de São Paulo

MIRIAM APARECIDA BARBOSA MERIGHI

Professora Titular do Departamento Materno-Infantil Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, Orientadora da pesquisa.

Recebi uma explicação completa e pormenorizada sobre a natureza da pesquisa intitulada **Mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública: a percepção a respeito da corporeidade** em sua atuação profissional, bem como de seus objetivos, metodologia e benefícios previstos em função da realização da mesma.

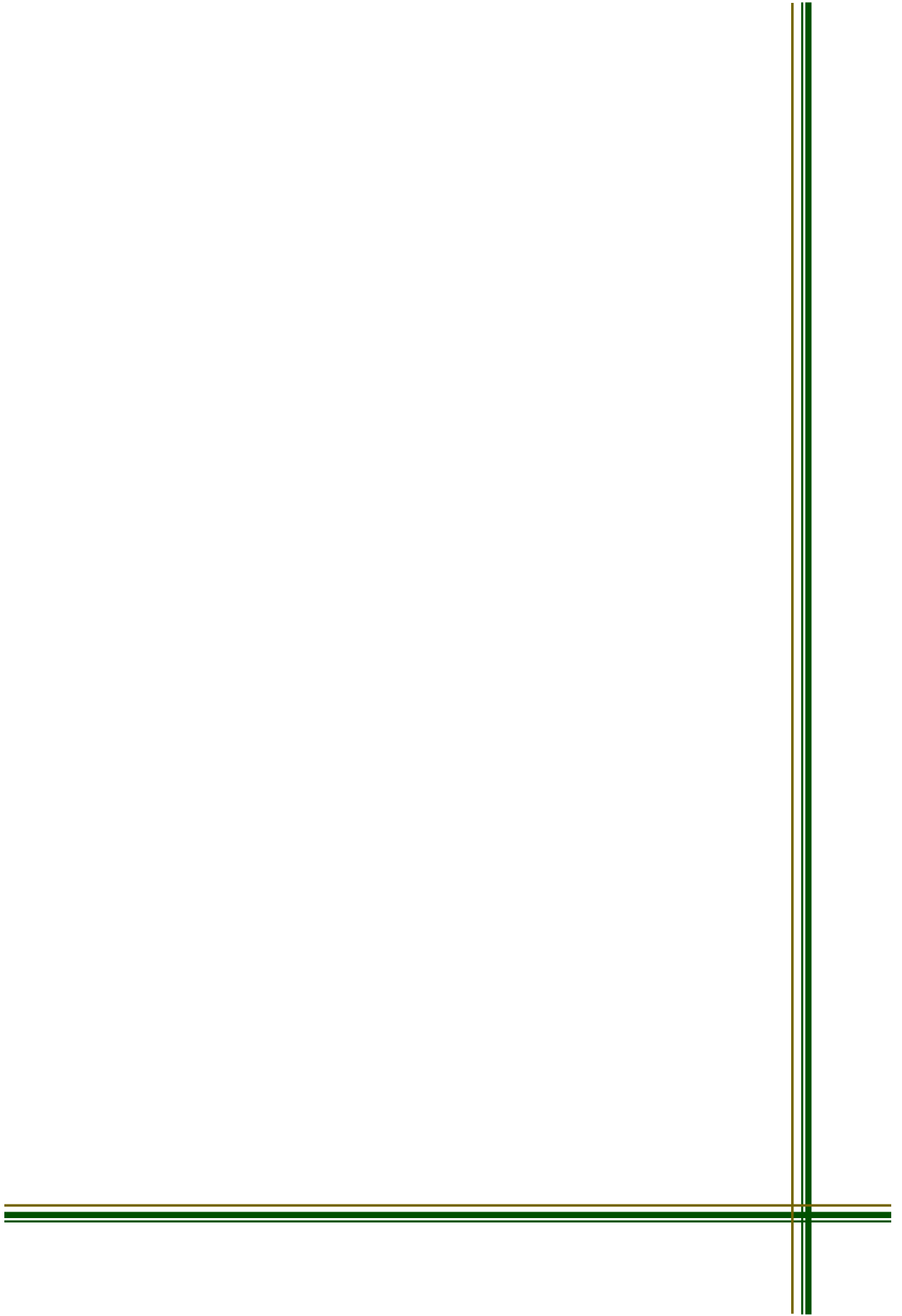
Compreendi que nenhuma remuneração seja oferecida em decorrência da minha participação e que minha assinatura neste documento, por livre e espontânea vontade, representa a anuência para contribuir como sujeito na atividade proposta. Ficam-me assegurados os seguintes direitos: liberdade para interromper minha participação em qualquer fase do estudo, no momento em que julgar necessário; o sigilo de minha identidade; a confidencialidade dos dados obtidos, o direito ainda de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento de qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros relacionados com a pesquisa. Declaro ainda que fui certificado que os resultados poderão ser utilizados em divulgações científicas ou em publicações e estudos futuro, e ainda que as entrevistas serão gravadas.

Eu _____ RG: _____ declaro que entendi os objetivos da pesquisa e concordo em participar do estudo.

Assinatura do participante

Dolores Ferreira de Melo Lopes

Av. Robert Koch, nº. 60/Departamento de Enfermagem-UELEfones: (43) 33712249
Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP – 3061-7548)



Anexo A

ANEXO A

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA ESCOLA DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Tel.: (011) 3061-7548/8858 - Fax: (011) 3061-7548 -
São Paulo - SP - Brasil
e-mail: edipesq@usp.br



São Paulo, 29 de setembro de 2008.

Ilm.^a Sr.^a

Dolores Ferreira de Melo Lopes

Ref.: Processo nº 767/2008/CEP-EEUSP

Prezada Senhora,

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto “**Corporiedade no ensino da enfermagem: a percepção das mulheres docentes de enfermagem de uma universidade pública**”, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analisado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Maria Fátima Prado Fernandes
Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Prado Fernandes
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

ANEXO B

ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1

Eu estou pensando... só para eu coordenar as ideias...bom como mulher e como educadora de enfermagem, eu acredito que eu estou em um momento que tenho refletido muito quanto ao ser mulher e, principalmente, como educadora de enfermagem. É que na fase de vida que eu me encontro, eu até poderia estar repensando em aposentadoria, mas eu vejo que eu estou assim numa fase de plenitude enquanto educadora.

Agora que eu vejo, assim, muitas coisas da minha vida profissional estão muito mais resolvidas.Me vejo, assim, muito mais serena, com muito mais paciência, com muito mais compreensão do que é ser professora e, principalmente, como educadora de enfermagem.Então, eu acho assim.. os alunos estão chegando de uma forma muito complexa.O que eu quero dizer com complexa, assim, muitos entram no curso, sem ter muita clareza até do que eles querem.Assim, eles optaram por um curso, mas sem saber o que esperar do curso em termos de vida profissional, o que eles farão com este curso de enfermagem, então eu percebo assim que muitos chegam, e quando eles são introduzidos com a gente no 2º e 3º ano, que é o período que eles vão ser introduzidos na prática e na vivência da enfermagem mesmo.Muitos ficam se questionando:realmente, será que é isso que eu quero para minha vida? Então, eu com minha maturidade, com minha experiência, com a minha tranquilidade que eu estou vivendo nesta fase, eu os ajudo na reflexão.Sabe não é ficando impaciente, não é achando que eles estão fazendo corpo mole, mas assim ajudando- os a pensar de que forma ele podem repensar o futuro. E eu, assim, estou numa situação assim de tranquilidade para ajudá-los neste momento de reflexão. Bom, como docente, eu já vinha com uma experiência como enfermeira há 7 anos.Eu vinha como professora do curso de auxiliares técnico de enfermagem, então como docente do curso de graduação foi relativamente tranquilo, pois eu vinha me preparando em termos profissionais e em termos de educadora ,também, só que agora chegando no curso de graduação, o nível era outro , mas a base eu já tinha.Então, eu acho que foi melhorando, assim em termos de aprofundamento, de complexidade na forma de ensinar de conteúdo.Esta não foi a parte mais complicada.É, assim, eu sempre considerei, não sei se é corpo assim, mas na vida profissional eu sempre tive uma meta.Quando eu entrei como enfermeira, eu sabia que era o início. Eu sabia que eu não ia ficar a vida inteira fazendo a mesma coisa, porque a coisa rotineira não é comigo. Quando você fala em corpo naquele começo de vida profissional, o corpo também, é outro. Um corpo mais jovem,um corpo que mesmo que a exigência do intelecto do mental seja grande o corpo está no seu auge. Tudo que você pede dele ele faz. Então, nessa fase de preparo que eu tive assim, para ser docente, eu fiz o curso de habilitação. Eu trabalhava à noite, então, quer dizer é uma fase assim que o corpo responde bem. Agora tudo é uma questão de preparo que eu investi em termos de físico, eu fazia natação.Eu nunca dissociar corpo de mente, pois quando você dissocia,quando você desenvolve só um lado você não fica em equilíbrio. Então, para mim é questão de harmonia, e eu não sei se é porque eu sou de origem oriental. Essa harmonia tem que ser uma coisa mais ampla, não é porque eu invisto no meu mental que eu esqueço do físico, tem que caminhar

Anexo B

junto para mim as duas coisas. Tanto que, nesta fase eu já fazia ioga, já dentro deste momento, eu já fazia isso. Mas nunca descolei isso do intelectual, como eu tinha uma meta de não querer fazer sempre a mesma coisa, eu investi também em língua, uma coisa que eu investi bastante. Então, eu acho que quando eu cheguei assim na universidade para ser professora, foi um caminho muito natural continuar o meu estudo, mas sem descolar da parte do físico. Tanto que se eu for pensar nestes anos da minha vida, o meu físico nunca sofreu grandes alterações. Para mim, tem que estar muito casado o físico o emocional e atualmente tenho dado um grande enfoque na espiritualidade. Porque eu acho que se eu não tiver todos estes aspectos em equilíbrio eu não vou ter a tranquilidade para trabalhar com o outro. Como eu estou falando para você, os alunos que chegam sem saber a direção para dar a própria vida, se eu como educadora não estiver bem centrada, eu não tenho condições de fazer com que eles reflitam sobre a própria vida, seu próprio caminho. Então no momento que eu me vejo com tranquilidade emocional com o físico bem cuidado, eu tenho este equilíbrio e acho que eu tenho mais condições de prestar atenção no outro. Eu guardo este princípio que só tenho condições de prestar atenção no outro, quando tenho minhas necessidades humanas básicas atendidas. Eu acho que neste momento da minha vida eu tenho esta tranquilidade, porque isto para mim está bastante harmonizado nesta fase da minha vida. Eu acho que este corpo, é o que eu falei para você, eu não penso em corpo só em corpo em termos de corpo de mulher, vejo como um corpo físico que é meu arcabouço para sustentar o meu mental físico e espiritual. Então, eu vejo assim este corpo teve fases, por exemplo, quando eu estava começando que a parte hormonal exigiu muito mais e agora a parte hormonal está em equilíbrio, está mais tranquilo. E sendo mulher a questão da sensibilidade, a questão de atenção com o outro de estar mais disponível para ao outro, e este lado mulher este lado feminino este lado mais sensível me facilita muito entender e atender as necessidades dos meus alunos, essas pessoas que estão em formação ainda. Então, eu acho assim que eu ter trabalhado o meu físico também como mulher, como um ser que tem um corpo com as outras estruturas que dependem deste físico, me ajudou. Então, eu acho que não adianta nada eu ter uma cabeça com um intelecto muito desenvolvido, se eu não cuidei ao longo da minha vida do meu um corpo e com certeza nesta altura da vida, eu estaria pagando o preço por ter canalizado tudo ou só no mental, ou no intelectual sem ter assistido este corpo. Então, eu acho, assim eu nunca tive filhos, nunca canalizei minha energia de mulher para o lado de casamento. Eu sempre trabalhei bem estas questões comigo mesma, não vejo frustrações e sinto uma paz interior muito grande. Isso não me afetou, não me tornei uma pessoa frustrada. Eu sou uma pessoa feliz. E se eu não tivesse feliz, eu estaria expressando esta minha infelicidade nas minhas relações. E eu vejo que eu estou conseguindo me relacionar muito bem com meus alunos, com meus colegas de trabalho. Então, vejo assim, estou numa fase boa o meu lado mulher foi atendido, falo isso com bastante tranquilidade. E um aspecto que não havia trabalhado, até então, que é a parte da espiritualidade e eu vejo assim, se eu tenho o meu físico em boas condições se o meu mental está atendido em um bom nível e o emocional está tranquilo, eu estou me direcionando a este outro lado que eu acho que faz um fecho nestes meus corpos todos. E eu me vejo tranquila neste ser mulher que você coloca. Bom, o primeiro ponto que eu coloquei foi assim conseguir encontrar um equilíbrio em todos os sentidos, em todas as dimensões da minha vida. Eu acho que, assim, esse caminhar na enfermagem como mulher, como enfermeira, como educadora me mostrou muito que tudo que a gente faz com o corpo da gente tem um preço. Mais cedo ou mais tarde, tudo se reflete no corpo e na vida da gente,

Anexo B

e isso ficou muito claro como esse trabalho que a gente desenvolve com os pacientes. Este trabalhar com pessoas enfermas me deixou isto muito claro, era com se fosse um alerta. Você só tem possibilidade de cuidar bem do corpo de outra pessoa, se você tiver bem com o seu corpo. Então, esta história de harmonia, de equilíbrio que eu falo para você, acho que é devido a esta caminhada, desta observação, que as pessoas fazem ao longo de sua vida com o seu próprio corpo. Se você exige muito do seu corpo e não dá as condições para ele em termos de alimentação, em termos de repouso em termos de lazer eu acho que ele vai te cobrar. Então hoje, eu tenho muito claro o que mudou. E, no meu olhar como educadora e mulher, é você estar bem com você mesmo, até no aspecto físico. E como eu tenho este olhar, há muito tempo, é necessário haver esta harmonia uma coisa que eu tenho investido muito mais é viver com harmonia. E eu tenho investido com muito mais determinação de uma forma muito mais sistemática ...é o ioga e vejo que isto é uma coisa que está incorporado em mim, é uma atividade que eu não fico só concentrada só meu físico. É diferente de uma academia que eu vou lá malhar só para cuidar do meu físico, na uma hora e meia que faço aula de yoga é uma hora assim que eu estou lá para cuidar de mim não só do físico. Do mesmo jeito que eu percebo uma flexibilidade muito grande, eu vejo que a minha energia está muito mais equilibrada. É a hora que eu não deixo meus pensamentos e emoções me dominarem, me concentro no aqui e agora, e tomo consciência do meu corpo, o que se passa na minha mente, e o que eu almejo frente ao espiritual. Acho, que é um momento assim, que cuido de todos os aspectos, eu trabalho com relaxamento, eu trabalho com meditação, com respiração, e eu trabalho com alongamento também, para mim, isso me faz um bem danado. Eu acho que eu já tenho essa vivência de estar vendo o corpo com cuidado.

Dá para perceber, assim que estes alunos, alguns vamos dizer, um percentual bem importante, é assim muita displicência. É um período, assim, da vida deles que a consciência corporal está mais voltada para a estética de ter um corpo bonito, apresentável, é só questão de plasticidade, de se mostrar. Agora tem outros que não têm nem essa consciência e valorização do corpo, não percebem que o corpo é um arcabouço, como uma indumentária para se viver a vida terrena. Então, eu acho que falta esta consciência de saber cuidar deste corpo desde jovem, porque assim o adolescente não tem o hábito de atividade física de ter um horário de sono adequado. Então, assim, é uma falta de consciência do corpo nessa vida que ele está vivendo aqui. Eu não sei se é só enquanto corpo mas, por exemplo, assim quando eu chego de manhã no estágio, pois, normalmente sou eu que chego à frente deles. Então, eu tenho trabalhado isso, para ver se isto tem uma influência positiva para eles, por exemplo, se eu chego e me mostro disponível, cumprimento pois tem muito aluno que chega meio se arrastando, cansado, com mal vontade como se dissessem assim: aguentar de novo aqui nesta unidade, que chatice! E tenho que chegar na unidade 7 horas e para os alunos isto é difícil, pois eles não estão acostumados a acordarem cedo, estar dispostos logo de manhã. Então, eu acho que minha atitude corporal é fazer com que eles percebam que eu estou prestando atenção neles. Assim de acordo com a disposição deles, se eu alio isto a minha receptividade e meu relacionamento com ele, eu consigo fazer com que ele apesar de ter que vir cedo, consigam ter uma manhã bem produtiva. Eu não colocaria só do meu aspecto corporal, não, eu acho que para mim fica difícil sabe tirar o meu corpo do meu ser, porque isto está muito interligado. Eu acho que eu não considero isso só por causa do meu corpo. Acho que é a minha atitude se eu estou tranquila, se cheguei bem, eu vou ter a paciência. Se eu estou aqui concentrada, neste momento consigo

Anexo B

olhar para o outro e consigo perceber a necessidade do outro porque para mim fica difícil falar que é meu corpo que está falando, separar. Falar que é meu corpo que está falando, não é meu corpo que está falando. Sou eu, minha atitude, sou eu que tendo uma atitude de receptividade com o aluno consigo fazer com que ele desenvolva atividade esperada de uma forma mais tranquila, com menos stress e com menos dificuldade no relacionamento. Isso eu tenho visto, neste último estágio, eu convivi com alunas que falaram: professora agora eu tenho certeza agora que não quero trabalhar em hospital, que não é enfermagem que eu quero, mas também não vou desistir agora, eu cheguei neste momento até o 3º ano e vou terminar o curso para ver o que eu faço. Mas, apesar de terem essa consciência, de não ser este o caminho conseguiram dar conta do estágio e terminar de uma forma relativamente tranquila, sem ser aquele peso. Então, eu acho que eu considero que a intervenção do educador, do professor é muito importante neste momento crítico para ele, por isso que eu falo para você não é só meu corpo, sou eu enquanto uma pessoa que tem que ter tranquilidade emocional e mental para ter paciência para prestar atenção no outro, e só presto atenção no outro quando estou tranquila também. Eu já falei para você, o que eu tenho muito claro. O que defini para minha vida, mais eu tenho muito claro, também o que eu não gosto de fazer. Então, por exemplo, enquanto professora era muito difícil trabalhar com coisas repetitivas, o que eu digo que é repetitivo: teve uma época enquanto professora que eu ficava na UTI e a cada três dias rodava com o aluno e isso para mim era muito desgastante. Você fica repetindo que nem papagaio a parte técnica, o como fazer e isso, eu não dou conta, isso me causava uma irritação uma impaciência, e por isso, que eu falo para você não é só questão de corpo físico. Não é que isso não via resultados positivos para o aluno até tinha, mas não se criava vínculos, eu ficava irritada. Era três dias, você nem conhece o aluno, você ensina o que tem ensinar os desempenhos daquela unidade. O aluno vai passando e uma coisa que, para mim, é muito importante, que eu valorizo é você criar um relacionamento humano. O aluno não é um robô que vai, depois vem mais três, e você passou na vida dele sem saber quem é este aluno, qual é minha contribuição na vida dele, eu tenho dificuldade de ficar tocando rotina sem ter o estabelecimento de uma relação aluno-professor, que eu fico também como uma máquina “faz isso, faz aquilo” “é assim, é assado” eu não dou conta deste tipo de atividade não, foi um período muito desgastante porque não me sentia feliz, nem tranquila ficando nesta repetição. E como superei isto? Quando começamos ficar mais com o aluno, comecei a estabelecer um relacionamento interpessoal quando você consegue isso com o aluno é diferente o trabalho. O trabalho tem um outro significado para você. Eu acho difícil. Assim, eu percebi que no seu trabalho você está trabalhando com o corpo, e para mim, é muito difícil falar sobre corpo porque para mim corpo não é só isso que eu falo para você. O corpo é um reflexo da minha vida. Corpo para mim é tudo, é um corpo onde você tem incluído a parte mental, a intelectual, a espiritual o corpo para mim é minha ferramenta. É o meu, vamos dizer assim, o meu invólucro onde está contido no meu ser, que sou eu na minha plenitude. Falar de corpo para mim, não sei se é nesta conotação que você quer, é uma coisa integrada, é o reflexo do meu interior. Você ganhou este invólucro aqui para se desenvolver, no nosso caminhar aqui na escola temos que pensar o que vamos levar disso. Tento despertar em mim essa consciência. Eu não estou aqui para me mostrar para os outros, ser vaidoso, para ganhar dinheiro, para mim, cada dia isto fica mais claro para mim.

Anexo B

ENTREVISTA 2

Olha, eu particularmente, me amo. Como educadora? Então isso é meio complicado para mim, pois de repente assim, hoje de manhã eu estava pensando sobre isso é se realmente a gente tem que educar os alunos ou se os pais tem que educar. Ou se só temos que passar conhecimento? Então, de vez em quando eu vivencio esta coisa assim de querer educar os alunos e, então, eu sofro muito porque essa coisa de chamar a atenção da postura, da linguagem, não só dos alunos da enfermagem. Os alunos da fisioterapia, da medicina, eu também chamo a atenção, a linguagem do meio do corredor, com o paciente, eu falo mesmo, a maneira de se vestir. Porque ele tem que começar aqui a ser um bom profissional. A gente já tem uma história tão sofrida dentro da enfermagem, tantos anos. Ainda na consciência das pessoas o enfermeiro não é uma coisa solidificada. Bom, pode ser que eu não mude o mundo, mas eu coopero com o meu grão. Então, faz tanto tempo, eu me amava muito mais, eu amava o meu corpo. Hoje eu tenho desgosto dele, por causa das circunstâncias de vida, eu me cuidava mais eu me cuidava muito mais. Parei de fumar, engordei porque parei de fumar. Veio minha mãe morar comigo, eu deixei de sair, deixei de me arrumar para sair. Eu deixei de fazer atividade física, porque eu tenho hora para chegar em casa dispensar a empregada, porque eu que fico com a minha mãe. No final de semana eu dou plantão na UTI, ou estou com minha mãe entendeu. Então assim sabe você fica desgostosa, eu acho assim quando eu me olho no espelho eu tenho desgosto do meu corpo, mas, hoje assim eu amo mais do que antes. Eu acho, assim que não foi enquanto docente, foi por algumas pessoas que entraram na minha vida e que me mostraram outro lado para mim da vida. Aí eu passei a ver as pessoas de maneira diferente, eu passei a me comportar de maneira diferente, eu passei a ser menos louca, tenho mais responsabilidade, eu tenho uma mãe que eu tenho que dar remédio, alimentar, preciso levar no médico. Você sabe que eu tenho uma pessoa que mora comigo, e isto faz diferença, então assim sabe as responsabilidades mudaram muito aquela vida de solteira, de louca que eu tinha....mudou. Eu não digo a docência, mas as pessoas com as quais eu convivo na docência me ajudaram a modificar. Não sei se vou saber responder mais assim, corpo para mim, é a cabeça, corpo, membros, entendeu? Como docente e eu me acho uma peça extremamente importante, eu me acho entendeu? Eu acho que eu faço a diferença. Porque eu acho assim, são maneiras diferente de pensar, que quando você ajunta, faz esta diferença e faz um integral, não sei se é isto. Tem todo um contexto. Eu acho que muda o contexto, quando você vai dar uma aula na graduação, na pós, se você vai dar uma palestra, quando você vai dar um curso. São, assim, contextos diferentes, e assim se eu sei que no mês que vem eu vou fazer alguma atividade um mês antes. Já vou me preparando, por exemplo, agora, eu já estou me preparando para o semestre que vem para graduação. Então, eu tenho todo um contexto porque eu sou extremamente preocupada, então de estudar conteúdo, ler conteúdo de me aprofundar naquele conteúdo, e eu gosto de preparar aula, então, eu preciso de muito tempo para preparar o visual na forma de apresentação para quem vai me assistir, na forma de apresentação e para metodologia que eu vou utilizar naquela aula.. Meu corpo vai no rumo. Vai assim no rumo. Me falta muito isso de descansar a cabeça, de descansar corpo, aliviar este stress do dia á dia, e isto eu não cuido em mim. E aí eu volto agora, na primeira pergunta que você me fez, será que eu tenho função de educar o aluno o que os pais deveriam dar, eu me estresso. Igual esta turma que a gente está dando aula são

Anexo B

60 alunos e ninguém ficam quieto para aplicar uma prova. Eu não tenho mais paciência para isso não, eu me estresso, porque eu acho assim que vem de casa, vem de berço. Desinteresse falta de atenção, quando chega mais para o final do curso você percebe o cansaço no rostinho deles estampado, mas o que mais eu percebo é mesmo desinteresse, falta de atenção sabe aquela postura mesmo que eu chamo de falta de educação mesmo. Algumas vezes eu chamo a atenção, outras vezes eu fico quieta e espero a turma ver o que está acontecendo entendeu. Olha, assim, às vezes com um sorriso para mim, eu já sei que eles estão entendendo o que eu estou falando, quando você conhece um pouco mais o aluno, você consegue conhecer a comunicação corporal dele o não verbal. Quando você não conhece bem ao aluno, você não tem intimidade, fica mais difícil, mas, mesmo assim você sabe quando o aluno está tirando sarro de você, ele está fazendo picuinha para você, querendo te estressar, tumultuar o ambiente. Então assim a própria comunicação não verbal do aluno mostra isto para você. Tranquilamente, eu sou do tipo da pessoa “o corpo fala,” tudo em mim fala, se eu estou brava, se fico chateada, tudo em mim, tudo fala. O meu corpo fala. Não sei te dizer se isto é importante ou não.

ENTREVISTA 3

Como é que eu me vejo como mulher e educadora de enfermagem? Bom, eu acho que enquanto mulher eu me vejo mãe, avó, esposa. E quanto ao lado profissional eu vejo que sou uma pessoa que tem uma trajetória de quase 40 anos dentro da enfermagem e que já viu uma transformação nas práticas da enfermagem, desde que a gente começou o curso de enfermagem até os dias atuais. No sentido assim de maior valorização da mulher na sociedade, assim como também como a mulher enquanto profissional de enfermagem. A gente vem de um modelo de sociedade de décadas atrás em que a mulher era mais submissa, eu desde o início quando fui para a enfermagem, já fui numa situação mais diferenciada, comparando com as minhas colegas de trabalho. Morava em uma cidade do interior e fui para capital, sendo a única das alunas que terminou o magistério que fez e terminou a faculdade. Por que, até então as mulheres, o máximo que elas faziam era fazer o magistério e dar aula no ensino fundamental, esta era a grande aspiração e arrumar marido. Mas eu não me apliquei neste modelo, e fui atrás de outros caminhos. Mas a escolha da enfermagem foi porque ainda traz uma característica de profissão feminina. Na época para mim foi uma questão mais por influência da família, e tinha uma pessoa da família que trabalhava na área da saúde e me falou da possibilidade de uma bolsa de estudo.

Eu acho que a mulher na sociedade ganhou um espaço muito grande, no mercado de trabalho temos uma presença maciça de mulheres, no mercado de trabalho e na área de saúde também a presença feminina, não só na enfermagem mais na área da saúde.. Eu venho de uma experiência, em que no início no HU nos éramos a única representante mulher numa comissão de 40 homens médicos. A única representante da enfermagem, mulher, ou seja, era uma representação feminina muito pequena. Hoje, você vê assim um colegiado em qualquer instância dentro da universidade, você não vai encontrar a presença maciça masculina, você vai encontrar senão igualdade mais ou menos um equitativo, mas eu acho que a

Anexo B

gente tem mais a presença feminina. Eu acho que a juventude hoje, os alunos que estão entrando na faculdade não têm um modelo de referência, é um modelo social mesmo de referência. O que eu percebo na enfermagem, até porque eu trabalho no módulo 1 de acolhimento dos alunos que estão chegando na universidade, que as alunas e os alunos também, pois hoje está aumentando o número de rapazes no curso de enfermagem. Eles ainda vêm com aquele ideal de servir na enfermagem, o ideal delas é muito bonito, só que ao longo do curso você percebe que este ideal não sei se ele morre, ou se ele é atropelado pela realidade. Quando eu falo de humanização para os alunos do 1º ano é muito tranquilo, que a enfermagem acolhe, que a enfermagem cuida, enfermagem vê o ser humano na sua integridade mas, quando eu trabalho lá no 4º ano na residência com os formandos e com os profissionais recém formados a gente já vê um outro questionamento em relação a dificuldade de se enfrentar o mercado de trabalho, a questão da não valorização de gênero certo e, então a gente começa a perceber estas dificuldades. Como eu utilizo o meu corpo enquanto docente e enquanto mulher? Primeiro eu acho que o corpo é a expressão daquilo que a gente é. Através do corpo você se mostra, mostra para o outro, o que você é. A comunicação, a questão da comunicação do corpo. O corpo mostra para o outro aquilo que você é ou muitas vezes aquilo que você fala que é mas você não é. Acho que isto é muito claro. E isso a gente sempre trabalha com os alunos, nós na verdade, a todo momento estamos em exposição e o outro está vendo em nós aquilo que realmente a gente é, não aquilo que a gente fala que é. O grande dilema é você ter uma coerência daquilo que você é na realidade com aquilo que você projeta para sociedade. Eu acho que o agir profissional, o fazer profissional tem que estar coerente com o ser você como pessoa. Então, é você ser você mesma, eu acho que a gente está em um momento hoje da própria evolução da sociedade em que isto é permitido, Na década atrás, colocaram uma barreira entre sua imagem pessoal e profissional. Hoje gente procura fazer com que a sua imagem pessoal enquanto pessoa e a imagem profissional seja a mesma. Então não é assim lá fora eu sou uma coisa, e aqui dentro sou outra. E, uma outra coisa que a gente tem que ser muito honesta na relação com o outro. E aí eu vejo muito esta questão do saber e não saber. Eu acho que principalmente quando a gente é recém-formado, ou no início da vida profissional você fica muito altiva no sentido assim eu tenho que ser, eu tenho que mostrar que eu tenho competência, eu tenho que demonstrar superioridade. Eu acho que não é por aí. Eu acho que, no início da vida profissional, a gente tem as limitações da gente, pela própria inexperiência. Mas que possamos reconhecer que é nossa primeira experiência, mas que temos oportunidade de crescer e acho que isso facilita até para quem vai para um concurso, uma entrevista. Passar isto para uma banca de concurso. Por exemplo, falar eu sei, eu sei, e na verdade não ter este conhecimento. Acho que isto é fundamental, aquilo que eu sei, eu sei, o que não sei vou me fundamentar e procurar dar o retorno. Uma outra coisa, importante na relação que eu acho entre professor- aluno, em relação ao corpo é o estar à disposição enquanto professor. É no momento, que eu estou com o aluno ou com o colega, eu estou inteiramente com ele. Então, o fato de eu estar com você neste momento, eu atender um telefonema, eu estar fazendo uma outra atividade, isso eu acho que não é uma utilização adequada do meu corpo. Quando eu estou em sala de aula eu não atendo celular, gosto que as pessoas entrem na hora certa. A aula é tempo do relacionamento do professor aluno, se tiver que sair comunica com antecedência, sai sem fazer grandes estardalhaços. Acho, que isso ainda é resquício do professor a moda antiga mas eu acho que a gente está perdendo um pouco disso, com a questão da liberdade. Às vezes o professor não estabelece limites. Então eu acho que o

Anexo B

corpo neste sentido é inter-relação interpessoal, eu acho isso importante. Eu acho que outro ponto importante sobre meu corpo é o olhar olho no olho. Então quando eu converso com funcionário, quando eu converso com aluno, principalmente quando eu trabalho com questões mais delicadas, além de eu estar me colocando inteiramente a disposição, trabalhando aquele aspecto mas, eu acho que o olho no olho é fundamental. E isso é uma coisa que sempre chamo a atenção. Acho que um ponto fundamental é a questão da aparência pessoal, acho que o professor até para ele ter o respeito enquanto professor ele tem que cuidar de sua aparência pessoal. E eu não tenho até pelo meu tempo de formação alguns hábitos que hoje até alguns dos meus colegas se permitem por exemplo sentar na mesa, enfim algumas atitudes que eu acho não são coerentes com o papel que está ocupando naquele momento. Lá fora é uma outra coisa, mas em sala de aula, eu gosto de adotar, por exemplo, chegar na hora certa, estar presente no momento certo, uma questão de respeito com o próximo e eu me sinto bem, eu me sinto bem agindo desta forma. O que eu observo na postura corporal dos alunos é que os jovens, eles tem hábitos de se vestir, modo de comportar dentro um ambiente social diferente, do meu caso por exemplo, meu caso eu já tenho km rodados. Hoje a gente percebe que hoje existe uma liberdade de comportamento dos jovens de forma geral, das jovens se a gente for pensar esta questão de gênero. e os as alunas de enfermagem não fogem a este modelo social que está vigente. Nós temos como características de estar dentro de uma área em que as quatro docentes têm o mesmo pensamento no sentido assim, de um certo limite, é em relação ao comportamento, modo de vestir, modo de se comportar mesmo em situações dentro um ambiente social. Temos intervenções, frente a isso, trabalhamos em um módulo inicial, um módulo de acolhimento e temos um momento que é uma tarde inteira que a gente tem para discutirmos as questões éticas e o código de ética dos alunos de enfermagem. Então a gente trabalha muito a questão da atitude, e não só do ponto de vista do código de ética, mas do comportamento pessoal mesmo. E no final, quando trabalhamos com o módulo do internato, nas discussões em médio grupo, e sempre que existe a oportunidade, nós discutimos esta questão do posicionamento, da apresentação pessoal, da corporeidade do profissional de enfermagem. O quanto isso possibilita o respeito por parte dos membros, por parte da equipe, o quanto o não estabelecer este limite faz com que o processo de trabalho não seja adequado. Nestas intervenções com os alunos não usamos este termo corporeidade, só temos este conhecimento através da literatura temos trabalhado mais em termos de aparência pessoal, atitudes pessoais, relacionamento interpessoal, a habilidade de comunicação, a comunicação não verbal, tudo isso influenciando o processo de trabalho. Bom, você tem duas questões aí, o que é verbalizado, o que você interpreta porque muitas vezes ele não verbaliza, mas você olhando o aluno você sabe a resposta que ele tem para aquela atitude da gente. Então, estes são os dois aspectos. O que o aluno verbalizam, na verdade a gente tem retornos alguns. Então se você se posicionar com o seu corpo de forma adequada você tem respeito, você tem um posicionamento profissional dentro da equipe. Muitas vezes você vê também por parte de alguns alunos quando você trabalha mais, de forma mais impositiva, mais diretiva, eles têm uma atitude de que isto não tem importância. E hoje a coisa está diferente, muitas vezes falaram são os professores que ainda estão no passado e isto é uma coisa que se sabe, que se percebe e isto não é só no sentido de aluno-professor, mas no sentido mãe e filha, muitas vezes os filhos falam mas mãe isto não é mais assim, mas a gente acha que ainda é importante. É mais eu acho assim aquilo que você é, aquilo que você acredita dificilmente você modifica, então eu tenho o meu jeito de ser, eu trabalho como corpo

Anexo B

da forma como eu aprendi, considerando o que eu sou realmente, do meu DNA, minhas origens culturais porque eu acho que a cultura é uma coisa importante. Eu já tive épocas que eu entrei em dilema comigo mesma porque assim, como descendente de cultura oriental, mas sem ter uma convivência na cultura oriental propriamente dita, então, eu me sinto assim, eu não sou nem oriental, nem ocidental. Eu sou um misto dos dois, e, muitas vezes isto me traz um dilema com relação ao meu comportamento porque perante o grupo ocidental eu gostaria de ser e trabalhar com meu corpo de forma diferente. Percebo que trabalho com o meu corpo de uma forma mais reservada, não digo submissa, mas mais em silêncio. Ao passo que quando eu vou para a cultura oriental eu sou diferente, porque as pessoas da cultura oriental da minha faixa etária tem um modo de pensar e agir diferente. Estou falando, agora enquanto pessoa, enquanto pessoa. Sempre acredito que na experiência que tenho com os alunos, que eu trago na experiência profissional o que eu vivo na educação dos filhos, aquilo que você acredita que é certo você tem que falar mesmo que você não tenha a receptividade do outro naquele momento. Agora eu acho que você tem que falar numa linguagem mais mansa, numa linguagem mais acolhedora. Não em uma linguagem de coerção, de imposição, de obrigatoriedade, porque nisso você cria no outro uma rejeição total, então eu sou ainda daquele ditado que diz “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. então a gente sempre tem que persistir e a gente tem alguns retornos depois. Depois de muito tempo, depois de formados eles falam: ah aquilo que você falava lá atrás a gente não valorizava, mas olha era verdade mesmo. Acho que um retorno que você tem de um profissional que você ajudou a formar e ele te dá este retorno acho que você está lançando a semente.

ENTREVISTA 4

Com o corpo em que sentido você fala físico? Emocional? Nem comparando com Florence nem com Anna Néri..(risos). Como mulher? Às vezes, eu tenho sentido é acho que é próprio da nossa área meio como mãe, porque são alunos do 1º e 2º ano. Então a gente acaba fazendo muito o papel de mãe e como enfermeira a gente ensina por ser próprio da disciplina a gente tem que ser muito paciente, muito calma, pegar na mãozinha, tem alunos que emocionalmente vêm muito sensível. Não sabe o que quer do curso, está fora de casa, chora, e eu me sinto muito mais como mãe, uma mãe que ensina enfermagem. É difícil! Porque a gente queria é dar uma segurança maior, um conforto melhor para o aluno, mas por outro lado tem esta questão do ensino também, porque a gente acaba sendo esta mãezona. Mas a gente tem que pensar que a gente, também é educadora e a gente tem também tem de exigir algumas coisas, e as vezes não é fácil. E eu sou muito sentimental mesmo e então eu acabo perdendo algumas coisas. Não exigindo o que eu deveria exigir principalmente por causa desta fraqueza, desta sensibilidade que o aluno está mostrando, desta imaturidade inicial que ele tem. Como utilizo o meu corpo? Como assim? Estou pensando.. procurando uma melhor resposta... Olha, fisicamente é aquele negócio que a gente tem as nossas habilidades técnicas que você utiliza e ensina, habilidades psicomotoras. Na parte emocional, é aquilo que eu falei para você, a gente tenta ajudar o aluno o máximo que a gente pode no sentido de encaminhar este aluno a ser um bom profissional. Fazer compreender este papel de ter muita paciência de mãe. Ah.. será que eu estou sendo muito repetitiva? Você não

Anexo B

pode me dar uma dica, não sei se estou te ajudando...repete a pergunta..É coisa bem pessoal .Você ta me pegando numa fase da minha vida que eu estou meio para baixo.A gente vai empurrando as coisas meio do jeito que está claro que eu gostaria de estar melhor, de ser mais dinâmica, conseguir fazer com que o aluno se envolva mais.Levar o aluno compreender o espírito da enfermagem mostrar as coisas boas da enfermagem, porque muitas pessoas só falam coisas ruins , negativas.Eu conseguiria,eu gostaria de pode fazer muito mais, até no meu jeito de ser, nas minhas atitudes, mas é aquilo que eu falei para você a gente está numa fase que o que vier veio.De ser uma pessoa mais alegre, dinâmica. A questão com o ensino da enfermagem, então, o que eu percebo é que agora nesta fase a gente acaba ensinando mais o essencial aquilo que tem de ensinar mesmo. Mais um envolvimento muito maior que a gente gostaria de dar e passar ara ao aluno ainda não estou conseguindo não, por causa do meu momento de vida é as coisas negativas da profissão, problemas de trabalho, as condições que nós temos aqui tanto no departamento como no hospital, às vezes a gente vê que as coisas não mudam. Ficam patinando nos mesmos problemas e a gente acaba ficando meio desanimada.Este desanimo que eu gostaria de não passar para os alunos, porque isto acaba virando uma roda viva mesmo.Mas, mesmo assim, a gente tenta sempre discutir a parte boa , a parte positiva, porque quando o aluno vem ele e começa á ver muita coisa negativa, principalmente, em estágio que as coisas acontecem..Pelo menos isto é uma coisa que a gente tem procurado discutir e ver o lado bom e não ficar fortalecendo muito o negativo da enfermagem.Quando eu comecei aqui, eu já dava aula , mas dar aula no ensino superior gerou muita insegurança, muito medo, ansiedade. Uma sensação meio de impotência, os alunos daqui tinham um outro perfil, um outro olhar diferente dos alunos que a gente acompanhava que eram auxiliares de enfermagem . Então, a sensação que eu tinha era que os alunos que tinham certa autoridade sobre mim, e não eu sobre eles, eu não conseguia me posicionar de ter uma postura de professor, não de autoritarismo, mas uma autoridade boa no sentido de educador mesmo. Então a gente não tinha esta segurança, esta firmeza mas hoje é diferente a gente já tem mais este domínio este traquejo, o conhecimento.O aprendizado que eu tive, quando eu comecei aqui parece, que eu não sabia nada, mas devagar a gente foi aprendendo mesmo,como se posicionar , como liderar, como coordenar então isso foi um aprendizado de ano a ano e hoje eu vejo assim é muito mais fácil eu coordenar um módulo do que quando eu cheguei a 10 anos atrás. Foi o aprendizado destes anos que me deixaram mais segura, é fazendo.Quando você fala em corpo, parece que a gente só pensa na parte física, não sei, não é isso que devo pensar, como a gente está inserida na enfermagem a gente só pensa muito na parte física, mas não devo pensar assim. o corpo não é só isso o ..corpo é mente, o corpo é alma , o corpo é espírito,é o físico,é tudo! Deixa eu ver o que eu fiz hoje.Se você for me perguntar na parte da espiritualidade com certeza eu me preparo.Eu oro , rezo e peço para Jesus me iluminar para que eu consiga desenvolver um bom estágio com meus alunos, porque a gente cria um pouco de ansiedade, mesmo você tendo 15/20 anos de docência você começa um estágio em uma nova turma, e no dia á dia você tem um pouco de ansiedade você não sabe o que vai acontecer lá,se terá alguma intercorrência, algum problema com aluno, alguma coisa que você não vai conseguir resolver, então você acaba rezando e pedindo para Deus te abençoar para que nada de ruim aconteça.Isto então já faz parte da minha vida, não sei se é hábito, mas eu faço isto.Olha eu procuro também ser sempre simpática e diplomática, sempre procuro tratar bem, não fazer diferença, estabelecer empatia, acho que isto é muito

Anexo B

importante, procuro sempre ser agradável e sorridente e tratar todo mundo sempre igual procuro não ser carrancuda e chata. Ah.. dos alunos, dos outros é mais fácil falar (risos). Se a gente for comparar alunos de muito anos atrás com os de hoje, realmente em termos de atitudes ,eles não tem um respeito com o professor coisas que antigamente a postura era bem diferente. Em termos de comportamento de não saber quais são as regras as normas. Tem aluno que come dentro da sala que fica se pintando, que fica no celular.Tem aluno que faz pouco caso de professor, em termos assim de postura a gente percebe que é uma postura muito ruim.Como eu lhe lido com isso? A gente infelizmente acaba sendo um pouquinho general, acaba chamando atenção, procura orientar os alunos em termos de postura corporal, em trabalhar com eles, tentando mudar o comportamento mesmo. Muitas coisas a gente não consegue, pois alunos de 1º e 2º ano são muito imaturos mesmo, difícil de lidar. A gente vê que muitas coisas eles adquirem ao longo dos tempos no curso. Mas. a gente procura trabalhar mostrando que éticamente em termos de postura profissional aquilo não é uma postura adequada.Olha, eu acho que é o negócio, é quando chega no final dos módulos ou nos outros anos que a gente acaba estabelecendo um laço de amizade com o aluno, forma-se um vínculo que você foi um professor, um educador que deixou uma marca. Os alunos te procuram nos outros anos, se relacionam bem, te cumprimentam nos corredores, conversam , então, a gente percebe que não se fez um trabalho totalmente inadequado porque você acabou estabelecendo um vínculo, um relacionamento com a turma com os alunos.

Ficam mais coisas positivas, não sei se é porque eu sou uma pessoa tranqüila, não arrumo confusão com ninguém então não ficam coisas negativas, mais coisas boas sempre estabelecendo um vinculo um bom relacionamento de amizade,quando eles tem atitudes negativas chamo atenção sem agredir, sem deixar marcar no aluno. A gente lembra na época de graduação, professores que me chamaram a atenção daquele jeito. Eu procura nunca chamar a atenção no estágio na frente de todo mundo, nem na frente do paciente, só se for alguma coisa assim que põe o paciente em risco, que cause alguma injúria no paciente. Mas, do contrário é sempre isolado professor-aluno, para não causar nenhum constrangimento, para o aluno ter a oportunidade de se expressar também. Não sei se te ajudei, mas é difícil falar e pensar em corpo, não sei se é porque na enfermagem a gente valoriza muito a parte técnica, quando se pensa em corpo, vem primeiro na mente a parte física, mesmo.

ENTREVISTA 5

Como eu me vejo como mulher e como educadora de enfermagem... e a intersecção que isso tem ou não? Posso falar o que eu quiser? Como eu me vejo como mulher... Esse é um lado muito forte pra mim, a questão de ser mulher, eu acho que ser mulher para mim passou por uma evolução dentro da minha história. Começou com um papel muito estigmatizado, uma coisa muito herdada da minha mãe. Uma imagem daquilo que eu achava que tinha que ser como mulher... como mulher aí no sentido de esposa, amante, mãe. Nesse sentido tinha uma dualidade muito grande prá mim, logo na minha juventude, na minha época de profissão, no início do meu casamento por exemplo, existiam duas mulheres aqui dentro, uma

Anexo B

profissional e uma que era mulher esposa, e dentro do contexto que eu vivia esse mulher e esposa era o ser submissa, que agia em complementaridade. A mulher profissional tinha que ser um avião, tinha que saber de tudo, tinha que liderar sessenta e quatro pessoas, tinha que enfrentar batalhas, tinha que ir atrás do seu próprio conhecimento, tinha que superar as suas deficiências, e quando ela saía do aspecto profissional. Ela se despia desse ser profissional multifatorial, multicapacitado, para ser um ser submisso, e através da minha história isso foi se esclarecendo, se diluindo pra mim, e eu acho que isso afetou também, minha questão como pessoa. Nesse caminho eu descobri a sexualidade, que veio muito tarde para mim, eu já tinha três filhos. Eu acho que a compreensão de que eu não sou uma pessoa unifatorial que existem aspectos emocionais, e que o corpo é uma coisa muito importante, e que eu não sabia que era. Você tá me perguntando sobre a mulher docente. O corpo como docente, eu na verdade nunca havia pensado a respeito disso. Eu acho, que como docente, talvez para mim, a questão de corpo venha, passe por uma questão assim de postura, de como eu me coloco diante das pessoas, diante dos alunos, como minha postura interfere na aceitação do que eu estou falando, do impacto que eu causo para as pessoas, para os alunos, a postura que eu tenho na minha área de trabalho. A postura do corpo interfere com a aceitação, com o respeito. Eu não sei se é isso que você está me perguntando. Eu não sei, eu acho assim que a questão do corpo relacionado ao ensino, com relação à profissão, ele agia sempre como uma coisa assim, eu sempre fui bastante desinibida para falar, para me posicionar perante as pessoas. Isso eu aprendi com o meu pai, eu sempre fui muito estimulada a verbalizar as coisas e tudo mais. Na época quando eu comecei a dar aula, eu acho que ainda havia muito desse dualismo, da profissional e da mulher. Então na hora de eu me colocar, de eu falar com os alunos, era como assim, eu to vestindo minha capa profissional, eu estou representando um papel aqui, e eu vou representar esse papel, era como se fosse um papel que eu tivesse representando, mesmo. Eu acho que hoje a questão do corpo, e eu não sei se eu estou entrando nas questões que você gostaria que eu tivesse entrando, porque eu acho que, na verdade é uma coisa que a gente não para refletir muito mesmo, como é que essa questão do meu corpo enquanto docente. Eu acho que hoje eu sou uma pessoa muito mais integral do que eu era no começo da minha carreira, no sentido na minha história de vida, a minha história de vida com relação ao corpo, a descoberta da sexualidade, a compreensão de que eu sou um ser pensante com desejos, com necessidades que não são só de prover, não são só de dar, mas também de receber, a questão assim, relacionado a profissão. Um distanciamento da postura de submissão, que era muito mais forte no início da profissão, aquela questão do respeito excessivo pela figura do médico, essa questão toda. Eu acho que isso fez parte da minha história. As lutas, as decepções, as brigas, o me conhecer um pouco mais, o ter que lutar sozinha, o ter que batalhar sozinha, o ter que sustentar os meus filhos sozinha, o ter que lutar em várias frentes ao mesmo tempo, o desenvolvimento profissional, trabalhar pra sustentar a casa, cuidar do aspecto emocional dos filhos, então acho que essas coisas todas fizeram parte. Especificamente em relação ao ensino? Eu acho que o pensamento que me vem à cabeça em relação ao corpo é a questão de como as pessoas, como os alunos tão me vendo, que a vestimenta esteja relativamente adequada. Eu acho que, para mim, vai de volta a questão, a aula e o meu corpo, está relacionada à postura, como eu me posiciono na sala. Eu fico muito atenta à postura dos alunos também, como eles reagem àquilo que eu estou falando. Eu fico atenta à movimentação na sala de aula, a buscar aquele aluno que está um pouco desatento. Eu percebo

Anexo B

quando alguma atitude que eu tenho desperta o interesse neles, ou não, ou quando aquilo gera dúvida então eu uso gestos, eu uso um tom de voz mais alto ou mais baixo pra suscitar alguma coisa..Olha, eu observo inúmeras coisas, eu estou muito atenta à questão do não verbal, me incomoda sobremaneira a atitude subserviente, a atitude de desinteresse, a atitude passiva, então isso é uma coisa que chega a me irritar, então eu cutuco muito o aluno quando eu percebo isso.Eu faço pergunta, eu instigo, eu coloco uma solução para o problema, eu faço eles se posicionarem, eu peço que levante da cadeira, eu enceno, faço um teatro, eu tento mexer com as questões de desejo de vida, de plano de vida, de anseio. Procuro usar o humor muito, bastante em sala de aula, para que eles relaxem um pouco e possam interagir também. No estágio uma coisa que eu bato muito com eles é a questão da postura quando têm outros profissionais, falando de novo contra essa atitude de subserviência, é eu tenho batido muito com eles a questão de você desenvolver a competência e a postura, que uma coisa não vem sem a outra, certo?Eu vestia uma capa acho, no começo, porque existia essa dualidade do ser submisso e o ser profissional, existia sim essa dualidade. Hoje, eu acho que isso é uma coisa que está natural para mim, que essa é uma coisa que eu realmente acredito, eu acho que eu consigo ser muito mais verdadeira, mais espontânea . Eu não sinto necessidade de estar me posicionando, falando coisas para os alunos que eu não acredite..Eu acho que eu volto atrás na questão da história de vida. Foram as lutas, o estudo também a chance de ir pra outro país, de ver uma enfermagem que atuava de uma maneira mais instigante, mais independente, e isso mexeu muito comigo. Eu acho que uma coisa que foi muito dolorosa, mas que foi muito positiva pra mim foi a mudança do currículo, que tirou os meus tapetes, que me fez repensar o que era ensinar, o que era aprender, que me devolveu pro banco de sala de aula , para voltar a estudar coisas que eu não sabia, que me fez sentar numa roda pequena com alunos e que os alunos começavam a questionar e a participar, e eu gostei disso, eu gostei do produto disso, eu achei que o produto foi bom.Eu acho que vem também das reflexões que eu venho fazendo ao longo do mestrado, do doutorado, sobre o futuro da enfermagem sabe.Eu acho que a gente mudou muito nos últimos vinte anos, eu acho que existe um potencial fantástico de mudança nos próximos vinte, e eu acho que a postura vai fazer essa diferença, é isso. Quando você levanta e fala num tom incisivo, olhando nos olhos deles, quando você faz perguntas diretas, quando você anda de uma forma segura, você percebe a reação deles. Você percebe a reação no olho, de atenção, de sentar na cadeira de um jeito diferente, do medo de eu perguntar alguma coisa, do alívio de responder alguma coisa, é do alívio de saber que eu quero que ele fale de qualquer jeito. Às vezes a resposta de alguns que vêm depois da aula falar uma coisa, sabe, eu tava precisando ouvir, nossa, isso foi bom, isso foi importante. Eu acho que isso não é com todo mundo, existe sempre. a gente está sempre dentro de uma curva modal. Uma curva de normalidade. E quando é diferente a reação do aluno eu me frustro imensamente, eu tenho vontade de pedir para ele levantar e ir fazer jornalismo, moda, qualquer coisa, é verdade. Eu acho que isso é um erro meu inclusive, e é uma coisa que eu preciso trabalhar comigo, que é a questão de que existem pessoas de diversos tipos, de diversas maneiras, cada um tem um tipo de reação, às vezes o aluno é passivo, e ele não vai ter um tipo de atividade diferente, mas eu não vou negar para você que eu tenho tido a intenção objetiva, intencional mesmo, de provocar esses alunos a terem uma reação. Mas eu não sei se eu respondi o que você queria. Deixa eu falar só mais uma coisinha, quando eu comecei, como eu me senti com relação ao meu corpo. É aquilo que eu te falei. Existia aquela dualidade com relação ao meu corpo, na época era muito

Anexo B

insegura. A minha inserção diante das pessoas, eu me sentia tímida diante de pessoas que eu não conhecia, quando eu entrava na sala de aula, eu vestia o ser profissional e ia bem. O negócio do corpo era no íntimo, nas relações interpessoais que eu era extremamente insegura. É a questão de toda da mulher, de não se achar atraente, essa coisa toda daquela época. Hoje eu me acho linda maravilhosa. Eu acho que eu atribuo um significado extremamente interessante, porque eu acho que o meu corpo é um corpo de mulher, eu acho que minha área de docência é a enfermagem, e não tem como você dissociar a imagem da mulher, da história e do cuidado. Então eu acho que eu me sinto, não sei como eu me sentiria enfermeiro homem, porque eu não sou homem. Bom, o que mudou de lá pra cá, em relação ao meu corpo como um total é a questão por exemplo do exercitar, que não existia no começo da minha profissão, o exercício físico, porque eu era muito insegura com relação ao meu corpo, eu nunca joguei. Nos jogos de equipe eu sempre era a mais estabana, a que sempre perdia a bola, então eu era muito tímida em relação aquilo que o corpo podia fazer. No meio desse trajeto, eu descobri algumas coisas individuais que eu podia fazer com o meu corpo, como bicicleta, como caminhada, como ginástica, que me deu mais prazer com relação a manter o meu corpo de uma forma mais saudável. Eu acho que tem haver com a auto-estima, e a auto-estima tem haver com o ensino da enfermagem, porque nós sofremos de uma baixa auto-estima de uma forma geral, a profissão de enfermagem sofre com isso. Então, à medida que você tem profissionais que lidam melhor com a gente mesmo, com o corpo, com se aceitar, e ser segura dentro da casca que você tem isso reflete sem sombra de dúvida na sua ação profissional, e reflete na forma como você leciona, como você ensina, como você tenta ajudar os alunos. Por exemplo, eu estava na sala de emergência com os alunos atendendo um paciente e entrou um docente com um bando de residentes da medicina. As alunas deram três passos pra trás e se grudaram na parede. Isso passa por uma coisa que se chama baixa autoestima. Começa do interior, começa depois na época de estudante, e depois no aspecto profissional. Então eu acho que tem haver sim, você se sentir segura enquanto pessoa, reflete em como você é segura como professor, reflete em como você é segura como profissional. Eu chamei eles para perto, na hora, eu peguei os exames da mão do docente, eu discuti os exames com eles, eu solicitei que elas dessem informação sobre o paciente, exigi que elas continuassem atuando na coisa, e depois que eles saíram eu fiz uma reflexão com elas, sobre o que elas queriam no futuro delas. Se eles tinham competência porque que não tinham postura. E sem postura você não consegue interferir no bem-estar nem do paciente nem de uma população. Foi como eu lidei com isso, eu acho que foi por todas essas coisas que eu te falei que eu passei, por vislumbrar que existem enfermeiros que tem uma atuação que realmente pode ser mais eficaz, ter uma alta autoestima por ter desenvolvido competência e postura, por ousarem, entendeu? Eu acho que nós somos um bando de gente tímida, que não põe a cara pra bater, não põe o pescoço na guilhotina, mas existem pessoas que não são assim, e eu acho que eu tenho nos últimos anos me espelhado em algumas pessoas e buscado esse referencial. Eu falo sempre para os alunos, vocês olham a sua volta e parece que está tudo um caos, mas vamos olhar para as pessoas que conseguiram furar esse caos, conseguiram vislumbrar outro tipo de atitude. Uma das coisas que eu tenho instigado eles a fazerem é dar um passo a frente. Eu faço um jogo com eles. Eu pego uma nota de vinte reais e pergunto assim: quem quer estes vinte reais? Eu quero, eu quero! Eu continuo a perguntar: quem quer? E aí eu vou gritando na sala: quem quer? Até que um danado se toca que ele tem que levantar e ir lá pegar o dinheiro. E aí eu falo pra eles: vocês

Anexo B

percebem a diferença entre querer alguma coisa e fazer alguma coisa pra alcançar aquilo que você quer? Eu acho que essa atitude de proativo é que eu acho que é importante.

ENTREVISTA 6

Como mulher, eu me sinto realizada em ser educadora de enfermagem. Eu acho que no processo, desde a formação até a definição profissional eu vejo assim que hoje eu estou muito mais realizada, porque eu ensino aquilo que eu gosto de fazer que é a assistência. Eu me identifico muito ensinando. Agora com relação à educadora assim, mulher e educadora, se pensar num contexto de que a gente vivencia vários papéis, é muito estressante. Os papéis, assim, mãe, mulher, dona-de-casa, enfermeira, trabalhar com um grupo de enfermeiras eu acho muito difícil. Porque a maioria, eles são muito duros com as decisões, eu vejo assim, no departamento em si, por uma questão simples que pode ser resolvida com mais praticidade, se torna filosófico. Assim, prolonga-se o sofrimento com relação a decidir algumas questões de grupo, e eu acho que isso estressa muito. Você chega em casa acabada, sem energia nenhuma, mas como qualquer mulher, infelizmente você tem que tirar energia porque você tem outra jornada, que no meu caso eu tenho filho pequeno, tenho que dar conta dos problemas deles, assim, tentar desligar desse momento duro do processo de trabalho.

É porque igual, hoje, meus dois filhos têm problema de transtorno de aprendizagem. Eu tenho que dar conta da fono, da psicóloga, para poder estar vindo trabalhar. Enquanto eles ficam no atendimento, e eu fico corrigindo tcc, monografia, e lendo os artigos do meu doutorado, porque eu tenho duas horas quando os dois estão em consulta, e ao mesmo tempo eu tenho que estar no departamento, então eu tô desenvolvendo atividade. Então eu me concentro nessas horas prá estar corrigindo os trabalhos, então assim ao mesmo tempo em que eu estou me dedicando aos filhos eu tenho um processo de trabalho para dar conta. Eu ultimamente, eu acertei um tratamento pra diminuir a ansiedade, porque senão eu fico muito ansiosa. Por exemplo, se eu tenho atividade e tenho que estar tal horário no estágio, em sala de aula. Na noite anterior eu já me programo com tudo que eu tenho que levar, com o relógio, calculo o tempo, para poder ter um horário certo para desenvolver minha atividade. Então assim, eu sou muito ansiosa, e para equilibrar isso eu tomo floral, e teve uma época da minha vida que eu fiz muita terapia, e eu acho que isso ajudou muito, porque quando eu me vejo muito ansiosa, muito estressada, eu começo a pensar no que a psicoterapeuta falou: pensa, para, respira fundo. Eu tento fazer um auto-exercício e assim, ao mesmo tempo, uma coisa que ajuda e me dá energia é praticar esporte. Seis e meia da manhã eu estou na academia todo dia. Musculação, esteira, porque nesse ano passado, eu descobri que eu tinha triglicérides alto, colesterol alto, e que eu tinha que fazer alguma atividade, que eu já fazia, mas não era suficiente para dar conta de equilibrar, mas tudo isso eram os fatores estressantes do cotidiano. O doutorado tem que fazer, dar conta das atividades... Geralmente, eu acho que é uma característica também dessa dureza do ser enfermeiro, é ser perfeccionista. Eu acho que se a gente observar a maioria dos colegas todos são assim. Talvez isso torne o processo de trabalho mais difícil.

Anexo B

Perfeccionismo faz com que o stress aumente . O cansaço físico e mental é muito grande. E tudo isso, além de ter estratégia pra aliviar o stress e o desgaste, eu faço o uso de floral. Quando eu percebo que eu não vou dar conta, só com floral, aí eu volto, faço a consulta médica, ele já sabe que eu estou voltando porque não estou agüentando, e a gente revê a estratégia de tratamento. Mas assim, eu não vejo a hora de me equilibrar, porque tudo é uma obrigação. Doutorado é obrigado porque a universidade a gente está aqui, é docente, precisa por conta da condição financeira que é uma das piores dentro de uma universidade. É muito instável, você cuidar. E você ensinar o cuidado também é muito instável, e você educar pessoas para assumir essa responsabilidade é muito complicado. Eu acho que é muito difícil, e a gente sempre está pensando com essa mudança curricular em que o aluno realmente consiga dar conta de várias coisas, muito abrangente. Só que em contrapartida o nosso conhecimento foi extremamente exigido, muito maior do que era antes. Antes eu tinha que dar conta daquilo em sala de aula, só que agora a mudança curricular fala assim: não, não é só sala de aula que você tem que dar conta, você tem que correlacionar a fisiologia com a anatomia, e fazer com que o aluno entenda tudo isso lá no campo de prática, para que ele também tenha esse raciocínio. Eu não sinto tanta dificuldade porque eu sempre gostei muito de estudar, então eu tenho facilidade em fazer esses raciocínios e tal. Mas a gente trabalha com muita subjetividade, e essa subjetividade é muito complexa. Eu tenho seis alunos no campo de estágio porque em sala de aula eu dou o conteúdo e tento aproximar o máximo possível da realidade, mas no campo de estágio eu tenho seis alunos. Cada um é um indivíduo, mas eu tenho que atingir objetivos em comum, o mínimo de conhecimento sobre aquilo. Mas eu atendo crianças, que cada criança tem uma subjetividade, e cada um assume uma criança. E cada criança tem uma mãe, e cada mãe tem sua subjetividade. E aí você tem que ter um estado emocional equilibrado pra dar conta de tudo isso, além de trabalhar as vaidades do serviço. É um funcionário que de repente não gosta que o aluno cuide de um paciente que ele assumiu, ou ele larga de vez, e mais a estrutura do próprio hospital que a gente tem uma estrutura diferenciada. É um enfermeiro que não é muito assistencial e às vezes, você vê isso e você quer dar conta de resolver a assistência para melhorar a assistência da criança e que ela receba alta o quanto antes, porque o teu conhecimento permite isso .Olha, no começo eu ficava muito tensa. Hoje eu me sinto assim mais amadurecida. Bom, primeiro que eu não tive nenhuma capacitação para ser docente. Eu fazia treinamento das equipes no hospital onde eu trabalhava, fazia curso de aperfeiçoamento, trabalhava junto com a educação continuada do serviço, mas isso era bem mais restrito. Depois que eu entrei em sala de aula parece que eu fiquei mais tensa, porque assim, medo de falar alguma coisa errada, eu tentava sempre me preparar hiper bem, só que assim, lidar, quando eu comecei era uma sala de sessenta alunos, então assim, lidar com sessenta alunos numa sala de aula, eu me sentia assim muito tensa porque era muita conversa, ou mesmo assim parece que eu não atingia os objetivos, que eu não ia conseguir, que era muita gente para você poder se expressar e falar.Eu tentava puxar mais para o contexto do conteúdo que eu dava, hoje é diferente. A minha postura na sala mudou porque com o amadurecimento hoje eu converso, brinco, vejo que se a turma não está dando conta, se estão cansados, eu paro, eu consigo enxergar os limites da turma, e adequar com as necessidades com relação a eles terem que dar conta do conteúdo mínimo. Eu antes não conseguia enxergar isso. Eu achava que assim, tinha que todo mundo ficar quieto, entender, pronto, acabou. E eu acho que com os anos esse amadurecimento, essa postura em sala de aula foi mudando porque as turmas são diferentes, aí a

Anexo B

gente começa a enxergar as necessidades deles, aquilo que realmente cativa mais para prestar atenção, então eu acho que ao longo do tempo aquele conteúdo que, mesmo que continue sendo essencial, eu consigo dar de uma forma mais tranqüila, muito mais sem tanta exigência, mas fazer com que ele incorpore a responsabilidade do aprendizado. E lembrar também que numa sala de aula a gente não vai dar conta de nenhum grande aprendizado, porque o aprendizado também depende do aluno. E aí ele só vai reforçar isso lá com o professor. Se ele não conseguir isso com o professor no campo, ele vai ter que se virar na vida profissional. Aí calha aquilo que a gente passou também. Olha, a gente não prestou bem atenção no que o professor deu quando a gente estudou, aí quando se deparou no serviço teve que se virar. Aí lembrou: ah se eu pudesse, se eu tivesse prestado atenção teria sido melhor. Eu acho assim, que a postura colabora muito na forma como você se apresenta para lidar com as individualidades de cada um, decidir questões que precisam da coletividade, da participação, levando em consideração a individualidade, e nisso eu acho que se tenho uma postura que eles sabem que eu vou entender, mas que também precisam colaborar com relação ao que compete a eles terem que alcançar, eu acho que isso dá credibilidade. Eu considero muito importante minha postura em sala de aula, minha postura no campo de estágio, a minha postura como professor é uma forma de mostrar pra ele que isso é importante pra determinada responsabilidade, porque conforme a gente olha ou se comporta frente às situações, isso além da credibilidade faz com que eu consiga demonstrar e dê conta da resolutividade porque numa situação na unidade, lá na assistência ou na gerência ou o que for, se eu não manter uma postura adequada eu vou conseqüentemente ter maiores problemas pra resolver, e geralmente o maior prejudicado em tudo isso é o paciente. A gente está aqui realmente para dar condição para o paciente, e que resolva os problemas que eles estão ali, e depois eles estão em uma situação muito pior que a nossa, que é a doença. Eu acho que nesse sentido, eu me vejo assim, que a postura é uma questão que demonstra responsabilidade, demonstra conhecimento, só que para manter essa postura eu realmente preciso buscar conhecimento, atualizar conhecimento, estar realmente mostrando para o aluno que o conhecimento na área da saúde é importante para conseguir uma relação horizontal com os pacientes, com a equipe, então essa questão da credibilidade, responsabilidade, conhecimento, faz com que eu consiga trabalhar melhor em qualquer local que eu vá exercer a minha profissão, então é mais nesse sentido. Eu acho o ser docente e o processo de amadurecimento e, claro, envelhecimento, faz com que a gente execute algumas atitudes para melhorar por conta da própria saúde e, assim, com o tempo, com esse processo de envelhecimento, nem sei se é envelhecimento, eu considero mais amadurecimento, mas é envelhecimento, a gente vê que a gente tem um desgaste muito grande. Mas eu penso que se eu tivesse trabalhando fora da docência, talvez eu poderia não estar passando por esse processo, mas eu vejo assim, por esse grande stress, por esse excesso de cobrança por eu ser professor eu tive que usar algumas estratégias para aliviar. Foi o que eu disse lá no começo. Antes eu fazia só capoeira, agora eu preciso ir pra academia porque meus exames laboratoriais estão todos alterados, inclusive a glicemia, mas assim, quando você vê isso você diz puxa vida, eu tenho que me cuidar mais, porque eu fico cuidando dos outros, cuidando da individualidade de todos os alunos, cuidando da individualidade dos filhos, do marido, da casa, e eu? Daqui a pouco eu vou pifar. Então, eu preciso elaborar estratégias para aliviar tensão, uma delas é ir pra academia, mesmo que eu não goste, mas, assim, é uma necessidade. E pensar que eu preciso me controlar com relação a minha ansiedade, porque eu não posso

Anexo B

viver o resto da minha vida dependendo de floral. Então eu vejo que eu tenho algumas metas ao longo do decorrer da minha vida acadêmica: organizar meu processo de trabalhar para diminuir tanta atividade, doutorado, trabalho, monografia, tcc, residente, etc, etc, etc, porque para ser docente uma coisa se transforma em cinco, é impressionante. Uma discussão você tem que participar de mais umas três reuniões pra fazer a mesma discussão, então tudo é o dobro, é o triplo, então de repente questões que eu possa diminuir o desgaste, na elaboração por exemplo de tcc, eu vou orientar dois alunos, então já está pronto o modelinho para que ele siga, para que eu não precise ficar corrigindo o mesmo tcc três, quatro, cinco vezes, antes de encaminhar para o comitê, é um exemplo. Então eu acho que essa organização, esse planejamento, faz com que eu vou diminuir a quantidade, o volume de trabalho que a gente tem. Porque ao final, você tem que mostrar para universidade xis produção, só que pra você alcançar xis produção tem que ter qualidade, e para ter qualidade você tem que começar muito antes, eu acho que é mais nesse sentido. Eu acho que ao passar dos anos a gente tem um mix maior, ou, quer dizer, sempre teve esse mix, mas ele nunca esteve tão claro para gente. Começando, muito aluno que parece estar desinteressado, ou ele entra para universidade sem saber o que é enfermagem, e quando se depara com isso ele fica decepcionado. E aí ele começa a ficar depressivo, e a gente tem que lidar com estas questões, com as frustrações, depressões, a gente vê aluno usuário de álcool, uma grande quantidade, eles deixam de estudar. Eu acho que começa desde o momento que é familiar isso. Eu acho que tem historias de alunos que o pai obrigou fazer o curso porque é aquele que ele tem que fazer. Então eu acho que começa desde o meio familiar. Ele já vem com isso e acaba desencadeando na universidade, porque a maioria é de fora. E aí chega aqui, tem que lidar com a cidade nova, afazeres que nunca fizeram em casa e vão ter que se virar aqui porque estão morando sozinhos, e isso para eles eu sinto que é um impacto muito grande. Chega na universidade e a gente fica cobrando todo o tempo, das responsabilidades mínimas que ele tem para ser enfermeiro, alguns eu vejo que são muito desinteressados. Eu acho, assim, primeiro sempre tentar identificar porque, às vezes alguns a gente consegue identificar, outros a gente não dá conta. Mas se eu vejo alguma alteração de comportamento, de atitude, sempre senta e conversa primeiro pra tentar ver se ele está a fim de falar. Se ele coloca algum item que de repente eu vejo que pode ser um problema para ele individual, e até para o desempenho dele nas atividades, eu encaminho eu encaminho porque eles fazem a triagem para ser acompanhado, porque tem psicólogo, tem psiquiatra, serviço social, para que assim, o que a gente pode fazer para que ele retome o compromisso dele frente ao curso, porque se ele não estiver bem ele não vai dar conta, ou ele vai mostrar pra gente que dá conta, mas no fundo ele não dá conta. Agora conseguir olhar isso, a gente tem que estar muito sensibilizado, porque a gente não tem estrutura mental, física, para dar conta de 60 alunos. Geralmente é aquele que está mais próximo, quem que está mais próximo? Aqueles seis alunos que eu acompanho no estágio. Mas mesmo assim são seis alunos, dependendo de como está o andamento da unidade, você acaba não detectando, porque você tem que ver se o aluno está cuidando direito da criança e se não está cometendo nenhum erro, e a todo momento a gente tem que estar em cima, ou preparando a medicação, ou fazendo o curativo. Eu gosto muito, principalmente ensinar que se faça a assistência correta, uma assistência legal e que vai repercutir no tratamento, vai dar conta do tratamento da criança. Isso com certeza eu sinto prazer em fazer isso. Mas por outro lado eu fico muito esgotada, é um esgotamento físico e mental muito grande, porque se a gente vê que frente ao curso a própria universidade acha um absurdo a gente ter

Anexo B

seis alunos, para mim eu acho muito aluno ainda, seis. E se eu tivesse um aluno a menos isso já ia ser melhor, porque se eu somar eu cuido de seis alunos, seis crianças, seis mães e seis funcionários da unidade, além do enfermeiro. Então são cinco vezes seis, são trinta informações, porque além de cada criança, a medicação de cada criança, os cuidados de cada criança, o residente de cada criança, então vai somando. Você lida com uma complexidade de pessoas muito grande, e a questão da responsabilidade diminuir o risco do erro é muito grande. Eu acho que é mais nesse sentido. Então eu vejo que o desgaste é grande, mas eu gosto de fazer a assistência, ensinar a assistência, mas para isso a gente merecia uma melhor estrutura, um ambiente melhor pra lidar com isso, mas a gente não tem, e eu não acredito que vá conseguir. Então como eu não acredito que as coisas vão melhorar no âmbito universitário, eu procuro estratégias para diminuir minha ansiedade, meu desgaste, e cada vez mais amadurecer pra lidar com estas situações. Eu vejo que muitos alunos na fala deles dão um retorno para avaliar o campo, como é que foi, muitos alunos que odiavam criança, que nunca tiveram contato e achavam que iam detestar cuidar de criança, eles acabam gostando do campo, porque cuidar de criança é o único momento dos quatro anos do curso. E quando ele me volta e fala assim: professora, eu gostei muito desse campo de estágio, eu aprendi muito, eu achei que eu não ia conseguir lidar com a criança. Eu gostei, consegui lidar. Eu vejo que ele superou uma dificuldade, que muitas vezes é um trauma que muitos alunos tem, chegam com medo de lidar com a criança, por traumas pessoais, familiares, de alguma forma, que até isso é outra coisa com que a gente tem que lidar. Ou é o irmão que tem alguma doença grave, e chega aqui no hospital, cuidar de uma criança doente, o aluno tem um impacto muito grande. Ele chora no campo de estágio, muitas vezes eu tenho que tirar ele do campo, sentar, conversar, e ver estratégias para que ele cuide de uma forma com menor sofrimento no outro dia. Planejo uma coisa para que não seja desgastante pra ele, e eu vejo que ao longo do tempo de docência, hoje eu vejo mais alunos gostando de cuidar de crianças. Eu acho que ao próprio grupo de docentes, eu acho que isso que é cativante, eles acabam ficando cativados pela forma que a gente lida com as crianças, como é que cuida, eu acho que é isso... E a procura de orientação de tcc, eu acho que muito aluno procurando pra orientar porque se identifica com a minha forma de trabalhar e quer que eu seja a orientadora, mas eu acho que isso é interessante, eu acho que isso é gratificante, mas, da mesma forma, eu acho que faz parte do trabalho, mas eu não vou dar conta disso nunca, e que o máximo que eu posso fazer é indicar outro professor que ele possa se identificar e seja orientado e satisfeito com a orientação. Acho que é mais isso.

ENTREVISTA 7

Bom, como mulher eu me vejo como uma mulher atuante, assim, como esposa, mãe, filha, e como profissional também eu vejo uma mulher muito atuante, muito atarefada, com muita correria. Assim, uma mulher realizada. Como educadora, eu me vejo parece que assim correndo contra um tempo, um tempo de com a idade que tenho, então vejo, me vejo, assim, às vezes parece que desatualizada no tempo, no espaço, mas ao mesmo tempo numa busca de tentar entender o jovem e de estar atualizada em relação ao meu trabalho. Eu acho que o fato de ser mãe, ter uma

Anexo B

família tem sim, acho que até as experiências como mãe de adolescente, mãe de jovem faz entender melhor o jovem como ele é hoje, acho que isso interfere positivamente, e eu acho que nesse aspecto ajuda bastante. Assim como família, de ver o jovem que vem de longe, sem a sua família, as suas necessidades, então eu acho que isso influencia sim. Bom, eu vejo que no início era uma descoberta da profissão, então sempre fui realizada na minha profissão, assim, de gostar, de saber o que eu queria, então acho que isso sempre foi uma coisa muito clara para mim, no começo da profissão, e às vezes me vejo e parece que estou começando hoje, cada momento da vida uma etapa diferente, então é sempre um recomeçar, mas, o começo assim, me lembro assim muito audaciosa, sempre em busca muito de fazer, de acontecer, sempre em busca do novo, sempre contra aquilo que eu achava errado, sempre fui muito batalhadora naquilo que eu acreditava, muito assistencial no começo da profissão, e acho que isso foi no decorrer da vida, então isso foi muito. Hoje, eu me vejo assim não mais como aquela enfermeira assistencial ali junto do doente, mas, mais assim com um foco diferente, de tentar humanizar mais a profissão, que eu vejo que isso foi se perdendo, então isso me dá uma saudade do que era no passado, menos enfermeiros, mas mais profissionais mais próximos do doente, mais preocupado com o outro. Hoje, vejo que os objetivos são diferentes, então me vejo num contexto que é diferente de como eu comecei, e luta-se pra resgatar algumas coisas que parece que se perdeu no caminho.

Vejo as diferenças nos próprios enfermeiros que antes nós tínhamos uma visão muito do assistencial. Hoje o enfermeiro é cobrado numa capacitação que às vezes não traz benefícios para a sua prática, traz talvez a realização pessoal para o enfermeiro, uma remuneração melhor, um status maior de ser um mestre ou um doutor, não estou falando do docente, estou falando do enfermeiro como na assistência mesmo. Então mudou o valor do enfermeiro, do profissional, houve essa mudança de valor, de característica, de requisito mesmo que era enfermeiro assistencial. Então, isso pra mim, é uma perda muito grande, uma cobrança muito grande em uns aspectos que não atendem para a necessidade daquele que nós somos formados, que é o outro ser humano. Então isso às vezes me angustia muito, me preocupa muito qual vai ser o nosso futuro. Como corpo, fala do corpo físico, é isso? Quando você me pergunta você fala do corpo físico? Eu, aqui, mão, braço, perna, é isso? O corpo pra mim tem compreensão do corpo físico cabeça, pescoço, etc, e o corpo é o que você constrói durante sua vida, um corpo de profissional, um corpo de conhecimento, eu vejo dessa forma. Então eu vou falar do corpo conhecimento, não sei se estou certa ou se errada, mas vejo dessa forma. Então como esse corpo, você me pergunta, na profissão, é isso? O meu corpo é um instrumento na minha profissão, no ensino, como eu me dirijo para o doente, para uma pessoa que eu estou atendendo, a forma como eu me dirijo, o toque que eu faço, o cuidado que eu realizo, eu acho que isso é um ensino para o meu aluno, a partir do momento que eu estou junto. A forma como eu me direciono, a esse aluno, o meu corpo é a minha comunicação com o outro doente e com o meu aluno, então eu vejo assim como ele é fundamental. Porém é um corpo, se for pensar fisicamente, um corpo já envelhecendo, que não tem mais aquela flexibilidade que tinha até então, pelo fato de estar num departamento de três andares, hoje vejo que isso é um peso, se você considerar tantas escadas que você tem que subir, quantos degraus que você tem que subir, a distância, tudo isso acho que pesa. Agora se você for pensar no conhecimento, no que adquirir, às vezes o aluno não percebe a importância dessa experiência, ele vê um outro lado, mas as vezes não valoriza aquele pouco de conhecimento que você tem, as vezes ele precisa de um tempo de estar na prática,

Anexo B

amadurecer, considerando o que eu abordo. Talvez, o meu corpo não fica assim evidenciado pra mim no dia a dia, eu acho que no momento que é feito a pergunta você para pra refletir. No dia a dia, não tem essa coisa de pensar na importância que tem esse corpo. Não é intuição, mas é uma coisa que é tão sua que está incorporado, é inerente a mim, então isso ele passa no momento que eu vejo como eu estou agindo. Eu acho que para eu agir de determinada forma eu vejo, eu penso na importância que tem isso para o aluno, não sei se eu respondi. O que eu procuro com o meu corpo é me arrumar bem, estar bem apresentável, desde uma sala de aula. Eu procuro assim estar bem, porque eu estou na frente, ou sentada ao lado, eu acho que eu tenho que transmitir questão de higiene, isso é natural, higiene, estar bem apresentada, uso o jaleco quando vou pro hospital pra mostrar sim que aquilo é uma barreira. Enfim, às vezes até um ritual que nós temos, de estar bem apresentável com o uniforme quando eu estou em estágio, recatado para mostrar para o aluno que a gente tem que ter respeito com o paciente, o meu respeito com o aluno de estar bem apresentável. Percebo as vezes que eles têm um olhar diferente, para o magrinho, para o gordinho, para alto, para o bonito, para bem apresentável, isso pra ele chama a atenção. Tem o professor que chama mais a atenção por isso ou por aquilo, mas vejo que eu tento fazer isso. Eu acho que é a forma com que eles vão às vezes nos identificar. Isso eu tive muito claro na formatura, e às vezes informalmente com o aluno quando eles estão no final é o professor assim, o professor assado, então eles usam sim, às vezes é uma forma de nos identificar mesmo, e às vezes sem maldade, mas faz parte do ser humano. Acho que eles usam muito o corpo, mas às vezes, o usar o corpo é como a cultura hoje, não sei se é bem o tema cultura, talvez, até seja mesmo, que hoje a mulher expõe muito o corpo, então nossos alunos não são diferentes, a grande maioria, então quando eu vejo o corpo desse aluno é um corpo magrinho, muito bem cuidado, às vezes até alguns com uma preocupação de alimentação, de atividade física para preservar esse corpo. É uma exposição do corpo, uma barriguinha, uma calça baixa, então, não vêem a hora de tirar o jaleco para estar mostrando o corpo, às vezes intencional, às vezes não, mas que isso já está incorporado, cresceu assim, então eu vejo assim uma exposição, e que acaba em muitos momentos sendo, dependendo de onde ele vai estar com esse aluno, ele pode ser desrespeitoso para esse paciente que fica acamado muito tempo. Então, eu vejo assim, que esse corpo também é o instrumento do cuidado, que é ele que vai cuidar, a forma como ele vai usar esse corpo para o cuidar é importante que eu oriente. Acho que ainda não temos consciência da importância do nosso corpo totalmente na área da enfermagem, acredito que ainda não, posso estar enganada, mas acho que ainda, não tem essa consciência não. Se for avaliar este aspecto da espiritualidade, a experiência que eu tive foi, assim, senti uma experiência muito negativa da espiritualidade, o aspecto espiritual de muita descrença em Deus a experiência que eu tive com alunos de segundo ano, muitos assim não se manifestam, mas uma dúvida muito grande da existência de Deus. Então eu vejo assim que a questão espiritual está a desejar, porque cada um segue o seu, mas eu acho que é uma falha também dos tempos, porque se não tem hoje é porque os pais não tiveram, não passaram valores e tudo mais. Com relação ao lado emocional, a nossa profissão é uma profissão muito que exige muito do ser humano, e ele requer todas essas dimensões que formam esse corpo. Eu vejo que ele acaba amadurecendo muito rápido pelas situações que ele vivencia na prática durante os estágios, então ele acaba sendo um pouco sofrido. Tanto que nós temos um número de alunos em depressão, um sofrimento muito grande. Eu vejo que isso é uma situação que nós não tínhamos. Por exemplo, quando eu me formei, até umas décadas atrás, não era

Anexo B

tão presente essa doença emocional que nós temos hoje, e talvez agrega até o espiritual. Eu vejo que ele tem uma consciência desse físico, do corpo físico mesmo, mas as outras dimensões precisam ser trabalhadas. Eu tento como professora, principalmente pela temática que eu abordo, eu abordo morte, abordo sofrimento, eu tento trazê-los da necessidade de uma espiritualidade, eu acho que é daí que eu escutei muito do aluno dessa descrença, do acreditar numa cadeira ou em Deus como sendo a mesma coisa, até isso assim me chocou muito. Então eu tento trazer estes valores espirituais, a importância de uma busca de espiritualidade, de uma crença numa religião, tento trazer a importância de vínculos, a importância de resgatar família, de fazer resgates que pra ele é importante, e me colocar a disposição dele quando preciso. Às vezes esse corpo é falho, às vezes também é falho. E também pelos temas que eu abordo, às vezes eu sinto que, eu falo para as minhas filhas, elas me perguntam como eu sou como professora, eu falo quem me ama ama, quem não me ama não me ama mesmo, as vezes não tem um meio-termo, e eu vejo que aquele aluno que consigo me aproximar, ele traz muito para mim. Eu acho que eu contribuo muito, mas é um número pequeno, eu vejo que é bem pequeno as pessoas que eu posso ajudar, eu sinto isso. Mas eu tento trazer, principalmente pela profundidade do que eu abordo. Eu vejo, isso eu consigo passar muito. Vejo muito na prática, que eles observam a minha interação com a pessoa, com o doente. Então eu vejo que a paciência que eu tenho com os alunos na prática, a compreensão das dificuldades que ele tem quando está realizando o procedimento pela primeira vez, o medo que ele tem de aproximar de um paciente mais grave, de alguém que está morrendo, ou de tentar lutar pelo doente, pelo direito dele ali, então isso eu estou dizendo coisa assim que eu escutei de retorno, então eu percebo que quando eles conseguem presenciar isso para eles acaba sendo uma lição, uma lição não, é um aprendizado, aprendendo com minha postura corporal como ser uma pessoa humano integral. Vejo que são essas situações. Em sala de aula, eu não consigo ter muito isso. Aquele aluno que já tem isso nele, que acha importante esses valores, então isso consolida vamos dizer assim. Mas agora é na prática acho que eu consigo mostrar mais o que eu sou como professora, pessoa, mulher. Acho que isso mostra mais, pela proximidade e o aluno também consigo ver melhor como ele é. Então, eu acho que é assim que eu consigo passar pra eles, o que eu sou como educadora.

ENTREVISTA 8

Olha, na verdade sou mulher. Ser educadora é a sua função profissional, eu enquanto uma mulher no mundo. Primeiro você se vê mulher, aí você tem mulher com várias atividades, e a minha profissional é educadora de enfermagem. Aí, puxando para o lado de educadora de enfermagem, basicamente, em grande parte, hoje, até que está se mudando um pouco, mas a enfermagem é formada por um corpo muito mais feminino do que masculino. E a gente acaba enquanto mulher, mesmo você sendo educadora você também tem outros papéis, fora daqui. Agora não sei se isso dificulta. Eu acho que tem uma interferência no meu caso, ser mulher com atividade de mulher, doméstica, mãe de filho. Não sei também se essa facilidade, ou se essa vantagem, ou se é vantagem, não sei nem se é vantagem, a

Anexo B

questão de ser da saúde mental, porque na saúde mental, para mim a saúde mental me ajuda a ser pessoa, há o gênero feminino com as suas características, mas que também se fosse o masculino teria que ter toda essa disponibilidade tanto no cuidado como disponibilidade no ensino, e pessoas que possam ser assertivas, então ser mulher educadora em saúde mental, não sei se tem diferença do sexo masculino, até porque a área propicia você ter um auto-conhecimento de quem você é, dos seus valores, clarifica pra você a própria característica da área é clarificação de quem você é. O que a gente vê no contexto geral é que são as mulheres que trabalham como educadoras de enfermagem. Se a pessoa não se conhece, eu acho que qualquer sobrecarga que qualquer motivo de não ter sala ou de trocas, causam um transtorno tão grande no controle dela que isso afeta os alunos. Porque a gente enxerga, eu enxergo, às vezes alguns alunos que falam, eles pontuam basicamente professora Y é assim, professora X é assim, professora B a gente nunca sabe o que ela quer, então dá a impressão de que se a mulher não tem algumas características que ela deveria ter enquanto pessoa, assim olha, eu realmente sei exatamente aquilo que eu quero e como quero, às vezes atrapalha tudo, porque a gente é submetido a vários desgastes, de carga horária, de responsabilidade, você quer que o seu aluno seja o melhor, você quer que a assistência que você e os seus alunos estão proporcionando seja de qualidade, aí a gente tem a parte administrativa que sempre está deixando a gente sobrecarregado, é nesse contexto. Olha, se você não tem consciência de quem você é, a sua autoestima sempre vai acabando. A sua autoestima se você tem uma boa auto-estima você sempre vai estar conseguindo lidar com as adversidades e não se sobrecarregando com algumas coisas assim: ai alguém me olhou feio, ai será que eu tenho que estar assim ou assado, vestido ou não, agora eu não consigo desvincular o corpo, então, você tem que ter uma energia. Vamos falar em corpo físico, a gente é cobrado no sentido de postura, desde o traje que você veste, que tem que ser um exemplo para quem está aprendendo com você, tem que ser um traje também que te dê uma condição para aquele que está sendo cuidado não se sinta exposto. E a competência, isso daí é corpo para mim também, a competência nisso tudo, como você faz tudo isso. Competência técnica, competência científica, de conhecimento daquilo que você está ensinando, Porque o teu corpo demonstra, se você está inseguro com uma técnica e você tem que ensinar, ou se você está inseguro com uma assistência que você tem que estar ali com os seus alunos, o teu corpo mostra isso. Mostra com apreensão, mostra com irritabilidade, mostra de várias formas. No início, quando comecei dar aula o corpo físico era aquilo, não sabia onde colocava a mão... o meu corpo demonstrava basicamente a insegurança, perguntava para mim mesma como eu vou ser acolhida, as dúvidas que eu tinha no início, será que vou dar conta da competência do conhecimento científico? Então eu vou dizer que no começo eu me via assim, nossa, onde eu coloco a mão, o que será que eu falo, na questão do corpo. E talvez no próprio relacionamento com os alunos o corpo demonstrava assim sempre você querer ficar um pouco mais para trás, deixa o outro na frente, hoje não, acho que eu aprendi também, com o tempo melhorei, busquei mais. É você voltar a utilizar a clarificação dos seus valores naquilo que você acredita. Isso faz com que você tenha autoestima, que você também não precisa saber tudo, mas eu tenho que ter clareza que se eu não sei, eu vou falar: olha, isso não dá agora, eu vou buscar, ou então é aqui que a gente vai encontrar essa resposta, então acho que essa segurança Eu acho que ser educador, você vem com um material técnico, com uma coisa de escola, a habilidade de como você vai transformar isso para seu aluno aprender isso, e gostar daquilo que você ta ensinando, é o tempo que te dá esta maior segurança

Anexo B

de como ensinar melhor. Também acho que o aluno tem que esperar um tempão para o professor se formar, porque ele está querendo aprender, mas no começo a gente sofre muito, porque tem ainda aquele sentimento de será que ele tá entendendo aquilo que eu quero que ele entenda? Então eu acho que traz um monte de coisa. Você mesmo pode melhorar aquilo, quando você chega você às vezes até tem o conhecimento, mas você tem a dificuldade de se enxergar expressando ele. Quando eu digo assim o autoconhecimento de quem eu sou e aquilo que eu acredito te dá a segurança para todos os aspectos da vida, não só pra ser educadora. Aí você começa melhorar quanto a isso, e com certeza você vai enquanto educadora também, inspirar confiança para seu aluno. O seu corpo vai dizer para aluno se ele pode confiar em você ou não, e não é só confiar de que você sabe aquilo ou não, se realmente você tem disponibilidade para estar com ele nesse processo de aprendizado, isso está na tua expressão não verbal que é corpo, que é olhar, na tua mão, às vezes precisa que você só coloque a mão dele tipo assim olha, eu estou te entendendo, eu acho que é o amadurecimento que te dá esta visão. O corpo tem o próprio significado de quem você é, porque aí eu vou fazer só um recorte, não sei se isso te interessa na tua pesquisa ou não. Quando eu estou falando de corpo, eu estou falando de corpo como um todo, não que o corpo estético não esteja entrando aqui, mas o estético deixa de ser extremamente significativo se você se aceita como você é. Se aceitar como você é não quer dizer que você fala assim: ai, quero morrer horrível do jeito que eu sou. Se você aceita como você é, você tem até chance de buscar melhorar. E às vezes quando a gente nem aceita que a gente não é desse jeito, a gente não preocupa em se melhorar também, a gente vai tocando a vida. Então nesse sentido o corpo é o teu próprio significado, às vezes você expressa o que você sente, o que você acredita, se você olha para pessoa a pessoa pode não ter uma estética bonita, mas você fala assim: nossa, aquela pessoa é tão feliz. Aquela pessoa é tão segura. Então o corpo é expressão do que você é, da sua crença, dos seus valores. Você usa no todo, e aí particularmente na área específica da saúde mental a gente tem os manejos, então o corpo é fundamental para qualquer tipo de abordagem interpessoal, para qualquer tipo de manejo de técnica ou não, se eu não utilizar da minha presença, da minha disponibilidade, você não consegue caminhar para nenhuma assistência maior. Na verdade eu acho que o cuidado com o corpo enquanto docente, é em todos os aspectos, mas enquanto docente, o que eu preciso para meu corpo pra sentir uma eficácia mais próxima do desejado, toda vez que eu preciso... que eu vou pra qualquer campo de prática, ou que eu vou pra uma aula, ou mesmo quando eu estou com os alunos, eu preciso ter aqueles cinco minutos assim de relaxamento mesmo assim, olha, de me organizar no sentido assim de parar um pouco, porque enquanto mulher e docente, você corre, leva filho na escola, passa na tua casa vê se tá tudo bem, e aí toda vez que eu vou entrar numa sala de aula ou que eu vou pra um campo da prática eu sempre preciso de cinco minutos meus, de respirar fundo, e mesmo quando a gente tá na prática, com os alunos ou mesmo com os pacientes. O cuidado com o corpo é evidente na própria reabilitação do paciente psiquiátrico, então a gente faz um alongamento, trabalhos onde você enxerga o seu corpo como o que nele é bom, que você quando faz com o usuário, com o paciente, você também tá fazendo com você. Então isso é uma coisa que a gente faz na prática como sendo uma técnica, eu tenho, todos os cuidados que você puder imaginar de tentar manter saudável. E esse cuidado específico de antes de preparar uma aula, fico pensando se eu tenho que fazer tal coisa, orientar o que meu corpo precisa para que quando eu tiver fazendo aquela atividade ter a eficácia mais próxima do desejado, e ter um tempo assim quando

Anexo B

eu paro, respiro fundo, assim, eu preciso disso toda vez que eu vou fazer uma atividade acadêmica. Na verdade o respirar fundo já te ajuda assim, bom, agora eu vou entrar numa atividade que você gosta e é como se você fizesse um parâmetro, nossa, eu vou dar o meu dez nesse minuto. Dar o meu dez é não levar todas as outras coisas que eu tenho, levar só a minha disponibilidade para aquele ensino ou naquela assistência. Acho que é isso. Uma falta de disponibilidade, eles muitas vezes se mostram apreensivos, se mostram sem conhecimento de quem eles são, eles têm dúvidas, muitas vezes assim, toda vez que acabou de começar o ano, chegaram os alunos para o estágio, a área de saúde mental já é um campo diferente, você percebe no olhar, no jeito, parece com um monte de zebra com a mão pra trás, assim sem mostrar aquela disponibilidade, não é que eles não queiram, é o medo do desconhecido, como receber aquilo, então como você usa o seu corpo é que vai ajudá-los como usar o deles. Você tem que mostrar significado, na tua expressão verbal, não verbal, tudo, e eu acho até que eles chegam com uma dificuldade pra isso, pelo menos na minha área. Apesar das dificuldades existentes na enfermagem, as experiências que eles tem, eles mudam. Muda dependendo de como for a experiência. Nem sempre ela vai ser prazerosa, uma crise de um paciente não é prazerosa, mas o entendimento de como ele tem algo a oferecer para aquilo é prazeroso. Vou te dar um exemplo. Uma aluna que acabou de sair do campo da prática falou assim: se eu não tivesse feito tal atividade com aqueles pacientes eu ia achar que não vale a pena, que não tem muito o que fazer. Então assim, eles mudam. É como você demonstra sua disponibilidade, e às vezes informalmente com o aluno quando você recebe seu aluno no sentido de dar, é a competência que você mostra. As áreas da enfermagem são amplas, o aluno vai ter uma preferência por uma determinada área, mas ele ter preferência por uma determinada área não quer dizer que ele tenha que desgostar de outra, você tem que passar todos os conhecimentos das diferentes áreas de uma forma que seja agradável, e que ele perceba significado. Se ele percebe porque ele cuida e o que ele tá fazendo com esse cuidado, eles mudam. Agora se ele passa meio batidão e a gente também não tem um incentivo grande para ele, ele vai passar. Agora, quando você olhar, e você bate o olho sabe que aquele aluno está com o saco cheio, ou então não está disponível para aquilo, neste momento o professor tem que investir neste aluno. Eu acho que, não tenho certeza, uma percepção individual minha, que algumas coisas que ele tem frágeis, por exemplo, se o aluno compreende a necessidade daquela ação que ele tem que fazer, então isso sai de um jeito. Se esse aluno faz simplesmente porque é daquele jeito, é o outro lado. Não sei se ficou claro. Por exemplo, tem gente que fala assim: enfermeiro tem que ter paciência, paciente vê muito hoje enfermeiro bonzinho com paciência. Ele precisa de um enfermeiro que tenha compreensão do estado que ele está vivenciando, e isso implica compreensão desde empatia, se colocar no lugar do outro, desde conhecimento técnico, desde entender fisiologia, tem que compreender aquele momento. O professor tem que ter muita clareza do seu papel e demonstrar isso, e aí é aquela primeira resposta, o seu corpo, a sua segurança, a sua habilidade. Você não precisa saber tudo, mas você tem que ter a habilidade de nunca deixar de estudar, porque não precisa saber tudo, mas tem que saber onde está aquilo quando precisar, porque não é fechado, você entra no campo da prática e nem um dia é igual o outro, a não ser que você vá exatamente com a proposta de tal procedimento, e na saúde mental, a gente não sabe o que vem no dia, cada dia é um dia, cada 10 minutos é diferente dos minutos anteriores. Acho que era isso.

Anexo B

ENTREVISTA 9

A questão de ser mulher e ter uma atividade profissional para mim, é muito importante, assim, eu acho que eu busquei isso toda a minha vida. Eu acho que eu nunca me vi assim como exclusivamente uma pessoa dona de casa ou sem uma atividade profissional. Então foi uma coisa desde os meus planos de adolescência, de juventude, a vida profissional sempre foi uma coisa que teve no meu planejamento. E isso se concretizou em todos esses anos que eu estou na minha atividade profissional, porque não teve nenhum momento da minha vida em que minhas outras funções como mulher, quando eu me casei e me tornei uma mulher esposa, depois eu fui uma mulher mãe, quer dizer, todas essas etapas foram aparecendo na minha vida, em nenhum momento eu interrompi a atividade de mulher profissional. Então, cheguei a ter muita dúvida em vários desses momentos, cheguei a ter muitas crises existenciais, de papéis, etc, se eu devia estar sacrificando uma coisa em nome de outra, mas essas crises passaram e eu me afirmei como mulher profissional levando junto todos os meus outros papéis. Então eu vejo a mulher, você pode dizer a mulher moderna, com esse perfil, que eu tenho, por exemplo. Eu me sinto o perfil da mulher da atualidade. Eu sei que existem várias mulheres que optam por outras coisas, eu não acho que elas deixam de ser mulher por causa disso, mas é o jeito que eu me vejo, Como mulher, mulher profissional, fazendo parte de todos os meus outros papéis, juntos na minha vida, e como educadora eu gosto muito da função de ensinar, e na minha vida profissional que eu me planejei também. Eu fui primeiro para parte assistencial, tive toda uma vivência de enfermeira assistencial, mas sempre tive um desejo de partir pra docência, pra fazer educação. Então, também ela me agrada muito, a questão de ensinar, de estar fazendo esta parte da enfermagem, também. Como no caso nosso a enfermagem docência permite que você faça a assistência também, então dessa forma me compensa o fato de não estar na assistência só que eu gosto muito. A questão de ensinar, da docência também me agrada por eu poder associar as duas coisas que eu gosto. Eu acho que influencia muito, porque eu não sei se pela própria área que eu escolhi, então eu acho que eu trago muito dos meus outros papéis de mãe, de família, de participar de uma família, eu trago muito pra minha forma de educar. Então, as coisas que eu acredito, os valores que eu tenho, pra minha família, eu utilizo muito mesmo, intensamente na minha prática educativa. Então eu trago todos os valores que eu tenho com os meus filhos, com a minha família, de respeito, de respeitar a dignidade, a questão mesmo do carinho, do afeto, que eu tenho na minha relação com a minha família, eu trago para o ensino sim. Eu tento passar isso para meus alunos, como assim, se a gente precisa isso na nossa

Anexo B

vida, se a gente gosta disso na nossa vida fora daqui, então as pessoas que estão aqui também precisam disso e gostam disso, querem ser respeitadas, querem receber até carinho na forma de cuidar, da forma que a gente aborda, como a gente cuida, as mães se sentem muito bem cuidadas quando a gente cuida dos filhos delas de uma forma mais carinhosa, atenciosa, elas sentem essa diferença, e isso eu tento pôr na minha prática sim, tanto na minha atuação quanto na atuação dos alunos. Então, valores meus, pra minha família, que eu utilizo e que eu acredito com a minha família, eu trago muitos deles pra minha prática educativa. Como eu tinha dito antes, a docência era um projeto, então, em nenhum momento foi frustrante pra mim assim participar disso. Agora o que mudou do início para agora eu acho que assim, a própria falta de experiência na época, de cuidar, porque na verdade meu objeto de cuidado agora se eu for pensar assim, principalmente é o aluno. Então nessa relação de cuidar do aluno com as suas necessidades, pensei assim agora é um adulto jovem que eu tenho que lidar, e na época até meus filhos não eram dessa idade, eles eram crianças pequenas, então eu não tinha muito a visão mesmo de como cuidar de um adulto jovem que eu acho que o professor de certa forma cuida do aluno também, é uma relação de cuidado. Então como que eu me via? Eu me via um corpo meio perdido, um corpo buscando muito acertar, e tendo varias falhas também. Eu acho que em diversos momentos eu não soube entender as necessidades dos alunos na época, ou a melhor forma de ensinar e educar. O que eu sempre tive desde o começo é uma tendência muito grande ao acolhimento. Isso veio comigo já. Então, eu sempre fui muito acolhedora, tentando me colocar no lugar, tentando entender o que a outra pessoa estava precisando ou sentindo. Agora, eu era um corpo meio perdido, vamos dizer. No decorrer dos anos, eu me senti com mais apropriação de qual era a minha função mesmo, então eu me sentia mais situada dentro da minha função. No começo mesclava muito a questão do que era assistência, do que era o ensino. Aí eu fui definindo melhor os meus papéis dentro dessa atuação de ensino. Mas, por outro lado eu penso também que eu acho que eu perdi um pouco. À medida que foi definindo mais para mim o meu papel e a minha função, e o que eu devia ensinar, o que eu devia cobrar, ou qual é o papel do professor, eu senti que o lado assim pessoal com o aluno ficou mais longe. Talvez quando eu era mais perdida o meu lado pessoal, afetivo, emocional com o aluno era mais próximo. Não sei se eu me identificava mais com ele na época, e agora quando eu estou mais definida no meu papel de docência, de educadora, eu acho que emocionalmente e afetivamente eu me afastei um pouco. Pode ser atribuído ao meu momento de vida inserida em muitas outras atividades além da pura docência. Então, com todas as outras atividades pode ser que seja isso, não tenho uma compreensão real se é por isso, e quando eu tiver menos envolvida com outras coisas aquilo vai ser resgatado. Eu acho muito importante, os alunos esperam isso do professor, eu sinto que eles esperam, é um perfil de pessoa que também está numa mudança de vida, ela está entrando numa outra etapa de vida, seja só pelo fato de passar do ensino médio para faculdade, que eu acho que é um outro capítulo da historia das pessoas, seja por ter se mudado de casa, por não morar mais com os pais, de que está afetivamente muito necessitado assim, eu sinto os alunos muito carentes dessa afetividade, e eles buscam muito isso no professor, e eu sinto que quando eu tô melhor comigo mesma, eu consigo suprir melhor também essa necessidade que eu sinto nos alunos. Quando eu não estou bem comigo mesma por causa das circunstâncias da minha vida, é muita sobrecarga, muita, o professor... sobrecarrega muito, tive experiência ano passado disso, que foram várias alunas com muita carência por diversos motivos, situações familiares, morte na família, mudança de cidade, e eu me senti

Anexo B

extremamente sobrecarregada de estar apoiando elas nessas necessidades afetivas. Eu sei o que eu tenho que fazer, mas eu estou num período em que eu não tô conseguindo fazer o que eu tenho que fazer. Então o que eu tenho que fazer? Eu tenho que fazer exercício físico, eu tenho que ter tempo para uma leitura, para mim é importante a parte espiritual, eu tenho que ter um tempo para me reabastecer na questão espiritual, de momentos com Deus, com leitura bíblica, com oração, que são coisas que me fortalecem muito. Me fortalece porque eu compartilho muito nessa parte com eles, então quando eu estou com isso bem, quando eu estou me sentindo suprida espiritualmente, eu compartilho muito mais com as alunas, ajudando elas a dividir essa carga e também indo para esse lado. Claro que eu sinto se o aluno tem essa parte também desenvolvida nele, se ele também acredita, então são momentos gostosos, quando eu estou me sentindo suprida espiritualmente o compartilhamento é bem gostoso com o aluno, e tem resposta também, às vezes até o aluno gosta quando a gente fala: olha, estou orando por você hoje, eu chego a usar isso, mas crendo mesmo que eu estou fazendo a coisa certa. Então eu uso isso na minha prática docente nesses momentos que eu vejo que o que está pegando no aluno não é problema ensino-aprendizagem, é problema afetivo, emocional mesmo que está sobrecarregando ele. Então, às vezes eu levo a conversa pra esse lado sim. Outra coisa, então, o exercício físico, eu sei que é um tempo bem gasto, que pode ser tirado de outra coisa, porque vai me trazer um benefício maior, eu não tava fazendo, entrei esta semana novamente por mais uma tentativa de voltar pro exercício físico que eu sei que é essencial. Então até a moça da academia falou assim: Qual o teu objetivo? Achando que eu ia falar que queria perder quinze quilos. Eu falei: o meu objetivo é saúde mental, fazer o exercício físico para saúde mental, que é o que eu to precisando agora. Aí ela até olhou assim: não é emagrecer? Eu falei: se emagrecer vai ser bom também, se esse também for um dos lucros daqui vai ser bom, mas é mais mesmo assim tirar um pouco a cabeça do que tem me sobrecarregado muito. Outra coisa, momentos com a minha família, isso é um grande repositório de energia para mim, que isso eu ainda busco priorizar, eu acho que tem momentos em que eles mesmos, estar com eles me dá prazer, sair com eles, almoçar fora, fazer um programinha. Isso eu tenho mantido, me ajuda muito. Eu acho que o meu corpo, quero achar uma palavra bem bacana para falar com ele, que não seja pejorativa, mas... Eu poderia dizer que o meu corpo é o instrumento que eu utilizo pra esses papéis todos, mas ele é mais do que isso, meu corpo é o que carrega tudo isso que eu sou assim, mas carrega sem ser uma coisa com pouco significado, é uma coisa com muito significado pra mim, então ele é o que carrega. Então ele carrega o quê? Ele é o que tem que dar conta de toda essa pessoa que eu sou, porque é ele que me traz, é ele que leva, ele que sente todas as reações que eu tenho, ele que manifesta o cansaço que todos esses papéis me trazem, ele que adoce quando eu não coloco os meus limites, ou quando eu não consigo ter os limites que eu preciso, é ele que engorda quando eu não tomo os cuidados com o exercício físico e com a alimentação, então pra mim ele é o que responde a todo esse estilo de vida que eu to tendo, a todas essas escolhas que eu faço. Então se eu escolhi ser tudo isso de uma vez, ele é o que responde tudo isso, ou responde executando as coisas que tem que ser feitas, pensando, raciocinado, ele é o que responde agindo, fazendo as técnicas, os cuidados propriamente ditos, é ele o que adoce, é ele que cansa, é ele que engorda... Então ele na verdade paga o preço das minhas escolhas, eu acho. Paga o preço das coisas boas, assim, que bom que foi ele que me fez conquistar um marido bacana, foi ele que me possibilitou gerar meus filhos, foi ele que esteve fazendo enfermagem comigo, me possibilitou essa vitória na vida, está comigo no

Anexo B

doutorado,mas ele também paga o preço das escolhas ruins também.Então ele responde pelo estilo de vida e pelas escolhas que eu fiz pra esse momento da minha vida.Eu acho que o corpo revela para mim algumas coisas. Se a gente pensar na aparência, a gente tem alunos de todos os tipos de aparência, mas assim, a gente tem alunos que a gente vê que se cuidam, tem alunos que a gente vê que não se cuidam, isso você já vê na aparência, se ele está demonstrando o desleixo, demonstrando não se importar se está bem trajado ou não está bem trajado, para mim isso já revela um pouco da postura da pessoa e o que ela é, e como ela respeita o outro nisso. Não acho que todo mundo tem que vir de salto alto, etc, maquiado tudo, mas eu acho que demonstra um pouco a forma como você apresenta o teu corpo mesmo externamente demonstra coisas do que você é. Então eu sinto alguns alunos assim um pouco demonstrando uma postura de não se importarem mesmo, ou até desrespeitando as pessoas que eles tão cuidando. Eu vejo corpos cansados também, a gente faz parte de módulos e de anos que estão sobrecarregados de atividades, então, eu vejo corpos cansados, manifestados às vezes em apatia, em falta de motivação, sono, dorme muito nas aulas, então são corpos de adolescentes na verdade que têm todas estas questões também a serem consideradas .Na turma grande, no grupo grande eu, em alguns deles eu me limito a me aborrecer, e pensar que podiam estar aproveitando muito mais. Eu tenho mais possibilidade no grupo pequeno, principalmente no grupo de estágio, então daquela parte afetiva que o aluno acaba exigindo de você, então, eu assim se eu sinto essa abertura eu costumo conversar, chamar, cobrar mesmo assim olha, eu sei que você pode dar mais do que isso, ou o que está acontecendo que você está tão desmotivado, pensa bem, vamos priorizar, eu tenho estimulado muito os alunos assim a priorizarem a faculdade, eu não sei se isso faz bem para eles ou não, mas tento assim conversar algumas coisas de esse é o teu momento, é o momento da formação, então vamos ver que energia você está gastando mais, tento ter umas conversas assim. Postura de aparência mesmo, eu não chego a pedir para sei lá, vamos cuidar desse cabelo, cortar, esse corte está ruim, eu não chego a fazer coisas diretamente assim. Eu tenho algumas coisas que eu acho que são mínimas, tem algumas meninas que se expõem muito, e até com roupas, tudo, eu às vezes até como professora eu peço para manear, a questão própria do jaleco, da utilização do jaleco para não se exporem tanto que eu acho que eu não gostaria de ter que falar. Eu acho que deveria ser parte da pessoa, mas aí eu penso, como educadora, como professora, eu acho que eu posso levar a pessoa a refletir um pouquinho se aquele é o lugar pra se portar desse jeito, ter essa atitude. Então às vezes eu sinto, pego essa responsabilidade um pouco para mim, e ajudo a pessoa a refletir um pouco, mas não sou assim de ah, vou descontar nota, nós não temos mais nota, mas não sou daquelas de ficar pautando muito na hora da avaliação individual, se fez isso ou fez aquilo, se vestiu isso ou não vestiu.Eles observam muito como eu trato o paciente, a minha postura mesmo, até no tom de voz, no acolhimento que eu faço, como eu cuido, o carinho que eu faço numa criança, a conversa que eu tenho, como eu me refiro a mãe. Como eu me cuido, eles tem me dado muito feedback de que eles observam muito isso, e como eles acham isso bacana, então quando a gente pede na avaliação pontos positivos e negativos dos professores, sempre isso vem de feedback para mim. Então eles me observam bastante. O que eu já tive problemas e que eu tive que parar para pensar, são algumas posturas minhas, principalmente não-verbais, quando alguma coisa me desagradar, então posturas minhas assim que eles referem que vêm no meu rosto desaprovação. E algumas vezes verbais eu me precipito em alguns julgamentos que eu faço,assim algumas coisas que acontecem

Anexo B

que eu achei que eles não estavam com a postura adequada, e fiz as vezes um julgamento precipitado, que eu mesma pensando depois me arrependi completamente, totalmente desnecessário ter falado aquilo naquele momento, ter feito aquele gesto, ou ter levantado daquela forma. Acontecer aconteceu, agora o que eu faço pra prevenir que aconteça? Então, geralmente sou vista como uma professora calma, esse é o meu normal assim de feedbacks. Então os alunos que tiveram coragem de falar para mim quando eu não tive essa atitude, porque é coragem mesmo que tem que ter, porque alguns podem ter visto isso, deixado pra lá pra não se encrascarem. Mas os que tiveram coragem de falar para mim, eles me ajudaram a crescer. Então eu geralmente sou mais calma, minha abordagem é mais tranqüila, até em comparação com outros professores, isso já foi me dito, e eu tento perceber antes de fazer, estando sempre atenta, parando um pouco para pensar antes de falar. Então esse é o meu normal. Vai depender um pouco da quantidade de pressão que estou normalmente, então é aquela situação, as vezes que eu tomei aquela atitude com aquele aluno, não foi exatamente por causa do aluno, é por causa assim eu estou com prazos para entregar, estou com relatórios para fazer, estou com projetos para encaminhar, estou com um monte de coisa pra ler, então é que aí eu ainda sinto que foge do meu controle de prevenir. Mas assim, não são muitas vezes, mas as poucas vezes que aconteceu me aborreceram muito de eu ter feito aquilo naquele momento, então eu me senti muito mal, muito aborrecida comigo mesma, falando: eu não precisava ter feito isso. Então, como me desagrada muito, eu vou com bastante cautela.

Então, os que não falaram da minha postura que desagradou, eu acho que é porque eles têm a postura de preferir, eles escolhem não fazer isso, eu acho que eles escolhem não ter problemas assim, não correr riscos. Não é que obrigatoriamente vai ter problema, tanto alguns deram feedback. Eu acho que eu não posso ser acusada de ter perseguido aluno que me falou alguma coisa que eu possa não ter gostado, mas acho que eles escolhem não participarem do crescimento desse professor, para não correrem o risco de falarem para um professor que não quer ouvir, que não quer crescer. Então, eles falam: será que esse professor vai aceitar bem ou não vai aceitar bem? Então, eu não vou arriscar. Porque eu acho que muitos alunos partem da premissa de que o professor não gosta, eu acho que essa é uma historia que nós colhemos no ensino nesses anos todo. Claro que o professor melhorou muito. Eu acho que a relação aluno-professor mudou muito dos tempos que a gente escuta aí, mas eu acho que ainda tem professor que não admite isso, não lida bem, porque não está aberto a crescer também. Ele optou: eu sou assim, acabou, não quero... Meu marido fala: só dê feedback para quem pede, porque para quem não pede não quer ouvir mesmo. Só que tem alunos que ali no dia da avaliação você dá abertura, no módulo a gente já tomou isso como método, você dá lá o feedback para o grupo, o feedback individual, e aí você fala: você quer falar alguma coisa, dar um feedback do professor para mim? Então tem momentos que eu faço isso com conforto, e tem momentos que eu não faço isso com conforto, porque são momentos que eu sei que eu não dei o meu melhor, porque eu não pude. Então, nesses momentos é mais difícil eu ouvir o que vem de lá pra cá, meio porque eu sei que não foi legal, eu sei que poderia ter sido melhor, eu sei que não é exatamente esse o meu jeito de ser professor. E, então, às vezes eu abro para o feedback com o coração bem aberto, outras vezes eu falo: ai, parece que eu não estou muito com vontade de ouvir o que eles tem a dizer. Pode ser que eles percebam às vezes, e pode ser que eles não queiram falar mesmo.

Anexo B

ENTREVISTA 10

Ser mulher e educadora de enfermagem e ser mais do que educadora de enfermagem ser educadora na área de saúde da mulher, é uma coisa que ao mesmo tempo é ser muito confortável que é um terreno conhecido você estudar o corpo da mulher em termos de fisiologia e patologia. Você está falando muitas vezes de coisas que você já sentiu, você já viveu, é diferente, você falar de repente de derrame sem nunca ter um derrame e falar de menstruação de parto, de corrimentos de leucorreia por aí a fora. Por outro lado, da mesma maneira que traz esta afinidade traz também uma certa dificuldade, pois você tem que lidar com suas projeções. Então assim, eu não estou falando de um corpo abstrato eu estou falando de um corpo do qual eu também sou portadora. Então quando você está falando de sexualidade, disso ou daquilo você tem que estar o tempo inteiro trabalhando para não colocar a sua vivência pessoal e começar a dar exemplos (risos). Eu também sou assim, eu também tive isso gente, você precisa até que fechar a boca para não começar se expor no meio da aula.. (risos). Você está falando de coisas que você diz assim: passei por isso, estou passando por isso agora! Vai dar uma aula de climatério, eu dou aula de climatério e menopausa me abanando com um leque (risos), ao mesmo tempo em que facilita da mesma forma, cria um problema de você conseguir ser mais objetiva. Todo conhecimento da área de enfermagem ele nunca é totalmente objetivo. Ele sempre tem uma subjetividade inerente ao que? Acho que é difícil você falar de corpo de mulher, acho que o melhor, talvez, o mais honesto, seja reconhecer as subjetividades que estão ali colocadas do que fazer de conta que elas não existem quando elas existem. (risos) Para mim não foi um grande acréscimo de qualidade porque eu sempre fui uma pessoa muito curiosa, então assim eu venho de uma geração. Eu estou com 50 anos agora, e eu venho de uma geração que não teve educação sexual nem na família, nem na escola e educação sexual eu não estou falando nem de desempenho sexual, eu estou falando até de conhecimento de anatomia e fisiologia, mais eu me lembro também que assim que eu comecei a ler e escrever, eu comecei a fuçar na biblioteca pública, eu comecei a estudar tudo. Uma coisa que eu me lembro é, assim que quando veio a minha menstruação eu fui para biblioteca pública estudar o que era isso. Então, assim, eu não sou muito característica da minha geração porque a maior parte é diferente. Então, em termos de corpo estudar enfermagem teve o grande desvelar de uma situação desconhecida

Anexo B

para mim, que foi conhecer o corpo masculino porque eu lembro sim, lembro clara a primeira aula de anatomia que a gente teve, tinha um corpo de um cadáver nu em cima da mesa e eu nunca tinha visto um homem sem roupa na minha vida (risos), porque eu não tenho irmãos. A minha casa era uma casa de mulheres, o único homem da minha casa era meu pai sempre muito recatado eu nunca vi, meu pai não andava nem sem camisa, ele era muito conservador em relação ao corpo então eu não conhecia figuras do corpo masculino. Hoje em dia a molecada já conhece o corpo masculino com 12 anos de idade. Meu Deus do céu, eu sempre brinco o primeiro homem sem roupa que eu vi ele estava morto (risos). Catastrófico, então foi a minha primeira visão de um pênis na aula de anatomia e eu olhava para aquilo acho que com o olho arregalado, mas de resto o corpo para mim sempre foi uma coisa de curiosidade, sempre de conhecimento. E o engraçado que eu, ainda, sou de uma geração que festeja a primeira menstruação, ou pelo menos eu festejei, não sei se eu era diferente mas eu me lembro que quando fiquei menstruada, teve um sentido de rito, de passagem. Eu não gostava de ser criança, eu queria ser mulher, eu queria ser adulta, eu queria ser grande, então a primeira menstruação para mim foi o ótimo, tipo assim: agora já sou mulher!! Diferente das novas gerações, que eu percebo, eu crio duas mulheres e para elas a menstruação tem um outro significado. Eu percebo isso também nas alunas de enfermagem que não curtem ser mulheres, isto é uma coisa muito difícil e até dolorosa de assistir, é perceber que como nossas alunas meninas hoje de 20 e poucos anos abominam tudo que seja fisiologia feminina. Não gostam e se puderem tomar hormônio contínuo para nunca menstruar, mesmo dando câncer elas querem e aí eu ainda brinco com elas: é a única coisa que te caracteriza como mulher é você menstruar criatura e você não gosta disso? Então corpo no curso de enfermagem é o que eu falo assim para mim eu sempre fui muito curiosa para estas coisas sempre fui muito estudiosa de coisas, mas a coisa que eu acho mais interessante nos cursos da saúde e nem vou falar só enfermagem, mas principalmente enfermagem porque a gente lida com higiene corporal dos pacientes. No hospital aquela coisa assim de você ter uma autorização pessoal para ver o corpo do outro sabe assim, para tocar o corpo do outro. E às vezes a gente dentro daquela perspectiva científica do técnico, como a gente tem que prestar atenção para não transformar isso numa coisa tão natural que você não enxergue que para o paciente aquilo não é uma coisa natural que ele está com vergonha. Você não está com vergonha, para você é um procedimento técnico, mas ele está. Isso é uma coisa que eu sempre trabalho com minhas alunas tipo assim: Uma mama é uma mama, mas a gente não anda com ela exposta por aí na rua, e você está expondo a paciente, então presta atenção que não é só um pedaço de carne, mas é uma parte do corpo proibida, assim fechada para sociedade e que você tem autorização não só de descobrir, mas como pôr a mão e palpar. Bom, corpo para mim é um veículo, porque assim eu sou um ser e este ser usa um veículo e aí vem a questão existe alma ou não existe alma quem sou eu?. Às vezes fazendo caminhada, você vai caminhando sozinha e de certa forma a mente fica vagabundeando e tem até uma monja budista que faz meditação caminhando e aí as vezes eu estou caminhando e eu tenho a nítida impressão que alguma coisa dentro da minha cabeça usa o corpo como um veículo para caminhar no mundo. Sabe, então, assim eu não sou o corpo, o corpo é o veículo. Eu gosto dele, eu cuido dele porque ele é meu veículo, mais ou menos quando você vê pode ser uma comparação besta, mas por exemplo você já viu homens quando cuida dos seus carros... mas do que cuida deles, ele não vai ao médico mas o carro vai à oficina, ele faz revisões, ele lustra... porque aquilo é um veículo do ser dele no mundo ele não vai a pé. Então

Anexo B

assim, o corpo para mim eu nunca fui muito vaidosa de produções, eu sempre fui de muito pouca vaidade, mas eu sou de muito conforto por exemplo...de saúde, porque este corpo é o veículo que eu tenho para me expressar no mundo. Então eu tenho que cuidar dele, de conservá-lo da melhor forma possível. Dentro deste veículo enquanto corpo o eu tenho vísceras, (risos), é o que eu estou te falando corpo para mim tanto faz o corpo externo ou as vísceras internas, tanto faz ser o corpo social, ou o corpo sexual tanto faz o corpo é a minha expressão. Eu não sou o meu corpo eu sou um ser que usa o corpo como expressão eu não consigo me identificar assim eu sou este corpo eu sou mais, se eu pudesse inventar uma frase assim, eu ocupo este corpo para fazer o que eu tenho que fazer isto é espiritualismo não sei, sei lá (risos). No ensino da enfermagem eu utilizo meu corpo desde comunicação, desde postura desde o olhar, eu tenho duas coisas que todo mundo fala que é forte que é olhar e a voz. Então tem a expressão verbal como uma coisa muito forte e o olhar como uma coisa muito forte. Então eu consigo grudar as pessoas pelo olho e pela fala. Tanto por isso talvez que eu não ligo, por exemplo, de estar gorda, porque o meu lance de comunicação é mais aqui do pescoço para cima. Então o meu corpo como eu entendo ele tem mais expressão na voz e no olhar, o resto não é tão importante então eu dou menos bola. Como eu sempre gostei desta de conforto, eu sempre usei salto baixo sabe aquelas coisas que você aprende na escola: não pode usar salto alto, não pode usar blusa transparente, a maneira como o enfermeiro deve se apresentar para mim nunca foi nenhum problema porque eu nunca tive isso, mas uma coisa que as vezes que quero fazer diferente e não faço porque eu sou enfermeira são as unhas curtas. Aliás, antes de ser enfermeira, eu nunca usei unhas longas, acho um incômodo pois como corpo para mim é um instrumento, unha comprida atrapalha o instrumento, seria só para enfeitar o instrumento. Mas então o corpo é um corpo utensílio, é corpo utilitário, não é um corpo para exposição para ser visto, não interessa como os outros estão vendo, mas como eu posso usá-lo. Então a unha curta às vezes, tem gente até que pergunta se eu como a unha de tão curtas que estão, mas isto é uma coisa que eu sempre tive, unhas curtas. Quando vim fazer enfermagem mais ainda, as vezes eu falo para as alunas a unha curta você palpa o corpo dos outros, você vai palpar um abdome por exemplo que você tem fazer uma palpação profunda a unha grande é uma coisa absurda, e as vezes eu até vejo alunas com a unha longa metendo as garras, aí digo: Escuta, você está enfiando estas garras na barriga do paciente, coitado! Então, assim, a unha curta é uma coisa de proteção, de higiene das mãos, por conta da infecção, mas também de você tornar a palpação uma coisa menos traumática, então, a mão acaba sendo meu instrumento profissional, então como instrumento profissional tem que se adequar para esta função, meu corpo é utilitário. A minoria dos alunos tem esta impressão do corpo saudável do corpo como um veículo de expressão. Não só para o trabalho, porque quando eu falo que o meu corpo é o instrumento, é meu instrumento de trabalhar, é o meu instrumento de viajar, de passear, de lazer, é o meu instrumento sexual é meu instrumento para tudo. Quando eu quero me expressar é este corpo que eu uso. Os alunos, é as alunas é muito mais comum a visão do corpo exposição do corpo para a exposição então assim muito cabelo tingido, eu assim eu tenho cabelo tingido porque eu estou grisalha que é aquela coisa de você querer protelar um pouco a aparência de uma pessoa idosa então você pinta o cabelo, eu não faço plástica não, cabelo tingido é uma tentativa de brecar um pouco o tempo não precisa ir tão rápido assim (risos). Mas as alunas não, as alunas todas já tem cabelos loiros, ruivos, azul não sei o que. Muito uso de hormônio para controlar o seu ciclo menstrual normal. Então, eu percebo assim muito a questão corpo gênero feminino na

Anexo B

sua pior expressão que eu acho que é o corpo para exposição, então, assim, saltos altos, a sexualidade, a sexualização do corpo mesmo. Em uma aula de segunda à tarde, você percebe os decotes, coisas assim e eu fico pensando está querendo seduzir quem? Mas seduzir quem aqui na aula? Da forma como, elas expõem o corpo com esta postura mais sedutora. E muito pouca preocupação com a saúde, então assim é uma judiação que esta geração de enfermeiros, de enfermeiras estão fazendo com seu corpo. Elas comem mal, elas comem miojo sabe aquela coisa a alimentação delas é abominável elas são obstipadas, elas tem dor na coluna porque não tem uma boa postura andam muito de salto alto. Eu acho assim o corpo das alunas de enfermagem é o mesmo corpo de uma mulher leiga. Elas têm a consciência do corpo, acho que tem sim, mas de uma forma diferente. Acho que ao contrário de mim, elas não vem o corpo como veículo de expressão. Porque quando eu falo assim veículo de expressão para o trabalho, para a comunicação para o lazer para sexualidade, para tudo. E para maternidade inclusive, pois eu já fui mãe, pois este corpo já me permitiu muita coisa legal que eu quis fazer na minha vida, eu gosto muito dele. E para as meninas, o corpo tem uma finalidade, eu acho que elas tem mais consciência do seu corpo como finalidade sexual de apelo sexual, de sedução parece que a mulher para ser mulher ela repete o estereótipo de gênero mesmo, que ela tem que ser feminina, feminina no mal do sentido da palavra se é que você me entende, que é aquele sentido sedutor, enfeitadinho, bonitinho para que? Para casar entende? Para arrumar um marido um companheiro, que seja, e depois para ter filhos. Ainda que eu veja que já começa aparecer a representação do corpo não para a maternidade, pois a maternidade está ficando cada vez mais secundária, basta ver a natalidade despencando. Cada vez mais o corpo da mulher é para sedução, não está sendo nem para saúde, nem para o trabalho, nem para a maternidade mais, para a sedução, então de certa forma a gente continua no modelito: a mulher precisa de um homem para existir, ela é meio ser, a metade de um ser, ela não é completa, ela se completa quando ela se associa ao homem por isso a função primeira é a beleza, por exemplo eu posso não comer, mas vou a cabeleleira, eu posso não dormir mais a minha maquiagem tampa as olheiras. Mas sempre no sentido de estar sedutor, está sedutor, está sedutor..porque? Tem um mito grego que diz que os seres humanos no início da criação tinha duas faces uma para cada lado e que um deus partiu as criaturas pelo meio. Então é por isso que a gente anda buscando a nossa outra metade, eu acho isso totalmente imbecil, pois eu não sou metade de nada eu sou uma coisa inteira e a gente percebe como as meninas quando não tem namorado elas não estão bem, estão sempre procurando a sua metade á partir disso elas precisam sempre estar produzidas ou para conquistar esta outra metade, ou para manter esta outra metade que elas já conseguiram. Corpo para sedução, tem exceções sim, mas na maioria eu percebo isso. Eu sou professora já há 30 anos, e a gente aprende a usar o corpo também na sala de aula. Na sala de aula, eu puxo uma cadeira para trás, para frente da mesa porque a mesa do professor a gente tem que usar, e mesmo que você não queira se diferenciar do grupo você usa porque você chega com computador, com materiais e aquela mesa grandona, você usa aquela mesa. Então, se é uma aula que eu quero mais participação eu puxo uma cadeira para frente da mesa, a mesa fica para trás. Então assim eu percebo se eu fizer isto, eles participam mais. Se é uma aula mais expositiva eu fico em pé, caminhando e falando, então os alunos adotam uma postura de recebedores porque dentro das aulas tem aulas que são expositivas mesmo eu quero que eles escutem, depois a gente até discute. Eu não posso discutir uma coisa que o aluno não sabe o que eu estou falando tá. Ah! Vamos discutir os injetáveis? Primeiro eu tenho que explicar o

Anexo B

que é um injetável, o que é a pílula, o que é o DIU. Depois eu puxo a cadeira para frente, e eu quero saber da vivência dela e se eu perguntar da vivencia .elas não falam., eu sento elas falam.Assim de certa forma eu acho assim o corpo como instrumento de comunicação pensadamente. Tom voz...Você já esteve comigo em reunião de departamento, já percebe como sua voz é instrumento?Se você quer defender uma posição você fala em um tom mais grave, um pouco mais alto todo mundo fica assim oh.. porque a voz tem autoridade, você modula a voz.Daí você fala “ ah isso é manipulação”. Não, não é, é instrumento. E eu nunca li isso em nenhum livro, mas você começa a perceber e aprender. Assim na aula eu percebo o corpo inteiro. No campo de estágio, por exemplo, a eu quero ouvir o aluno entrevistando as pacientes na consulta de enfermagem, e se eu ficar a vista o aluno não funciona, ela gagueja, ele olha para mim, ele pede ajuda com os olhos ele não assume,porque o papel de liderança do professor é muito forte e ele não consegue assumir a liderança da consulta.

Então eu vou para trás do biombo, é tão engraçado! Eu saio do campo visual do aluno e fico atrás tipo tirando o pé, arrumando as coisas da mesa do exame, fazendo nada lá atrás e aí ela começa a entrevista. Eu falo um monte com elas sobre isto, que quando eu entro lá atrás eu quero escutar, pois se eu fico na frente vocês ficam pedindo socorro o tempo inteiro e a paciente também ficam porque como eu sou uma figura mais velha do que as alunas, as pacientes se dirigem para mim. Então, você se ausenta, a presença do professor é sempre uma coisa que intimida o aluno, pois ele sempre acha que a gente está avaliando. Eu dou risada, é muito divertido meu estágio.Na sala de aula eu tenho um aluno que me chamou de tiranossauro (risos) porque na sala de aula eu ainda quero um ambiente socrático, com diálogo, de tudo mas sem bagunça,sem gente falando no celular, sem gente cochichando eu não admito.Issso aqui não é uma mesa de boteco, não é uma reunião social, é uma sala de aula não está a fim? Não está amarrado na carteira, levanta vai embora, some. E vai levar falta também. Então vira e mexe tem aluno conversando, eu mando sair da sala e tal e eles criam a impressão que eu sou brava, mas eu não sou brava só não gosto de palhaçada.No campo de estágio, também como gente mexe com a dor humana, eu não estou em um lugar de catástrofe, mas no consultório de saúde e da mulher a gente percebe que a s mulheres usam isso como um confessorário quando você começa a perguntar a respeito de sexualidade, de família, de trabalho elas usam os nossos ouvidos para desabafar,então tem dias que eu vejo as alunas terminarem uma consulta e olhar para mim com um olhar terrivelmente depressivo e dizem assim: meu Deus ,isto que é vida de uma mulher?É isso que é ser mulher , casada depois de 20 anos de casada?É assim que a gente fica? Elas expressam isto muitas vezes, e falam “Deus me livre eu não quero casar nem ter filhos”.As histórias tristes aparecem principalmente porque as mulheres que nós atendemos, da unidade básica, que é uma comunidade mais pobre a vida não são engraçadas.O que eu sempre digo eu deixo elas entenderem toda a desgraça daquele modelo, e pergunto que tipo de modelo você vai querer reproduzir, isto aqui.?Sem esta de vitimização que a mulher é uma sofredora, oprimida,mas a nova geração já tem que assumir novas posturas, para não reproduzir..pois a discussão da questão e gênero chega neste ponto porque? Chega neste ponto porque a mulher permiti ou até procura esta relação de dependência com o homem.Eu tenho duas filhas casadas,,minhas filhas tem 29 e 30 anos de idade e as duas são casadas e as duas tem modelo para escolher, e eu percebo assim que uma dela tem empregada, o marido ganha bem está fazendo doutorado viaja muito. Tem então aquela coisa então, ela não é dona de casa nunca teve perfil de dona de casa, e o marido tem

Anexo B

dinheiro para pagar empregada, então ninguém ali faz tarefa doméstica,mas no final de semana eu percebo como é natural meu genro fazer comida, e as vezes ele está lavando louça quando ela está no computador, ou vice-versa.A minha outra filha, mais nova,às vezes eu ligo, e ela diz que o marido dela está lavando o banheiro, pois eles são mais curtos de grana e não tem empregada.. Eles fazem escala de serviço dentro de casa,eles alternam o trabalho de casa,porque os dois trabalham,e eu conto estas histórias das minhas filhas para as alunas e mostro também modelos diferente de mulheres,afinal elas estão estudando, trabalhando,vivem de forma diferente.
